

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO E
DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

JAQUELINE CEREZOLI

**FUNÇÕES DO ELEMENTO AGORA EM DEPOIMENTOS DE MULHERES COM
POUCA OU NENHUMA ESCOLARIZAÇÃO RESIDENTES NA COMUNIDADE
RURAL DE CUBATÃO-PR**

CASCADEL – PR

2019

JAQUELINE CEREZOLI

**FUNÇÕES DO ELEMENTO AGORA EM DEPOIMENTOS DE MULHERES COM
POUCA OU NENHUMA ESCOLARIZAÇÃO RESIDENTES NA COMUNIDADE
RURAL DE CUBATÃO-PR**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Doutora em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Descrição dos fenômenos linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella

CASCADEL – PR

2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Cerezoli, Jaqueline
FUNÇÕES DO ELEMENTO AGORA EM DEPOIMENTOS DE MULHERES COM
POUCA OU NENHUMA ESCOLARIZAÇÃO RESIDENTES NA COMUNIDADE
RURAL DE CUBATÃO-PR / Jaqueline Cerezoli; orientador(a),
Aparecida Feola Sella, .
2019 f.

Tese (doutorado), Universidade Estadual do Oeste do
Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação
e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, .

1. Agora. 2. Língua falada. 3. Articuladores textuais.
4. Dêitico temporal. I. Feola Sella, Aparecida. II. Título.

CEREZOLI, Jaqueline. Funções do elemento **agora** em depoimentos de mulheres com pouca ou nenhuma escolarização residentes na comunidade rural de Cubatão-PR. 2019. 168 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella

RESUMO

Investigamos o elemento **agora** em recortes da fala de mulheres com pouca ou nenhuma escolarização, com idade superior a sessenta anos, moradoras da comunidade rural localizada no interior do litoral paranaense, denominada “Comunidade rural do Cubatão”. Essa localidade faz parte do município de Guaratuba-PR e situa-se geograficamente na divisa entre os Estados de Santa Catarina e do Paraná. Para a composição do *corpus* foram realizadas, entre os anos de 2016 e 2017, entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro serviu para estimular o máximo possível a fala espontânea, com o objetivo de se gerarem dados passíveis de investigação linguística na área da Análise da Conversação, seguindo-se orientação teórico-metodológica do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta do Brasil (NURC). As análises possibilitaram a verificação de diferentes funções do elemento **agora** como indício ora de marcador discursivo ora de elemento adverbializador. Diante das análises às quais foi submetido o *corpus*, é possível afirmar que as informantes recorrem ao elemento **agora**, de forma mais evidente, para organização do fluxo do texto oral-dialogado, o que segue basicamente os usos já descritos em pesquisas desenvolvidas no âmbito do NURC. Contudo, foram observados usos ainda não explorados nas obras consultadas, o que pode ser um aceno de que no contexto de área rural, com o nível de escolarização em tela, o elemento **agora** exibe funcionamentos distintos daqueles propostos não só pelos estudos gramaticais tradicionalistas, mas também de outras pesquisas que tiveram como foco a investigação do elemento em pauta. Tais funções envolvem usos que vão além da do funcionamento do adverbial de tempo e de funções até mesmo típicas de usos de norma urbana. Pode-se afirmar, com o desenvolvimento desta pesquisa, que a gramaticalização do vocábulo se atrela a funções múltiplas na organização textual. Espera-se que esta investigação possa auxiliar as pesquisas que se destinam a analisar o perfil de falantes residentes em zonas rurais, o que pode indicar uma descrição do português falado por minorias, no caso do texto oral-dialogado.

PALAVRAS-CHAVE: **Agora**, Língua falada, articuladores textuais.

CEREZOLI, Jaqueline. Functions of the element now in testimonies of illiterate and semi-illiterate women residents in the rural community of Cubatão-PR.

Abstract

We investigate the speech of illiterate and semi-illiterate women, aged over sixty, who live in the rural community located in the interior of the Paraná coast, called "Comunidade Rural Cubatão". This locality is part of the municipality of Guaratuba-PR and is geographically located on the border between the states of Santa Catarina and Paraná. The corpus under investigation consists in the occurrences of the element now, recurrent in the speech of the informants. For the composition of the corpus, between 2016 and 2017, semi-structured interviews were conducted, whose script served to stimulate as much as possible spontaneous speech, in order to generate data that could be investigated in the area of Conversation Analysis, following the theoretical-methodological orientation of the Projeto da Norma Urbana Linguística Culta do Brasil (NURC).

The analyzes made it possible to verify different functions of the now as evidence of either discursive marker or adverbializing element. Given the analyzes to which the corpus was submitted, it is possible to state that the informants use the now, more clearly, to organize the flow of oral-dialogued text, which basically follows the uses already described in research developed under the NURC. However, uses not yet explored in the consulted works were observed, which may be a sign that in the context of rural area, with the level of schooling on screen, the element now exhibits different functions from those proposed not only by traditionalist grammar studies, but also from other research that focused on the investigation of the element in question. Such functions involve uses that go beyond the operation of the adverbial of time and even typical urban norm uses. It can be affirmed, with the development of this research, that the grammaticalization of the word is linked to multiple functions in the textual organization. It is hoped that this research can help research aimed at analyzing the profile of rural residents, which may point to a description of Portuguese spoken by minorities in the case of oral-dialogued text.

Key words: Now, Spoken Language, Text Articulators

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 – Critérios para transcrição de dados.....	94
Quadro 2 – Descrição das informantes.....	88
Figura 1 – Mapa Cubatão, Guaratuba (PR)	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 DO ADVÉRBIO TEMPORAL AO MARCADOR DISCURSIVO: REFLEXÕES SOBRE O USO DO ELEMENTO AGORA	16
1.1 ESTUDOS SOBRE O ELEMENTO AGORA	16
1.2 AGORA COMO CIRCUNSTANCIAL DE TEMPO: O CASO DOS ADVÉRBIOS.....	26
1.2.1 Estudos sobre a classe dos advérbios	27
1.2.2 Estudos da classe dos advérbios na gramática do português falado	33
1.2.3 Advérbios circunstanciais de tempo	38
1.2.3.1 <i>Reflexões sobre a noção de tempo</i>	39
1.2.4 Advérbios durativos e pontuais.....	43
1.2.5 A foricidade dos elementos circunstanciais de tempo	47
1.2.5.1 <i>Anáfora indireta</i>	51
1.2.6 Considerações.....	53
1.3 ESTUDOS SOBRE GRAMATICALIZAÇÃO	54
1.3.1 Gramaticalização do elemento agora	56
1.3.2 Discursivização.....	58
1.3.3 Considerações.....	59
1.4 SOBRE MARCADORES DISCURSIVOS.....	60
1.4.1 O que são marcadores discursivos.....	61
1.4.2 Características dos MDs: aspectos convergentes entre as teorias de Schiffrin (1987), Fraser (1999) e a GTI.....	65
1.4.3 Características dos MDs: aspectos divergentes entre as teorias de Schiffrin (1987), Fraser (1999) e a GTI.....	68
1.4.4 Considerações.....	70
1.5 ESTUDOS DE LÍNGUA FALADA	70
1.5.1 Sobre o NURC.....	70
1.5.2 Campo de estudo da Análise da Conversação.....	71
1.5.3 Elementos típicos da fala.....	75
1.5.3.1 <i>Tópicos discursivos</i>	75
1.5.3.2 <i>Pares adjacentes</i>	78
1.5.3.3 <i>Turno Conversacional</i>	80

1.5.3.4	<i>Princípio da Preservação das Faces</i>	82
1.5.4	Considerações.....	84
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	85
2.1	ESCOLHA DA COMUNIDADE ESTUDADA.....	85
2.1.1	Sujeitos da pesquisa.....	90
2.2	METODOLOGIA PARA GERAÇÃO DOS DADOS.....	91
2.3	TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL	93
2.4	MÉTODOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS.....	95
3	ANÁLISE DO CORPUS	101
3.1	AS OCORRÊNCIAS DE DÊITICOS TEMPORAIS E SUA RELAÇÃO NO ÂMBITO DO ENUNCIADO	101
3.1.1	Função prototípica	102
3.1.2	Foricidade desempenhada por agora	103
3.1.2.1	<i>Relações entre o elemento agora e os operadores argumentativos só que e mas</i>	104
3.1.2.2	<i>Relações do elemento agora com a forma verbal <i>era</i></i>	112
3.1.2.3	<i>Relações do elemento agora com formas que desencadeiam comparação</i>	116
3.1.2.4	<i>Atuação do elemento agora sobre a significação de formas nominais</i>	120
3.1.3	Discurso direto introdutor de discurso indireto.....	128
3.1.4	Síntese das análises.....	130
3.2	ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DE AGORA COMO MARCADOR DISCURSIVO	132
3.2.1	Agora como MD de contraste	132
3.2.2	Articulação intertópica	135
3.2.3	Articulação intratópica	141
3.2.3.1	Agora mais modalização epistêmica.....	143
3.2.3.2	Agora e o silêncio significativo.....	147
3.2.3.3	<i>Planejamento</i>	149
3.2.4	Síntese das análises.....	150
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
	REFERÊNCIAS	157
	ANEXOS	161

INTRODUÇÃO

No curso de mestrado, tivemos a oportunidade de realizar investigação de campo em uma comunidade rural. À época, foram observadas, no comportamento dos falantes, questões linguísticas passíveis de análise, apesar de não ter sido esse o foco do estudo naquele período, como pode ser verificado em Cerezoli (2009). A partir dessas investigações, das leituras realizadas no curso de mestrado, das disciplinas do doutorado e da nossa experiência enquanto docente no Colégio Estadual do Campo Cubatão, localizado na comunidade do Cubatão – interior do município de Guaratuba-PR, foi observada a existência, naquele contexto, de peculiaridades que indicavam se tratar de um campo de pesquisa a ser explorado pelos estudos linguísticos.

A nossa experiência como docente na Escola Estadual do Campo Cubatão proporcionou certo contato com os moradores desse local. Observou-se, naquele período, que a dificuldade de deslocamento e a distância das áreas urbanas fazem com que os habitantes dessa área, principalmente aqueles mais idosos e com menos recursos, habitem espaços isolados dos centros urbanos. Chamou-nos a atenção inclusive o grande número de pessoas idosas não escolarizadas moradoras da região. À época, em contato com a comunidade, seus costumes e seu modo específico de falar, surgiu o interesse em se investigarem questões relativas às Crenças e Atitudes Linguísticas, isso porque, devido a sua formação étnica e sua posição geográfica, e a outras peculiaridades, tais como o isolamento das áreas urbanas e o pouco acesso às tecnologias, aquele poderia ser um espaço passível de investigação de questões relativas aos usos da língua no local em que se misturam sotaques e escolhas lexicais inerentes tanto às comunidades caiçaras, quanto às comunidades catarinenses próximas.

Após a escolha da comunidade como foco da pesquisa, bem como o interesse em se investigarem as Crenças e Atitudes Linguísticas dos falantes, em relação a si próprios e aos falares externos à comunidade, procedeu-se entrevista semiestruturada por meio de roteiro pré-estabelecido, conforme orientações do Projeto CAL¹. Diante das entrevistas inicialmente coletadas, observou-se que, na resposta à pergunta que incitava as informantes a contarem seus relatos de vida, as

¹ Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas (CAL), desenvolvido por Aguilera (2009).

mulheres entrevistadas falavam mais espontaneamente. Ao se proceder à análise inicial desse material, observamos questões que não só se distanciavam da proposta inicial², mas também revelavam que as informantes faziam usos recorrentes de conectivos para organização do fluxo do texto oral-dialogado, dos quais o elemento **agora** pareceu ter maior destaque. Dessa forma, diante de dados que acenavam para usos do elemento **agora**, distintos daqueles propostos pelos estudos mais tradicionalistas, optamos, em conjunto com a orientadora, investigar questões relativas ao uso desse elemento naquela localidade, a fim de analisar se essa característica estaria atrelada aos falares daquela comunidade específica, ou se estaríamos diante de um processo natural da língua coocorrente nos mais diferenciados contextos. A partir daí, o desenvolvimento desta pesquisa teve como foco a compreensão de como mulheres com pouca ou nenhuma escolarização, moradoras dessa comunidade, faziam uso de estratégias linguísticas para organizar sua fala, principalmente pelo uso recorrente do elemento **agora**.

Para tanto, fez-se necessário recorrer aos estudos desenvolvidos sob orientação do arcabouço teórico-metodológico do Projeto Norma Urbana Linguística Culta (doravante NURC), que partem do princípio de que as estruturas linguísticas estão diretamente atreladas às suas funções discursivas, e que compreendem a situação comunicativa como motivadora dos fatos da língua. Essa corrente teórica acolhe como objetos de pesquisa usos linguísticos que não foram alvos de estudo ao longo da tradição gramatical. Nessa perspectiva, os elementos linguísticos são observados de acordo com sua transformação de sentido e de forma no interior da língua em uso, o que tem como resultado assumirem funções distintas de sua prototipicidade original.

Tendo isso em vista, para composição do *corpus* de análise, optamos por realizar entrevistas, desenvolvidas conforme orientações do NURC, tendo como sujeitos de pesquisa um grupo de oito mulheres, com pouca ou nenhuma escolarização, com idade superior a sessenta anos e moradoras da comunidade em estudo. Sendo assim, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas que buscaram estimular ao máximo a fala espontânea com o objetivo de que fossem gerados dados suficientes para uma investigação cujo foco está na língua falada.

² Conforme será mais bem descrito no capítulo da metodologia, optou-se, nesse ponto da pesquisa, por proposta teórico-metodológica distinta daquela relativa às Crenças e Atitudes Linguísticas.

A partir da observação da recorrência do elemento **agora** na fala das Informantes, surgiu o interesse em se verificar de que maneira o uso desse elemento se assemelha ou se distancia dos usos descritos por trabalhos já publicados, isso porque pesquisas atreladas ao NURC há tempos anunciam que o elemento **agora**, tradicionalmente considerado adverbializador com marca temporal, desempenha, no uso da língua, papéis distintos, seja como adverbializador com nuances diferenciadas daquelas reconhecidas pela gramática tradicional, seja como inicializador de tópico utilizado pelo falante como ferramenta de organizador do fluxo textual no sentido de oferecer ao ouvinte pistas sobre as intenções comunicativas do falante. A partir daí, iniciamos a investigação em pesquisas já publicadas que tiveram o elemento **agora** como pauta, conforme pode ser observado no Capítulo 1.

Por meio de pesquisa exploratória por palavra-chave no banco de dados da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), realizamos a consulta às teses e dissertações que analisaram o elemento **agora** em textos escritos e falados. Tais estudos indicam que o elemento **agora** vem sendo explorado sob enfoques que vão além da abordagem tradicional do advérbio de tempo. Os autores investigados, em diferentes perspectivas, assinalam que esse elemento possui em seu escopo, além de suas funções de marcador temporal, propriedades discursivas. Tais pesquisas tiveram como foco tanto a língua escrita (RODRIGUES, 2002, 2009; SOUZA JÚNIOR, 2005; FABRI, 2013), quando foram analisados dados relativos a textos de diferentes tipologias, quanto à língua falada (DUQUE, 2002; RISSO, 2002; SILVA, 2010; RIBEIRO, 2010; FABRI, 2013; LIMA, 2014; FIGUEIREDO, 2015; OLIVEIRA, 2018), em que se investigaram principalmente contextos urbanos de grandes cidades brasileiras³. Contudo, não foram encontradas pesquisas que tivessem como pauta investigar os usos do elemento **agora** em um ambiente não escolarizado e não urbano.

Partindo da compreensão de que o *corpus* desta tese, por ter como foco dados orais de moradoras não escolarizadas de áreas rurais, distancia-se dos *corpora* investigados nos trabalhos já publicados, surgiu o interesse em verificar se os usos do elemento **agora**, nesse contexto, marcariam uma característica da fala local – já que se trata de uma comunidade que faz usos específicos da língua, como no nível fonético, morfológico e de concordância, como poderá ser observado nas

³ Os autores analisaram dados orais de *corpus* do NURC-UFRJ e de outros projetos como o PEUL-UFRJ, dentre outros.

transcrições das entrevistas – ou se estaríamos diante de um fenômeno próprio do *continuum* variacional da língua em si (BORTONI-RICARDO, 1998), que ocorreria de formas semelhantes a outros contextos urbanos mais escolarizados, tais como aqueles que foram foco das pesquisas já publicadas.

O desenvolvimento desta investigação se baseou nos pressupostos da Análise da Conversação (doravante AC), que tem por escopo verificar os elementos da língua em funcionamento em sua modalidade falada. Somado a isso, está a importante contribuição dos estudos derivados do Projeto NURC, a exemplo do Projeto Gramática do Português Falado, que “veio responder à necessidade de se proceder a uma descrição cuidadosa do português do Brasil a partir de um plano previamente estabelecido, a ser executado por equipes de pesquisadores experimentados” (CASTILHO, 1990, p. 9).

Apesar de os estudos gramaticais mais tradicionalistas no Brasil, que geralmente entendem a língua enquanto sistema e vêm considerando, ao longo de séculos, os preceitos da Gramática Tradicional (doravante GT), como sendo o modelo de língua a ser seguido, o campo de pesquisas em linguística há tempos caminha para a descrição da língua em funcionamento e reconhece em inúmeras pesquisas outras modalidades ignoradas pela GT. Grupos como aqueles atrelados ao NURC⁴ têm desenvolvido trabalhos que analisam mais atentamente o funcionamento da língua em sua versão oral com o objetivo de compreender as particularidades da língua em uso. Apesar disso, são escassas as pesquisas⁵ que dão conta da língua falada em contextos linguísticos minoritários, já que, a exemplo dos trabalhos desenvolvidos pelo NURC, os *corpora* analisados são geralmente advindos de falantes urbanos cultos. Assim, investigar um grupo linguístico não culto, de habitantes de uma zona rural, pode contribuir para os estudos do funcionamento da língua portuguesa em uso de maneira inédita.

Na tese partimos da ideia central de que alguns elementos linguísticos outrora reconhecidos por determinadas funções, no uso diário da língua, assumem empregos distintos, seja desempenhando seu papel já reconhecido pela tradição gramatical, ou até mesmo trabalhando como organizadores do fluxo do texto oral-

⁴ De acordo com Ilari (2008), a partir das entrevistas coletadas pelo projeto NURC, tiveram início grupos de estudo compostos por “equipe numerosa e altamente qualificada”, que desenvolveram projetos como o Projeto da Gramática do Português Falado, o qual deu origem a publicações basilares para o estudo de língua portuguesa no Brasil, como a série de livros denominada Gramática do Português Culto Falado no Brasil.

⁵ Como poderá ser verificado no histórico apresentado no referencial teórico.

dialogado, como no caso dos *marcadores discursivos*. Abordar o fenômeno da gramaticalização também se mostrou necessário, uma vez que a discussão teórica realizada parte de concepções tradicionais para a avaliação do funcionamento dos elementos linguísticos. Tratando-se de uma comunidade de fala específica, a tese busca discutir de que maneira essas mudanças no interior da língua em uso se assemelham ou se distanciam, nesse contexto, de outros ambientes urbanos mais escolarizados.

Levando-se em conta que a comunidade sob estudo até o momento não foi pauta de análise, a proposta da tese é justificada, portanto, diante da escassez de estudos que investigaram o elemento **agora**, considerando-se a língua falada em contextos minoritários como o de falantes com nenhuma ou pouca escolarização e habitantes de comunidades rurais. Por sua vez, a proposta de investigação desse elemento se pauta na necessidade de se analisarem as funções desempenhadas por itens linguísticos na língua em uso, dos quais **agora** é figurativo, com o intuito de contribuir para a descrição da língua portuguesa brasileira, falada não somente por representantes urbanos cultos, mas que seja representativa dos multifalares também em contextos minoritários, como é o caso da comunidade em foco. A escolha desse elemento é justificada a partir de sua representatividade de ocorrências no *corpus*, o que é indicativo de um uso que vem se cristalizando na localidade, a exemplo do que vem ocorrendo em outros contextos, como os que foram analisados por investigações já publicadas. Dessa forma, ao se considerarem as particularidades da língua no ato da fala, compreende-se que, no interior do sistema linguístico, algumas construções são mais estáveis do que outras. Tendo isso em vista, considera-se que os diferentes usos de elementos linguísticos justificam pesquisas que têm por objetivo conhecer mais profundamente o funcionamento da língua.

A partir do explicitado, a tese tem por objetivo geral: investigar se as funções variadas assumidas pelo elemento **agora** ocorrem nesse contexto de maneira a marcar uma característica da fala local; ou se ocorrem de formas semelhantes aos contextos urbanos e escolarizados, o que seria indicativo de um fenômeno próprio do *continuum* variacional da língua. Os objetivos específicos residem em: a) investigar o uso do elemento **agora** na fala de mulheres com pouca ou nenhuma escolarização, moradoras de uma comunidade rural; b) refletir sobre as funções do elemento em questão em situações reais de uso da língua; c) verificar se os usos desse elemento se diferenciam daqueles investigados em trabalhos anteriores; d)

descrever possíveis usos diferenciados, que ora acenam para a função de elemento adverbializador ora para organizador do fluxo do texto oral-dialogado; e) verificar se os usos do elemento **agora** nessa comunidade específica são capazes de caracterizar a fala local ou se são parte do processo variacional do *continuum* da língua.

Assim, considerando-se o contexto estudado, em que são investigadas as falas de mulheres com pouca ou nenhuma escolarização moradoras de uma comunidade rural afastada das áreas urbanas, tendo em vista os trabalhos já publicados em que o elemento em questão foi investigado, a tese ora apresentada é a seguinte: as funções variadas assumidas pelo elemento **agora** ocorrem nesse contexto de formas bastante semelhantes aos contextos urbanos e escolarizados, o que indica que esse fenômeno é próprio do *continuum* variacional da língua e não um indicador de fala local.

A tese está organizada em três capítulos. O primeiro dispõe sobre o referencial teórico adotado como base para as reflexões da pesquisa. Inicialmente, apresentam-se estudos que tiveram como foco as análises do elemento **agora**, desde os gramáticos tradicionais até estudos mais atuais a respeito desse tema. O fenômeno da gramaticalização é abordado na sequência e, após essa discussão, apresenta-se reflexão teórica sobre os *marcadores discursivos*, o que é feito sob três perspectivas, quais sejam os estudos de Schiffrin (1987), Fraser (1999) e da Gramática Textual Interativa (GTI). Na sequência são exploradas questões relativas aos estudos de língua falada e sua importância para as análises do elemento **agora**. O segundo capítulo versa sobre a metodologia que norteou o fazer científico da tese, tanto com relação à geração de dados, como aos métodos de análise utilizados. Por fim, o terceiro capítulo, relativo às análises, está dividido em dois grandes subtópicos: o primeiro apresenta as reflexões acerca das ocorrências em que o elemento **agora** é considerado como dêitico temporal. Nesse subtópico, o elemento **agora** é analisado sob o enfoque das relações que desempenha no âmbito do enunciado e na articulação do texto falado. São verificadas questões como as relações fóricas, articulação textual e **agora** atuando como elemento modificador. No segundo subtópico, verifica-se a ocorrência do elemento **agora** como marcador discursivo, ou seja, são avaliadas questões inerentes à organização do fluxo textual que seriam relativas à conectividade e topicalização. O corpus analisado é composto de recortes das entrevistas em que se observou a ocorrência do elemento **agora**. A ordem em

que os recortes aparecem não é aleatória, mas segue ordem numérica de acordo com a ocorrência no capítulo de análises⁶. A ordem das informantes não é considerada, pois os recortes foram organizados de acordo com as categorias de análise propostas no capítulo 3

⁶ Os exemplos citados no referencial teórico e no capítulo da metodologia obedecem à mesma numeração do capítulo 3, pois se tratam das mesmas ocorrências.

1 DO ADVÉRBIO TEMPORAL AO MARCADOR DISCURSIVO: REFLEXÕES SOBRE O USO DO ELEMENTO **AGORA**

A tradição gramatical reconhece o elemento **agora** como pertencente à categoria dos advérbios, que seria, de acordo com os estudiosos dessa área, a classe que engloba palavras que de alguma maneira modificam o verbo, um adjetivo ou o próprio advérbio. Nessa perspectiva, **agora** funcionaria como elemento que traz em seu próprio escopo uma relação sempre voltada para marcas de tempo e atua na modificação de uma forma verbal.

Tendo isso em vista, com o objetivo de compreender de que maneira **agora** tem sido analisado por diferentes pesquisas já publicadas, apresentam-se investigações voltadas a esse elemento de maneira a traçar, em linhas gerais, os caminhos percorridos no campo da linguística que possibilitaram as reflexões apresentadas na tese. O levantamento bibliográfico realizado sobre os estudos do elemento **agora** busca delimitar o campo de pesquisa, bem como compreender de que maneira esses estudiosos têm analisado esse elemento. No que concerne ao estudo das gramáticas e as pesquisas mais relevantes, como Schiffrin (1987) e Riso (2002), o levantamento foi realizado por meio de investigação exploratória, verificando principalmente a citação desses trabalhos em pesquisas acadêmicas. Também foram investigadas teses de doutoramento e dissertações de mestrado, por meio do banco de dados da Capes, relativo ao campo de estudos da linguística, utilizando-se os critérios de pesquisa por palavra-chave.

1.1 ESTUDOS SOBRE O ELEMENTO **AGORA**

Ao analisar mais especificamente a classe dos advérbios, Câmara Jr. (1979, p. 122) apresenta a evolução de **agora**, destacando as origens etimológicas dessa palavra. O autor relembra que a forma arcaica *Nunc*, do latim clássico, “neste momento”, foi substituída, no latim vulgar, por vezes, pela locução ablativa *ac hora* e, por outras, pelo ablativo *hora*. Essas formas deram origem, no português, respectivamente, a **agora** e *ora*. Por sua vez, Cunha e Cintra (1985) avaliam primeiramente que **agora** seria advérbio de tempo e, posteriormente, palavra denotativa de situação, juntamente com *afinal*, *então*, *mas* etc. Contudo, os autores declaram em suas análises que “elementos por vezes classificados como advérbios

não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio e são por vezes de classificação extremamente difícil” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 541)⁷.

De acordo com Ilari (2007), alguns advérbios, particularmente dêiticos, poderiam aplicar-se a unidades cujas dimensões ultrapassam os limites dos constituintes e da sentença. Para o autor, o advérbio **agora** poderia ser aplicado a segmentos de amplitude e natureza linguística diferentes.

Neves (2000) aponta a ampliação temporal que o advérbio **agora** pode apresentar. Ao tratar desse item, a autora considera o tempo não cronológico, sem ligação com o calendário. Conforme argumenta, os advérbios que não estão relacionados a escalas concretas de mediação, como **agora**, não manifestam um momento fisicamente delimitado, também apresentam variação de abrangência, o que poderia reduzir-se a um mínimo (pontual), mas poderiam exprimir períodos maiores ou menores, relacionados não só ao presente como ao passado ou ao futuro, isso quando tocam o momento da enunciação ou se aproximam dele (NEVES, 2000).

O trabalho de Schiffrin (1987) é pioneiro no que concerne ao estudo exaustivo do advérbio *now*⁸ e seu homônimo, o marcador discursivo. Em sua pesquisa, além das formas *then* e *but*, a autora também investigou o impacto das propriedades dêiticas de *now* como organizador do fluxo textual. Destaca que *now* funcionaria como sinalizador de uma progressão do falante no tempo do discurso por despertar atenção ao que vem a seguir. Para a autora, a distinção entre o advérbio e o marcador *now* só seria possível por meio da observação do contexto.

Risso, Silva e Urbano (1996), após estudos relativos ao discurso na linguagem oral, apresentaram um conjunto de palavras ou locuções envolvidas no “amarramento” textual das porções de informações que são utilizadas progressivamente ao longo da interação entre falantes. Dentre as formas gramaticais mais frequentes, encontram-se **agora**, *então*, *depois*, *aí*, *mas*, *bem*, *bom*, *enfim*, *finalmente*. Para os autores, elementos como esses estão diretamente envolvidos no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto durante o ato interacional. Em artigo denominado *Agora o que eu acho é o seguinte: um aspecto*

⁷ A reflexão acerca do histórico dos estudos de **agora** nas gramáticas tradicionalistas já foi exaustivamente tratada em estudos como o de Rodrigues (2002, 2009), Duque (2002), Gryner (2008), dentre outros.

⁸ Schiffrin (1987) analisou o elemento *now*, que, apesar de corresponder à forma em português **agora**, difere-se deste em alguns aspectos. As análises da autora serão consideradas para a tese, mas o leitor deve estar atento ao fato de que se trata de elementos distintos.

da articulação do discurso no português falado⁹, Risso (2002, p. 33) analisou **agora** mais especificamente e constatou que, enquanto unidade do âmbito textual, esse elemento “não é desencadeado pela forma interrogativa quando”, como também não é “parafrazeável por atualmente e neste momento” e “não é passível de enquadrar-se como foco de orações clivadas”. Observou que, embora adote a função de marcador de estruturação discursiva, esse elemento não perde totalmente os elos com a significação do **agora** dêitico, uma vez que, apesar de ocorrer um esvaziamento semântico, “há um componente essencialmente dêitico característico da significação dos advérbios, como unidade indicadora das coordenadas temporais da situação comunicativa” (RISSO, 2002, p. 53). Para a autora, o que ocorre não seria necessariamente perda de função, mas aquisição de diferentes usos. No campo da atuação discursiva, destaca aspectos relacionados à articulação – intertópica e intratópica – que a forma promove. De acordo com suas análises, “o marcador promove a abertura de tópico ou o seu encaminhamento”, além de, “como operador de coesão no âmbito textual, **agora** se particulariza por sua condição de elemento não integrante da estrutura sentencial” (RISSO, 2001, p. 53, grifo nosso).

O trabalho de Gryner (2008) investigou as nuances relacionadas ao elemento **agora** no capítulo denominado *A emergência das construções contrastivas introduzidas por agora*. Gryner (2008) aborda em seu texto a questão da função contrastiva exercida pelo item linguístico **agora** em relação de oposição ao advérbio temporal homônimo. Ao analisar as ocorrências do item em um *corpus* de falantes da cidade do Rio de Janeiro, destaca, principalmente, a estrutura contrastiva desencadeada por esse elemento. Com base nos estudos da gramaticalização, afirma que existem vários níveis de atuação do contrastivo **agora** no que se refere à “oposição entre fatos, eventos ou estados anteriores” (GRYNER, 2008, p. 209). Conclui que o item linguístico em estudo foi introduzido gradualmente entre os conectores contrastivos, igualando-se ao conectivo prototípico, mas em valor de contrajunção.

Foram também publicados no Brasil importantes estudos relacionados ao elemento em pauta, que, sob diferentes aspectos, concebem-no como exercendo funções bastante diferenciadas daquelas propostas pelas gramáticas tradicionais.

⁹ A leitura do artigo elaborado por Risso (2002) motivou os estudos aventados pela tese, o que o torna uma das principais referências utilizadas.

Dentre eles, destacam-se teses e dissertações defendidas a partir de 2002¹⁰, que indicam a necessidade de se atentar para estudos minuciosos que concebam elementos como **agora** não somente como item gramatical, mas que descrevam sua atuação holística como componente linguístico e sua importância como articulador do discurso. São citadas, dessa forma, teses e dissertações publicadas no Brasil que versam sobre o estudo do elemento **agora**.

Paulo Henrique Duque defendeu, em 2002, a dissertação intitulada *O elemento agora sob o enfoque da gramaticalização*, texto que originou trabalhos posteriores e é referência para pesquisas que abordam o tema. Em suas discussões, o autor analisou dados orais – retirados dos *corpora* do projeto PEUL¹¹ – referentes ao funcionamento de **agora** como conjunção contrastiva. Para Duque (2002), **agora** é juntivo quando está envolvido em relação de contraste entre as orações, situação em que atua no nível sintático e exerce a função de conector interoracional. Nesse caso, **agora** seria parafraseável por *mas*, o que não ocorreria nos casos em que **agora** exerce função de marcador temporal. Em suas análises, Duque (2002) demonstrou que **agora** não está totalmente gramaticalizado, pois não apresenta posição fixa no início da sentença; possibilidade de coordenar termos; não exibe uma relação anafórica com o enunciado inicial, por não possuir valor de circunstância; impossibilidade de focalização, seja por clivagem, seja por meio de advérbios focalizadores (DUQUE, 2002).

Também no ano de 2002, Fernanda Costa Demier Rodrigues defendeu a dissertação denominada *Prototipicidade e estabilidade funcional de agora*, trabalho que teve por objetivo analisar a gramaticalização desse elemento. Após analisar dados escritos de diferentes tipologias, a autora evidenciou em suas análises que **agora** não exerceria somente a função prototípica de advérbio de tempo, mas que passaria, dependendo do contexto, a exercer outras funções, o que pode ser verificado, segundo a autora, com a ampliação da referência do momento presente para momento futuro ou passado, pois, segundo o que analisa, quando a função de marcador temporal se amplia, o termo abandona gradativamente as características de sua categoria prototípica básica, o que aumenta o seu escopo e a partir daí

¹⁰ A pesquisa de Duque (2002) foi a mais antiga encontrada no banco de dados de Teses e Dissertações da Capes, conforme busca realizada por palavra-chave.

¹¹ Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

passaria a exercer uma função mais discursiva como conector clausal ou operador discursivo (RODRIGUES, 2002).

As hipóteses defendidas pela autora indicam que o advérbio temporal **agora** estaria passando por um processo de gramaticalização, e assim seu uso temporal presente para referências passadas e futuras estariam se ampliando, o que o torna um elemento com características mais discursivas; constatou ainda que a gramaticalização de **agora** indica um processo de transformações com ocorrências diferenciadas de seu uso canônico que estariam ocorrendo em várias sincronias desde o latim, e isso, segundo a autora, é indicador de uma estabilidade funcional no uso do elemento (RODRIGUES, 2002).

Rivaldo Capistrano de Souza Júnior apresentou, em 2005, a dissertação intitulada *A multifuncionalidade do item agora em tiras de quadrinhos: da gramática ao discurso*, na qual se propôs a:

averiguar, com base no paradigma da gramaticalização e da discursivização, no âmbito da linguística funcional, o estatuto gramatical-discursivo do elemento **agora** em suas funções dêitico-temporal, juntivo e discursivo, nas tiras de quadrinhos de *Gatão de meia idade*, de Miguel Paiva (SOUZA JÚNIOR, 2005, p. 8, grifo do autor).

O autor verificou em suas análises que ao exercer função de dêitico temporal **agora** desempenha relação de proximidade temporal do fato evocado com a fala dos personagens, marcando o tempo da enunciação, e tende a indicar uma abrangência temporal que inclui o traço de [+referência presente], [+referência passada] ou [+referência futura] (SOUZA JÚNIOR, 2005). Já sobre o papel de elemento juntivo, constatou a existência de prejuízos de traços prototípicos como [+circunstanciação verbal] e [+mobilidade].

Souza Júnior (2005) assinala ainda que o elemento **agora** apresenta função de [+conector de sequencialização] e pode incidir sobre enunciados, passando a estabelecer relações lógicas. De acordo com o autor, tais relações poderiam ser consideradas relações de causa/consequência, ou ainda relações de contrajunção, estabelecidas por ressalva, contraste e contraexpectativa. O autor analisa, por exemplo, o enunciado: “meu pai dormiu, *agora* posso ver *A volta dos mortos vivos*” (SOUZA JÚNIOR, 2005, p. 63). Nesse caso, o autor anuncia que **agora** atuaria como um articulador de causa/consequência e para tanto oferece a paráfrase do

exemplo: “meu pai dormiu, *portanto* posso ver *A volta dos mortos vivos*” (SOUZA JÚNIOR, 2005, p. 63).

Na função de marcador discursivo, de acordo o autor, **agora** atua na organização do discurso variando entre conector intratópico e redirecionador de tópico. Quando exerce a função de conector intratópico, **agora** contribui para organização do tópico discursivo, propiciando a ocorrência de um contexto ambíguo, o que sugeriria uma relação de oposição no tempo (SOUZA JÚNIOR, 2005).

Em 2007, Maria da Penha Pereira Lins publicou artigo intitulado *Gramaticalização de agora*, trabalho no qual, em uma abordagem funcionalista, enfocou a ocorrência desse elemento em trajetória de gramaticalização de uso como operador argumentativo, recorrente no interior de atos interacionais. A autora analisou transcrições de língua oral retirados do *corpus* do Projeto PEUL. Após suas análises, verificou que o elemento **agora** atua na construção dos textos falados, tanto com valor temporal, quanto com valor juntivo e com valor discursivo. Para Lins (2007), a trajetória de gramaticalização de **agora** ocorreria partindo de **agora** – temporal > **agora** – textual > **agora** – discursivo. Assinala que, nessa trajetória, tem-se uma jornada do concreto para o abstrato, o esvaziamento da significação temporal.

Em 2009, a já citada autora Fernanda Costa Demier Rodrigues, dando continuidade a suas pesquisas relativas ao elemento **agora**, defendeu a tese *Padrões de uso e Gramaticalização de agora e então*. Sob a perspectiva funcionalista, analisou “os padrões de uso e a trajetória de gramaticalização tempo > texto de agora e então em diferentes sincronias na configuração de sua dimensão pancrônica” (RODRIGUES, 2009, p. 6, grifo da autora). Por meio da análise de dados escritos defendeu na tese a existência de unidirecionalidade diacrônica na gramaticalização desses itens. O *corpus* selecionado para as análises foi formado por romances e peças de teatro de quatro sincronias distintas (latina, arcaica, clássica e moderna). Diante da verificação dos itens e estruturas analisados, a autora os considerou como elementos que sofrem transformação de sentido e de forma no período de tempo em que são utilizados por influência de fatores interacionais, de frequência de uso, ou ainda por pressões de ordem cognitiva, o que confere a esses elementos usos discursivos e gramaticais (RODRIGUES, 2009).

Os apontamentos feitos por Rodrigues (2009) dão conta de que **agora** e **então** se vinculam à categoria de advérbio de tempo e se constituem como

“protótipos categoriais formados pelos traços [+referência temporal], [+ mobilidade] e [+ escopo verbal]” (RODRIGUES, 2009, p. 6). Argumenta, diante de suas análises, que, durante esse processo, ocorre uma migração categorial, na qual os termos adquirem os traços [+ fixidez] e [+ escopo clausal]. Em relação ao último traço, indica a existência das variantes [+ conexão] e [+ marcação discursiva]. Para a autora, as possibilidades funcionais desses dois elementos linguísticos vêm se apresentando desde o latim até o século XX de forma pancrônica (RODRIGUES, 2009).

Elane Calmon Silva defendeu, em 2010, a dissertação denominada *A gramaticalização do item agora no português brasileiro*, em que analisou **agora** sob a perspectiva da gramaticalização, por meio de “estudo diacrônico, de natureza quantitativa, em dois *corpora*: de 1986 e 2006, ambos de falantes da cidade de Belo Horizonte” (SILVA, 2010, p. 11). Refletiu, nesse texto, acerca das transformações sofridas pelas construções linguísticas do elemento **agora**. A autora argumenta, em seu trabalho, que o advérbio de tempo, que seria um item lexical, passa a exercer função gramatical, como articulador adversativo, articulador conclusivo, marcador discursivo, interjeição ou ainda indicador de expressão idiomática. Com base nos pressupostos da teoria da variação e mudança, atestou que **agora** não obedece à trajetória esperada num estudo de gramaticalização, pois sua forma prototípica continua a existir e sua forma menos prototípica concorre com outros articuladores e marcadores discursivos, mais precisamente com o articulador *mas* (SILVA, 2010).

Já em 2010, Pablo Soares Ribeiro desenvolveu o trabalho de mestrado sob o título de *A variação no uso dos marcadores explícitos e implícitos de contraste - mas, agora e zero - no português falado no Rio de Janeiro*, com o objetivo de identificar os fatores que favorecem ou desfavorecem a escolha de uma variante em detrimento de outra¹². De acordo com o autor, os enunciados de contraste são introduzidos por variantes distintas. Verificou que o elemento *mas* é favorecido naqueles contextos em que se relata experiência de vida e narração de fatos passados, já o elemento **agora** seria favorecido em contextos argumentativos, isso seria advindo da tendência de **agora** ocorrer preferentemente em argumentações, o que é decorrente de seu uso preferencial em contra argumentações em relação ao discurso anteriormente anunciado (RIBEIRO, 2010). Destaca ainda que a sequência

¹² O autor utilizou a amostra Censo 80, do acervo do PEUL (Programa do Estudo Sobre o Uso da Língua), a partir da qual foram extraídos os dados para análise e levantamento estatístico do uso das variantes.

temporal seria um fator que pode favorecer o uso de **agora** em detrimento do *mas*. Tais resultados sugerem, de acordo com o autor, que seria o contexto o responsável pela alteração de sentido de **agora** de marcador temporal a marcador discursivo (RIBEIRO, 2010).

A tese defendida em 2013 por Kátia Maria Capucci Fabri, *O funcionamento textual-discursivo do já e do agora em diferentes tipos de textos orais e escritos da língua portuguesa*, investigou o uso semântico-argumentativo desses itens, em textos nas modalidades oral e escrita da língua. Os objetivos da autora foram investigar os valores, condições de uso e funções desses elementos como conectores argumentativos, e descrever as orientações argumentativas estabelecidas por eles. A autora buscou inclusive verificar o emprego dos elementos *já* e **agora** estudados nas modalidades escrita e oral entre si e, também, relacionados ao elemento *mas* (FABRI, 2013).

Ancorada nos construtos teóricos da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa, a autora analisou as ocorrências desses itens no *corpus* selecionado¹³ e constatou que esses elementos poderiam funcionar como advérbios de tempo, com função prototípica, mas também são capazes de desencadear ideias de oposição, como conectores de contrajunção; podem ainda introduzir um novo tópico na sequência que iniciam, e seriam, de acordo com a autora, operadores discursivos modificadores de tópico, e podem, além disso, estabelecer a interação no diálogo como marcadores conversacionais. Em síntese, a autora destaca que as funções exercidas por esses elementos, que se diferenciam de sua atuação prototípica, seriam resultado de um processo de gramaticalização (FABRI, 2013).

Em 2014, Andreia Prado de Lima defendeu a dissertação de mestrado intitulada *Agora: o funcionamento de um item linguístico*. Sob o enfoque da Teoria Funcionalista, a autora analisou o processo de Gramaticalização do item **agora**. Em seu trabalho, observou que tal elemento pode representar maior abstração entre os falantes, apesar da abordagem sincrônica das gramáticas tradicionais o considerarem como sendo um advérbio de tempo presente. Para a realização de suas análises, selecionou e categorizou os padrões funcionais do **agora**,

¹³ O *corpus* deste estudo é composto de 66 textos escritos, de diferentes fontes, e 30 inquiridos orais dos Projetos NURC, PEUL e Mineirês.

encontrados nos enunciados do *corpus* selecionado¹⁴. À luz de seu referencial teórico, buscou demonstrar como o item **agora**, que ocupa a classe dos advérbios, pode migrar para uma função de conector. O processo de gramaticalização desse elemento foi analisado pela autora por meio do trajeto histórico de como esse item é exposto em compêndios gramaticais e em dicionários etimológicos do português, e em seguida por meio da análise de estudos mais recentes. As ocorrências da unidade, no *corpus* da dissertação, foram analisadas e categorizadas de maneira a demonstrar que o item **agora** transita por classes além dos advérbios. Verificou que o elemento em estudo se desloca da função de advérbio de tempo para atuar, na língua em uso, como uma conjunção e introdutor discursivo, após passar pelo processo de Gramaticalização (LIMA, 2014).

Já em 2015, Francisco Clebio de Figueiredo defendeu a dissertação de mestrado sob o título *Uso do item agora na fala e escrita da cidade do Natal*, em que refletiu sobre os usos do “circunstanciador agora sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU” (FIGUEIREDO, 2015, p. 8). Por meio de estudo do *corpus* selecionado, o autor verificou as atuações do elemento **agora** em diferentes construções linguísticas e em quais as principais categorias de manifestações esse elemento é mais recorrente, considerando-se a trajetória metafórica espaço > (tempo) > texto de gramaticalização (FIGUEIREDO, 2015). Com base nos estudos funcionalistas, verificou a tendência do item **agora**, a partir de uma função lexical como advérbio de tempo, a migrar para a função discursiva de conector/marcador discursivo, o que se constituiria, segundo o autor, como uma mudança linear e unidirecional. Figueiredo (2015) considerou, a partir dos resultados, “a existência de várias camadas ou usos do item *agora*, que, obedecendo à trajetória de mudanças delimitáveis seguem os processos básicos que caracterizam o paradigma da gramaticalização” (FIGUEIREDO, 2015, p. 8, grifo do autor).

O trabalho mais recente relativo ao elemento **agora** foi defendido por Maria José de Oliveira, em 2018, e versa sobre *A multifuncionalidade do item agora através dos séculos: uma análise na fala e na escrita*. A tese teve como objetivo analisar os usos e o processo de gramaticalização do elemento **agora**, verificando aspectos relacionados à frequência de uso desse elemento em funções sintático-

¹⁴ De Português Popular de Vitória da Conquista – BA, do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq.

semântico-discursivas, também sua ordem de colocação e aplicação dos mecanismos e princípios da gramaticalização (OLIVEIRA, 2018). Foram considerados dados escritos do século XIV até o século XX, e dados orais dos séculos XX e XXI, o que possibilitou que fosse verificada a regularidade na língua em relação ao comportamento funcional de **agora**¹⁵ (OLIVEIRA, 2018). Com base na teoria funcionalista, apresentou resultados que indicam a tendência de **agora** ocorrer em todas as sincronias num percurso escalar, advérbio > conjunção > marcador. Contudo, assinala que o valor temporal se destaca como função mais frequente. Oliveira (2018) observou a existência de uma gramaticalização em processo indicativa de que esse elemento está migrando gradativamente na direção de valores (+referenciais) para valores (-referenciais). Isso ocorreria tanto na escrita através dos tempos, como na fala e na escrita dos séculos mais recentes (OLIVEIRA, 2018).

Os estudos citados indicam que o elemento **agora** vem sendo analisado sob enfoques que vão além da abordagem tradicional do advérbio de tempo. Os autores consultados¹⁶, sob diferentes perspectivas, assinalam que esse elemento possui em seu escopo, além de suas funções de marcador temporal, propriedades discursivas, uma vez que: a) é capaz de estabelecer referência temporal que se estende para além do momento da enunciação (NEVES, 2000; SOUZA JÚNIOR, 2005; ILARI, 2007); b) funciona como marcador de estruturação discursiva proporcionando uma mudança de tópico ou de orientação discursiva sinalizando uma progressão do falante no tempo do discurso (SCHIFFRIN, 1987; RISSO, 2001; RODRIGUES, 2002; SOUZA JÚNIOR, 2005; ILARI, 2007); c) exerce funções de comparação entre enunciados em uma escala temporal (SOUZA JÚNIOR, 2005; LIMA, 2014); atua como articulador adversativo ou de contraste (DUQUE, 2002; SOUZA JÚNIOR, 2005; GRYNER, 2008; RIBEIRO, 2010; FABRI, 2013); d) atua como articulador de relações causa/consequência (SOUZA JÚNIOR, 2005). As pesquisas consultadas¹⁷ são indicadoras de que **agora** vem sofrendo um processo de gramaticalização, isso

¹⁵ A autora utilizou-se do *Corpus* do português-CDP (DAVIES; FERREIRA, 2006); *Corpus* CE-DOHS; *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (FAPESB 5566/2010); *Corpus* Conversacional de Natal (FURTADO DA CUNHA [org.], 2010); além do livro de crônicas *De notícias & não notícias faz-se a crônica* (ANDRADE, 1974) (OLIVEIRA, 2018, p. 7).

¹⁶ Autores que analisam esse item sob um viés não tradicionalista, tais como Schiffrin (1987), Neves (2000), Duque (2002), Risso (2002), Rodrigues (2002; 2009), Souza Júnior (2005), Ilari (2007), Gryner (2008), Ribeiro (2010), Fabri (2013), Lima (2014), Figueiredo (2015) e Oliveira (2018).

¹⁷ Principalmente Rodrigues (2002; 2009), Gryner (2008), Fabri (2013), Lima (2014), Figueiredo (2015) e Oliveira (2018).

porque assume gradativamente funções que se distinguem daquelas mais prototípicas exercidas por esse elemento originalmente. Os autores concordam, contudo, que esse processo ainda é parcial, uma vez que o elemento não perdeu totalmente suas características de marcador temporal.

Diante da observação do percurso das pesquisas que tiveram **agora** como pauta, apresentamos, no tópico a seguir, reflexão sobre a classe dos advérbios tanto para os estudos mais tradicionalistas, quanto pesquisas que levam em consideração a língua em funcionamento, com o objetivo de se verificarem questões relativas às funções que esse elemento desempenha no âmbito do enunciado.

1.2 **AGORA** COMO CIRCUNSTANCIAL DE TEMPO: O CASO DOS ADVÉRBIOS

Autores como Ilari (2007), Castilho *et al.* (2008) e Neves (2008) argumentam que, sob a nomenclatura dos advérbios, está uma vasta lista de palavras cujo comportamento vai além daquilo que vem sendo dito, principalmente pelos estudos mais tradicionalistas, que classificam esses vocábulos nessa ou naquela categoria (como advérbios de modo ou de tempo, por exemplo), e apresentam explicações um tanto breves sobre quais seriam as atribuições desses vocábulos em sua atuação na língua em curso.

Neves (2006) aponta que, nas gramáticas ocidentais e nas gramáticas de língua portuguesa, a descrição das chamadas classes de palavras está sempre presente. Tal fato pode ser explicado devido à necessidade humana de categorizar o mundo a sua volta. De acordo com a autora, quando se trata do estudo da língua, sempre houve a necessidade de categorizá-la e subcategorizá-la. Assim, a preocupação mais evidente em se dividir o estudo da língua em classes de palavras reside na necessidade de se definir cada categoria para, por fim, formar um “quadro paradigmático que, aparentemente, dá abrigo a todas as entidades da língua” (NEVES, 2006, p. 5). Contudo, ainda são escassas, segundo a autora, gramáticas que veiculem cada classe de palavras, o seu papel semântico e sua organização na estrutura da frase.

Daí surge a necessidade de se vincular ao estudo de determinada categoria de palavras o aprofundamento, tanto semântico quanto seu papel como componente sintático, com o intuito de compreender os sentidos atribuídos por determinado vocábulo na linguagem em uso.

1.2.1 Estudos sobre a classe dos advérbios

Em sua *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Câmara Jr. (1976) reflete sobre a natureza da classe dos advérbios. A esse respeito, assinala que, nas línguas indo-europeias, é própria da estrutura a existência de formas nominais ou pronominais que trazem um sentido suplementar a significação essencial da comunicação centrada no verbo. O autor comenta que esse vocábulo foi chamado pelos gregos de *epirrhéma* “acrescentado ao verbo” (gr. *rhéma* “verbo”). Já os latinos traduziram o termo como *adverbium* (CÂMARA JR, 1976, p. 115).

Said Ali (1964, p. 97-99), em sua obra *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, no capítulo reservado à morfologia, afirma que esse elemento “denota lugar, tempo, modo, grau ou intensidade, negação e serve de determinante ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio. É expresso por uma palavra invariável ou por uma locução equivalente”.

Na *Gramática da Língua Portuguesa*, Cunha (1976, p. 499) pontua que “advérbios são palavras que se juntam a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal [...]”. Contudo, os comentários seguintes demonstram a necessidade de se aprofundarem os estudos desses elementos:

Sob a denominação de advérbios reúnem-se, tradicionalmente, palavras de natureza nominal e pronominal de emprego muito diverso. Por esta razão, nota-se entre os lingüistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o, seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico (CUNHA, 1976, p. 499).

Já a obra *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (1985), ampliou os estudos voltados à categoria dos advérbios, pois passou a incluir a investigação sobre as palavras denotativas, tópico que agrupou palavras que até então não eram bem categorizadas.

Na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima (2003, p. 176), os advérbios são conceituados como sendo “palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar várias *circunstâncias* que cercam a significação verbal”.

A *Gramática da Língua Portuguesa*, de Cipro Neto e Infante (2003, p. 262), explicita que “o papel básico dos advérbios é [...] relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por eles”. Acrescentam a esse

conceito a ideia de que a caracterização feita pelo advérbio pode indicar a subjetividade de quem analisa um evento: “o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala” (CIPRO NETO; INFANTE, 2003, p. 262). O exemplo apresentado pelos autores é o seguinte:

A noite ocidental *obscenamente* acesa/ sobre meu país dividido em classes. [“Madrugada”, de Ferreira Gullar] (CIPRO NETO; INFANTE, 2003, p. 263).

Nesse caso, de acordo com os autores, *obscenamente* denota opinião e julgamento de valor do eu lírico sobre a noite. Assim, a definição apresentada pelos autores dá conta de que, sob a égide da categoria dos advérbios, estariam as palavras que caracterizam “o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve” (CIPRO NETO; INFANTE, 2003, p. 263). Esses gramáticos também analisam o papel de modificador dos advérbios que podem atuar não somente no verbo, mas são capazes de modificar adjetivos e os próprios advérbios.

Com uma visão mais voltada para a descrição da língua, não obstante ainda o perfil tradicional, Bechara (2004, p. 287), na obra *Moderna Gramática Portuguesa*, comenta que os advérbios são “um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio [...], ou a uma declaração inteira”. Tal conceito ainda não havia aparecido nas gramáticas de então, e inicia, entre os estudiosos da língua, uma noção relativa aos advérbios que ampliou o escopo dessa categoria.

Em abordagem mais descritiva e que se afasta consideravelmente do que vinha sendo dito até o momento, Vilela e Koch (2001), em *Gramática da Língua Portuguesa*, consideram, para a categoria, escopo que vai além da modificação do verbo. Para os autores, apesar de a designação do advérbio [= ADVERBIUM/EPIRRHEMA] apontar para a relação própria com o verbo, essas palavras “não modificam apenas os verbos, mas também adjetivos e mesmo outros advérbios e frases totais” (VILELA; KOCH, 2001, p. 244). Em alguns casos, podem modificar até mesmo substantivos, como em:

Se ele é *muito* homem, também ela é *muito* mulher (VILELA; KOCH, 2001, p. 244).

Tal declaração corrobora a observação de Bechara (2004), uma vez que consideram inclusive a mobilidade desses elementos. Conforme Vilela e Koch (2001), a despeito do que ocorre com as demais classes gramaticais, os advérbios são passíveis de deslocamento com maior liberdade na frase. Os elementos desse grupo recebem, a rigor, a classificação de invariáveis, apesar de admitirem graduação e mobilidade derivacional, conforme se observa no exemplo apresentado pelos autores:

(1) Saí *mais cedo / tarde* do que pensava.

(2) Ele disse *adeusinho / até loguinho* e foi-se embora (VILELA; KOCH, 2001, p. 244).

A classificação dos advérbios apresentada por Vilela e Koch (2001) considera categorias já arroladas por autores mais tradicionalistas, tais como tempo, lugar, afirmação, dúvida, intensificação, modo, negação, interrogação. Contudo, nesta obra, acrescentam as formas *inclusão*, *exclusão* e *designação*. Os autores esclarecem, no entanto, que as novas categorias não são aceitas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e são consideradas por muitos gramáticos como sendo “palavras denotativas de inclusão, exclusão, etc.” (VILELA; KOCH, 2001, p. 248).

Comentam que, ao buscar uma categorização dos advérbios, faz-se necessário distinguir advérbio como “categoria gramatical” de advérbio como “categoria funcional”. Assim, para considerar a funcionalidade desses elementos, é preciso considerar a função que a expressão ou sequência desempenha na frase, no enunciado ou até mesmo no texto. A noção apresentada por esses autores indica que os advérbios obedecem a critérios quase exclusivamente semânticos. Nesse sentido, em consonância com os estudos de Vilela e Koch (2001), para análise do *corpus*, serão considerados não somente o escopo do elemento **agora**, mas o contexto do enunciado, a fim de se compreender, no nível semântico, a significação do elemento para o todo significativo do texto oral-dialogado. Isso significa dizer que serão analisadas porções textuais maiores do que apenas as que antecedem o enunciado em foco. Serão consideradas inclusive questões pragmáticas, como entonação da voz, prolongamento de vogais ou até mesmo pausas e silêncios como indicadores de significação, e, portanto, passíveis de compor o significado dos usos do elemento **agora**.

Em suas análises, Vilela e Koch (2001) dão maior atenção aos advérbios terminados em *-mente*, com o intuito de explicar de que maneira essas palavras podem atuar na modificação do verbo, do enunciado ou de outro elemento no interior do enunciado. Os exemplos apresentados pelos autores são os seguintes:

- (1) Ele é *verdadeiramente* / *realmente* inteligente. - (modifica o adjetivo)
- (2) Ela falava *maliciosamente* com o namorado. - (modifica o verbo)
- (3) Ele feriu *brutalmente* a cavalgadura. - (modifica o sujeito)
- (4) *Realmente*, ela é inteligente. - (modifica o enunciado) (VILELA; KOCH, 2001, p. 249).

Vilela e Koch (2001) entendem que os advérbios utilizados nos exemplos atuam na constituição do conteúdo proposicional do enunciado. Em (1), o escopo de atuação de *verdadeiramente* / *realmente* reside no sintagma adjetival; portanto, atinge mais diretamente o núcleo do referido sintagma. Em (2), *maliciosamente* atua no sentido do verbo, que recebe alteração substancial na ação que está sendo expressa, sendo que o escopo de atuação é o mesmo em (3) com relação a *brutalmente*. Já em (4), *realmente* atua em todo o conteúdo proposicional, além de indicar certa relação com o processo de interação. Além disso, os autores assinalam que há ocorrências em que o advérbio chega a acrescentar “algo vindo de fora da frase, e não de dentro. É algo que pertence, no segundo caso à tematização, à enunciação. Neste último caso, tem-se um advérbio extrafrásico” (VILELA; KOCH, 2001, p. 251). Os exemplos citados pelos autores são os que seguem:

- (1) Francamente, nunca aprendes!
- (2) Simplesmente: ela não quer prestar declarações.
- (3) Brutalmente, ela veio e desfez tudo (VILELA; KOCH, p. 251, 2001).

Os advérbios extrafrásicos são também chamados pelos autores de advérbios de enunciação e se localizam no exterior da frase e “semanticamente, exteriores à frase, não participam da referência frásica e são fruto da intervenção do enunciador, que comenta, julga, critica, aprecia, o conteúdo proposicional por si produzido” (VILELA; KOCH, 2001, p. 251).

Perini (2005) analisa a classe dos advérbios sob um enfoque reflexivo bastante diferenciado das gramáticas apresentadas por autores tradicionalistas,

como Said Ali (1964), Cunha (1976), Rocha Lima (2003), Cipro Neto e Infante (2003), dentre outros. De acordo com Perini (2005, p. 338), “a categoria tradicional dos ‘advérbios’ [...] encobre uma série de classes, às vezes de comportamento sintático radicalmente diferente”. O autor apresenta em sua obra sugestões de análises que pretendem exemplificar a amplitude de atuação dessa categoria, e reconhece a necessidade de estudos mais detalhados acerca das palavras reconhecidas como advérbios.

Perini (2005, p. 339) assevera que “não existe uma classe que compreenda, mesmo aproximadamente, os itens tradicionalmente chamados de ‘advérbios’”. Isso porque, de acordo com suas análises, “as diferenças sintáticas entre os ‘advérbios’ são muito profundas, em parte comuns a palavras de outras classes tradicionais, e não autorizam a postulação de uma classe única”. O que existem, de acordo com esse pensamento, são classes diversas que podem agrupar-se, “mas dificilmente de maneira análoga à proposta pela análise tradicional” (PERINI, 2005, p. 339).

Outra ressalva feita pelo autor seria a noção de modificação do verbo ou de itens pertencentes a outras classes. Perini (2005) argumenta que tal noção é obscura ou ainda um misto de interpretação semântica e sintática. Na visão do autor, considerar o advérbio como um modificador significa dizer que um advérbio teria seu significado atrelado ao de outro elemento, e formaria um todo semanticamente integrado (PERINI, 2005, p. 340). Como exemplificação, explica:

[...] digamos, *corremos* exprime uma ação, e *corremos depressa* exprime a mesma ação, acrescida de algum ingrediente de significado. Tanto *corremos* quanto *corremos depressa* seriam unidades no plano semântico (PERINI, 2005, p. 340).

Para Perini (2005), essa observação, embora apropriada, é bastante vaga, pois não caracteriza o advérbio, já que é válida para outras categorias, como em: “comi” e “comi uma peixada”, em que se tem um ingrediente semântico que especifica melhor uma ação. Assim, o autor comenta que “[...] sintaticamente, a noção de ‘modificação’ parece referir-se à ocorrência conjunta dentro de um constituinte: o que se chama em sintaxe estar **em construção com**” (PERINI, 2005, p. 340, grifo do autor). Contudo, essa definição ainda não é satisfatória para o autor, já que a considera como não sendo uma propriedade fundamental das funções sintáticas, pois tais atributos podem ser encontrados em várias outras situações

diferentes das apresentadas. Assim, “estar em construção com” seria um “constituente de nível oracional” (PERINI, 2005, p. 340).

Dizer que o advérbio está em construção com um verbo, conforme explica Perini (2005), ainda não caracteriza um advérbio diante do sintagma nominal. Para o autor, o que de fato o caracterizaria seriam as funções diferentes que desempenham quando estão em construção com o verbo (PERINI, 2005). Tal noção, na opinião do autor, não pode ser utilizada como critério para definir nenhuma classe de palavras. Para definir a categoria dos advérbios (o que é impossível segundo ele), devem-se levar em conta as funções que o elemento em questão desempenha no enunciado. Diante desse problema, conclui: “por ora, ficaremos com a ideia de que sob o rótulo de ‘advérbio’ se esconde uma variedade irreduzível de classes” (PERINI, 2005, p. 341).

A reflexão produzida por Perini (2005) corrobora a ideia defendida na tese de que, a fim de se analisar um elemento textual ou até mesmo uma classe de palavras, é preciso considerar todos os elementos semanticamente envolvidos. No estudo em pauta, consideramos inclusive as peculiaridades inerentes à língua falada como *elementos em construção com*, que auxiliam na formação do significado e não podem ser ignorados quando se pretendem analisar as funções de um vocábulo, como é o caso de **agora**.

Tendo em vista a abordagem de Perini (2005), reconhecemos que a utilização da nomenclatura *modificador* é insuficiente para definir as funções dos advérbios no escopo do enunciado e do próprio texto oral-dialogado. A esse respeito, o autor é categórico ao afirmar que “a tentativa de definir o advérbio em termos do elemento que ele ‘modifica’ é adotada por autores não tradicionais, mas creio que eles o fazem por falta de melhor alternativa, na ausência de estudos abrangentes” (PERINI, 2005, p. 341). Assim, diante da dificuldade de nomenclatura que atenda à relação construída entre advérbio e os elementos com que se relaciona, nesta tese, adota-se a nomenclatura usada por Ilari (2007), Neves (2008) e Castilho *et al.* (2008), quando afirmam que o advérbio é capaz de operar sobre outros vocábulos e expressões ao mesmo tempo que incorporam junto com elas novos significados mais complexos e articulados.

A partir da necessidade de pesquisas que ampliem o escopo de análise dessa classe, Perini (2005, p. 341) declara haver nos estudos linguísticos uma clara deficiência nos trabalhos publicados até então, que, por não levarem em conta “os

dados em sua totalidade”, ou ainda por partirem de pressupostos que são considerados inadequados para o autor, são insuficientes para categorizar de maneira satisfatória a classe em pauta; para ele, “falta, sobretudo síntese” (PERINI, 2005, p. 341). A indicação feita por Perini (2005) a pesquisadores que pretendam desempenhar trabalhos que investiguem a função de elementos dessa categoria é o trabalho de Ilari (2007¹⁸), pois, de acordo com o que comenta o autor, tal obra seria “[...] uma primeira aproximação [...] um dos poucos trabalhos onde se tenta uma abordagem ampla da questão” (PERINI, 2005, p. 341).

Diante do breve histórico apresentado até aqui, é preciso esclarecer ao leitor que esta tese não pretende fazer uma descrição exaustiva da classe dos advérbios, tampouco arrolar todas as gramáticas brasileiras e suas visões acerca dessa categoria. Pretendemos selecionar alguns trabalhos que possam identificar, pelo menos *a priori*, o caminho percorrido pelos pesquisadores brasileiros que culminaram nos estudos de língua falada apresentados a seguir.

Na sequência, apresentamos algumas discussões produzidas por estudiosos que vêm se dedicando, desde a década de 1970, à língua falada e à produção de gramáticas do português falado no Brasil. Esses pesquisadores consideram, principalmente, a língua em uso. Os principais autores a serem considerados na próxima seção e que consideram os estudos dos elementos categorizados sob a nomenclatura dos advérbios são Ilari (2007), Neves (2000; 2008) e Castilho *et al.* (2008).

Pretendemos, dessa forma, expor reflexão sobre o uso do elemento **agora** no *corpus*, de tal forma que se possa contribuir para a descrição da língua portuguesa brasileira, que considerem falantes da variante não culta, de habitantes do interior rural do país.

1.2.2 Estudos da classe dos advérbios na gramática do português falado

Castilho *et al.* (2008) dedicam um capítulo da obra *Gramática do Português Culto Falado no Brasil* à classe dos advérbios. Esse texto é fruto das análises do grupo de estudiosos que se dedicou a examinar variante culta do português falado no país, documentada em cinco capitais brasileiras a partir do Projeto NURC. As

¹⁸ A primeira edição desta obra é de 1990.

discussões propostas neste capítulo pelo professor Ataliba Castilho e seus colaboradores dão conta de que a máxima apregoada pela tradição gramatical, de que os advérbios são uma categoria invariável e bem delimitada, não é verdadeira; isso porque, de acordo com os autores, existem ainda “áreas cinzentas” entre os advérbios propriamente ditos, as expressões adverbiais, entre os advérbios e os adjetivos, entre os advérbios e os operadores do discurso (CASTILHO, *et al.*, 2008). A partir de análises de sentenças extraídas do *corpus* do NURC, os autores constataram que o conjunto de palavras tradicionalmente reconhecido como advérbio não desempenha sempre a mesma função, como advertiam os estudos gramaticais. Conforme argumentam Castilho *et al.* (2008, p. 403), a classe dos advérbios não é homogênea, mas pode ser considerada no máximo como “um conjunto de expressões que funcionam de maneira sensivelmente semelhante”.

Ilari (2007, p. 152) assinala que a categoria conhecida como *advérbio* “encobre uma série de classes, às vezes de comportamento sintático radicalmente diferente”. Nessa análise, o autor nota que fazem parte da tradição gramatical as definições que consideram esse conjunto de elementos basicamente sobre dois aspectos principais: “(a) o caráter de palavra invariável e (b) o caráter de palavra regida, aplicada tipicamente a não substantivos” (ILARI, 2007, p. 152). Dessa forma, o advérbio é definido como “a palavra que modifica a ideia expressa pelo verbo ou denota as ‘circunstâncias’ em que se dá o processo a que ele faz referência” (ILARI, 2007, p. 152).

O autor argumenta que tais critérios permanecem válidos, mas são insuficientes para abranger a amplitude de elementos rotulados sob a classe dos advérbios. Para Ilari (2007, p. 154), “os critérios habituais não são aproveitáveis para uma análise rigorosa e exaustiva”. Contrariamente à definição tradicional, argumenta que, na dimensão sintática, em uma vasta série de casos, o advérbio não se liga nem a um verbo, nem a um adjetivo e nem a outro advérbio, pois desempenha as mais variadas funções e não se encaixam em uma única categoria bem definida. Dessa forma, Ilari (2007, p. 155) constata que “o advérbio não é uma classe de palavras com características morfossintáticas uniformes” e por isso não é possível propor uma definição geral de advérbio.

Nesse mesmo sentido, Castilho *et al.* (2008) propõem duas dimensões para a classificação desses elementos. A primeira dimensão seria relacionada aos segmentos sintáticos a que o advérbio se aplica, já a segunda seria a das funções

desempenhadas pelos advérbios (CASTILHO *et al.*, 2008). Neves (2008) assinala que, ao se iniciar um trabalho que tenha como interesse a categoria dos advérbios, é preciso ter clara a noção de que uma análise aprofundada do tema requer a observação dos elementos em foco sob estes dois eixos: “(i) o eixo semântico (da predicação) e (ii) o eixo sintático do escopo” (NEVES, 2008, p. 496). Nesse sentido, a autora ainda adverte:

Sugerimos que é possível por alguma ordem na heterogeneidade da classe dos advérbios se diante de palavras que a tradição nos apresenta como tais, e que, obviamente desempenham o papel de operadores, começarmos por perguntar: (i) a função dessa expressão é predicar? E (ii) quais são, na sentença e os conteúdos sob os quais essa palavra opera? (NEVES, 2008, p. 496)¹⁹.

Na dimensão sintática, de acordo com Castilho *et al.* (2008), os advérbios recebem distinção entre os advérbios de constituinte, “que tomam por escopo um constituinte sentencial”, e os advérbios de sentença, que “tomam por escopo toda uma sentença, e por isso são passíveis de paráfrases em que a sentença é tratada como um bloco” (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 407). Há ainda, segundo os autores, aqueles advérbios que tomam por escopo trechos de discurso relativamente grandes e são chamadas de advérbios de discurso. Nesse caso, funcionariam como conectivos textuais, fenômeno que ocorre com frequência na língua falada. Nesse último caso, a relação que se estabelece entre o advérbio e o restante do enunciado se dá no nível semântico, uma vez que não há relação sintática explícita. Como exemplificação a respeito da categoria *advérbio de constituinte*, analisam o seguinte enunciado:

(0-7) Nós aqui ficamos mais autenticamente brasileiros (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 407).

Assim, *autenticamente* atua no sentido de construir a significação de *brasileiros*. A definição da categoria, de acordo com os autores, não é arbitrária, mas pode ser confirmada por “uma série de testes diferentes” (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 407). Esses testes servirão também como crivo para a classificação de **agora** nos

¹⁹ Também Risso (2002) adota o critério que considera dois eixos (o semântico e o sintático) para o aprofundamento das análises de **agora** e, em consonância com esses autores, tem-se a primeira categoria de análise do *corpus* da tese, a ser apresentada no capítulo 2.

enunciados em análise na tese e serão mais bem detalhados no capítulo dedicado à metodologia. Os advérbios de sentença são exemplificados por Castilho *et al.* (2008, p. 404) por meio dos seguintes enunciados:

(0-5) A glândula mamária é sede de tumores... se benignos só seria bom ... mas ... *infelizmente*... é sede de muitos tumores malignos...

(0-6) as frutas que são colocadas são frutas leves ... *normalmente* eles colocam abacaxi... colocam mamão...

(0-9) e *muitas vezes* a gente tende a explicar a segunda grande guerra como [tendo] sido uma guerra... claro, não uma guerra de ocupação como foi a primeira, mas uma guerra, principalmente em função de antagonismos ideológicos (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 404).

Sobre os advérbios de sentença, Ilari (2007, p. 155) assinala que, na concepção tradicionalista, o advérbio é considerado como componente da oração, “sugerindo-se que seu papel se esgota quando é aplicado aos constituintes da oração”. Afirma que esse elemento pode vir a atuar na composição do significado da sentença como um todo. O exemplo apresentado pelo autor em muito se assemelha aos utilizados por Castilho *et al.* (2008):

(15) Basicamente, eu posso não interferir no processo global... mas eu queria entender esse processo (ILARI, 2007, p. 155).

Ilari (2007, p. 155) explica o exemplo, afirmando que uma paráfrase possível seria “em síntese/no fundamental: aspiro a compreender as relações sociais em que estou envolvido, embora eu não possa interferir nelas”. Para o autor, “cabe então distinguir em (15) um conteúdo assertado (aspiro a... apesar de que...) e uma qualificação da asserção (minha asserção tem um caráter de síntese) pela qual é responsável o advérbio basicamente” (ILARI, 2007, p. 155). Considerado esse fato, *basicamente* não se refere a um único item na sentença, mas à sentença como um todo.

Um exemplo possível retirado do *corpus* seria:

Recorte 22/ Inf 6

[...] **agora** a turma só vão no [ao] médico né. Né que a mãe não foi mais do que um ano no médico? L(330)

Considerando o primeiro enunciado, é possível obter a seguinte paráfrase:

(a) Atualmente as pessoas vão só [muito] ao médico.

Quando **agora** ocupa, semanticamente, a função de atualmente, que demonstra época atual, exerce aspecto de atualidade sobre toda a sentença e não somente sobre um constituinte.

De acordo com Castilho (2000), na dimensão semântica são considerados os advérbios como passíveis de desempenhar dois papéis semânticos: o primeiro ocorre quando o advérbio contribui para o sentido do escopo, seriam então chamados de predicadores ou modificadores. O segundo caso, de acordo com o autor, seria o da não predicação, observada quando tal contribuição não ocorre. Diante dessas propriedades, de acordo com Castilho (2000), são distinguidos os:

Adv's Predicativos (qualitativos, intensificadores, modalizadores, aspectualizadores) dos Adv's Não-predicativos (de verificação de re [Adv's de negação, de afirmação, de inclusão/exclusão, de focalização] e de verificação de dicto [Adv's de denegação] e circunstanciais (CASTILHO, 2000, p. 154).

O entendimento de Castilho *et al.* (2008) sobre a definição da classe dos advérbios serviu de subsídio para a análise desenvolvida na tese. A compreensão a respeito dessa classe de palavras é a seguinte:

Do ponto de vista semântico, os Adv's são sempre palavras que operam sobre outras palavras ou expressões, vale dizer que incorporam essas palavras ou expressões, formando a partir delas novas expressões com uma significação mais complexa e articulada (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 408).

O acréscimo de adverbiais, de acordo com os autores, adiciona ao verbo propriedades semânticas das quais ele não dispunha. Nesse sentido, o advérbio predica o verbo, assim como o adjetivo predica o nome, “ou ainda que o advérbio é um predicado de predicados, portanto um predicado de segunda ordem” (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 409).

Ilari (2007, p. 157) afirma que a distinção entre essas duas categorias (predicadores e não predicadores) reside na “diferença dos papéis lógicos que os advérbios desempenham”. Para o autor, alguns elementos são capazes de atribuir

ao verbo qualificação, intensificação, alterando seu significado. Já os vocábulos indicativos de tempo e lugar seriam não predicativos, uma vez que apenas agregam circunstâncias. Nas palavras do autor, “somente os advérbios predicativos correspondem a ‘predicados de segunda ordem’, ao passo que os não predicativos devem ser tratados como argumentos de primeira ordem [...] ou como operadores lógicos” (ILARI, 2007, p. 157).

De acordo com estudos de Castilho (2008), Ilari (2007) e Neves (2008), compreendendo o elemento **agora** como pertencente à categoria dos circunstanciais de tempo, é considerado como não predicativo, pois, apesar de desempenhar papéis semânticos variados, não atua como qualitativo, intensificador, modalizador, ou aspectualizador, mas atribui circunstância ao enunciado. Assume-se assim que, no nível semântico, atua como circunstanciador, conforme o exemplo retirado do *corpus* é capaz de ilustrar:

Recorte 52/ Inf 7

D – 67, nasceu em que ano? Lembra o ano?

I – *agora*:: segunda-feira **agora** eu faço 67. (L39-40)

No exemplo acima, semanticamente, **agora** atua como modificador de *segunda-feira*, atribuindo a circunstância à expressão *segunda-feira* como sendo a uma data mais recente, aproximando a referência temporal ao tempo do enunciado.

Neves (2008), em capítulo dedicado ao estudo dos advérbios que indicam circunstâncias de tempo e de lugar, analisa profundamente expressões que se assemelham em seu comportamento diante dos enunciados às asserções desta tese, portanto, apresenta-se a seguir a discussão que busca refletir sobre **agora** como circunstanciador de tempo.

1.2.3 Advérbios circunstanciais de tempo

Os advérbios ou expressões adverbiais que indicam tempo foram já estudados por inúmeros autores e a literatura atual conta inclusive com diversas teses e dissertações que analisam os aspectos de advérbios circunstanciais de tempo. Esta discussão leva em conta principalmente a reflexão de Neves (2008), a categorização de Castilho *et al.* (2008) (advérbios durativos e pontuais), o trabalho

defendido por Martelotta (1993) e Risso (2002), que analisam o item **agora** mais especificamente.

1.2.3.1 Reflexões sobre a noção de tempo

Antes de dar prosseguimento às categorias de análise do elemento **agora**, faz-se necessário refletir sobre a noção de tempo já discutida por pesquisadores consagrados que criaram teorias sobre a relação do homem com tempo, como Benveniste (1989), que em sua obra *Problemas de Linguística Geral* propõe a teoria de que, a cada vez que a língua é colocada em funcionamento no ato individual de fala, coloca-se em cena a *enunciação*. Para esse linguista:

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Na enunciação a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, 1989, p. 86).

De acordo com o autor, na enunciação, a língua é a responsável pela relação entre o locutor e o mundo. “A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor” (BENVENISTE, 1989, p. 86). Assim, entende-se que a referência é componente integrante da enunciação.

Em capítulo denominado *O aparelho formal da enunciação*, propõe a existência de um grupo de dispositivos dos quais os locutores lançam mão quando realizam esse ato individual de enunciar-se. Um desses aparatos dos quais os falantes se apropriam no ato da enunciação são os índices de pessoa (tu-eu), em que *eu* é o locutor e *tu* pode ser entendido como o indivíduo que ele chama de alocutário. Também são considerados como instrumentos para a realização do ato individual de enunciação os índices de ostensão, chamados também pelo autor de *indivíduos linguísticos*, que se iniciam na enunciação, nascem de uma enunciação e são “engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo” (BENVENISTE, 1989, p. 85).

O terceiro grupo de instrumentos sugeridos por Benveniste (1989), e o que mais interessa a esta tese, refere-se aos índices de tempo. Para o autor, “a temporalidade é um quadro inato do pensamento” (BENVENISTE, 1989, p. 85). A relação do *eu* com o **agora** atrela o locutor ao tempo do discurso. Para Benveniste (1989, p. 86), alguns elementos são evocadores de instâncias do discurso, as quais ele define como sendo “atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em fala por um locutor”. Assim, para que haja enunciação, são requeridos um *eu* que fala, e um *tu* que ouve (interage). A cada ato de enunciação, a língua é atualizada por instâncias do discurso.

O tempo presente é, na opinião do autor, o momento coincidente com a enunciação. Conforme argumenta, “da enunciação precede a categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível” (BENVENISTE, 1989, p. 86).

A única maneira que o homem tem de viver o tempo presente é por meio da inserção de seu discurso no mundo. Assim, o tempo passado e o tempo futuro se realizam sempre na relação com o tempo presente. Ou seja, mesmo ao se enunciar sobre acontecimentos passados, o enunciado está ancorado na instância do discurso que o localiza no presente da enunciação.

Essas questões são consideradas por Risso (2002) em suas análises de **agora**, quando comenta que o traço de marcador temporal está “sempre presente” nesse vocábulo e essa é uma questão basilar a se ponderar para o escopo da tese: o fato de que **agora** é essencialmente um elemento que denota tempo. Mesmo quando se tratar de um advérbio de discurso (marcador discursivo), **agora** sempre trará para o enunciado a noção temporal. É o que assinala Risso (2002, p. 37), quando afirma que “o apoio referencial temporal provido pelo *agora* na fala em curso não é um fato de linguagem privativo de algumas ocorrências, mas é característica sempre presente na significação dessa forma adverbial”.

Ilari (2008) traz para sua discussão acerca das acepções do verbo em português uma reflexão baseada no pensamento do filósofo Hans Reichenbach, que aborda a questão do tempo em “momentos”. Reichenbach (1947) parte da teoria de que são os tempos verbais os responsáveis por determinar o tempo relativo à referência e ao momento do ato de fala de um enunciado. O momento de fala é o momento mesmo da enunciação. Assim, estabelece três relações possíveis: tempo

anterior ao momento da fala, tempo simultâneo ao momento da fala e tempo posterior ao momento da fala: “Let us call the time point of the token the point of speech. Then the three indications, ‘before the point of speech’, ‘simultaneous with the point of speech’, and ‘after the point of speech’”²⁰ (REICHENBACH, 1947, p. 71).

Contudo, de acordo com esse autor, tal definição é ainda insuficiente para descrever relações temporais existentes nas línguas, sendo necessário estabelecer um sistema mais complexo que dê conta dessas relações. Nas explicações do autor, tem-se o seguinte exemplo: “Peter had gone”²¹ (REICHENBACH, 1947, p. 71), em que o tempo expresso na frase não coincide com o tempo do referido evento. O autor divide então as relações de tempo em duas categorias: momento do evento e momento de referência. Reichenbach (1947) explica que o momento do evento é expresso pelo momento em que Peter saiu: “When Peter went”²²; já o momento de referência seria um ponto estabelecido entre este momento e o momento do discurso (REICHENBACH, 1947). Assim, em “Peter tinha saído”, o momento da fala é o tempo em que o enunciado foi proferido, o momento do evento seria o momento exato em que Peter saiu, o momento de referência é o ponto entre presente e passado, no caso sendo representado pela forma verbal *tinha saído*, melhor elaborado no enunciado: “Quando eu cheguei, Peter já tinha saído”. Nesse caso, *quando eu cheguei* seria o tempo de referência. Na leitura de Ilari (2008, p. 245), “o momento da fala é estruturalmente distinto do momento do evento”. Já em enunciados mais simples, o tempo de referência pode coincidir com o tempo mesmo do discurso, como o excerto retirado do *corpus* é capaz de ilustrar:

Recorte 5/ Inf 4

[...] *era* muito sofrido as viagem(ns) aqui, só que **agora** mudou muito.
(L38)

Nesse exemplo, o momento do evento se localiza em um passado indeterminado, do qual *era* é figurativo. O momento de referência é estabelecido por **agora**, que funciona de maneira a localizar o enunciado no tempo presente, e no caso coincide com o momento do discurso. Ilari (2008, p. 246) argumenta que o ponto de referência seria um “marco a partir do qual se faz todo o cálculo temporal”.

²⁰ “Vamos chamar o ponto no tempo de ponto do discurso. Então tem-se as três indicações, ‘antes do ponto de fala’, ‘simultâneo ao ponto de fala’ e ‘depois do ponto de fala’” (REICHENBACH, 1947, p. 71, tradução nossa).

²¹ “Peter tinha ido” (REICHENBACH, 1947, p. 71, tradução nossa).

²² “Quando Peter saiu” (REICHENBACH, 1947, p. 71, tradução nossa).

Para Neves (2000, p. 256), “a relação direta entre lugar e tempo pode ser observada em uma ocorrência como esta: - QUANDO? perguntou Sarmento. - Depois dAQUI”.

Travaglia (1993), em reflexão acerca dos tempos verbais, indica que a temporalidade está atrelada a regularidades linguísticas convencionalizadas no processo de constituição da língua. Para o autor, os tempos verbais exercem funções discursivas oferecendo pistas para os falantes que indicam efeitos de sentido possíveis. Essas instruções, de acordo com Travaglia (1993), ligam-se a aspectos do funcionamento discursivo, tais como:

a indicação da relação entre o tempo referencial das situações e o tempo da enunciação; ordenação dos elementos dentro do texto; indicação de se os usuários veem os elementos do conhecimento de mundo que ativam como realidade ou irrealidade, indicação de relevância de diversos tipos: pano de fundo/figura, informação principal/ secundária, relevância emocional ou de envolvimento do produtor (TRAVAGLIA, 1993, p. 56).

Nesse sentido, não se pode ignorar que, nas relações de tempo no interior do enunciado, os circunstanciais atuam conjuntamente com o tempo verbal na construção dos sentidos, assim como o exemplo retirado do *corpus* é capaz de ilustrar:

Recorte 17/ Inf 3

D - é eu to contanto a historia da região né, por isso que eu estou entrevistando as pessoas para contar como eram as coisas, como que era as amizades, você lembra? As amizades que tinha, as festas como que era

I – a tinha, o meu tempo de menina tinha muita festa. Tinha festa do, tinha festa do Bom Jesus, tinha festa do::: festa de São João, só que agora a comunidade aqui ficou tudo crente, então não tem mais. E os pessoal que faziam as festa já são tudo morto, falecido. Na época, você veja, eu era criança, **agora** já to com 74, foi indo, foi indo, o povo também foi indo embora, já faleceram. (L128-131)

Como observado em “eu era criança, **agora** já to com 74”, a construção do significado se dá de maneira conjunta entre o tempo verbal indicado por *era*, o que situa o discurso no momento do evento (tempo referencial), e **agora**, que situa o discurso no tempo do enunciado.

Para Neves (2000), lugar e tempo são categorias dêiticas; isso significa dizer que orientam o falante de modo a referenciar os enunciados a *aqui-agora*. Esses

elementos “constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala” (NEVES, 2000, p. 256). Conforme aponta a autora, a característica semântica geral dos advérbios de tempo é a indicação de circunstância de tempo que podem ser aferidas como: Situação (resposta à pergunta “quando?”) e situação absoluta: momento ou período situado na escala do tempo. Em Risso (2002), essa característica prototípica dos advérbios de tempo é considerada no sentido de classificar quais elementos funcionariam como dêiticos temporais e quais atuariam no nível da organização textual, como marcadores discursivos²³.

1.2.4 Advérbios durativos e pontuais

Castilho *et al.* (2008), ao aprofundarem suas análises a respeito dos advérbios aspectualizadores, categorizam-nos como sendo advérbios pontuais ou durativos. No primeiro caso, assinalam que “alguns advérbios terminados em mente, sempre e diversos adverbais constituídos por sintagmas preposicionais, com ou sem núcleos, além de alguns sintagmas nominais quantificados associam-se tipicamente ao predicado durativo” (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 421). Isso significa dizer que algumas expressões conferem à sentença o aspecto de tempo decorrido, como nos exemplos apresentados pelos autores:

(2-7) Eu fico trabalhando em casa, mas tomando conta *toda hora*
 (2-6) Eu trabalho *a maior parte do tempo* sentada
 (2-9) No tempo de solteiro ele jogava no... no colégio... depois jogou um tempo no Força e Luz... no Cruzeiro... mas foi pouco tempo (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 421).

A respeito dos aspectos pontuais, os autores indicam que esses elementos denotam a “subtaneidade da ação, realçando assim seu caráter pontual” (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 421). Para suas análises, levam em consideração duas situações:

(i) o V já é pontual e o Adverbial apenas reforça essa característica;
 (ii) o verbo por si só não é obviamente pontual (por exemplo porque admite tanto uma interpretação pontual como uma interpretação

²³ O teste sugerido por Risso (2002) serviu inclusive como categoria metodológica de análise da tese, uma vez que didaticamente foram divididas as ocorrências de *agora* nestas subclasses: dêiticos temporais e marcadores discursivos. Para tanto, foram realizados os testes sugeridos por Risso (2002), como se descreve no Capítulo 2 dedicado à metodologia.

durativa ou 'incremental' e o advérbio aspectual seleciona a primeira interpretação) (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 421).

Os exemplos apresentados pelos autores são os seguintes:

(2-11) e claro...pronto...quer dizer...[o cabelo comprido] foi absorvido imediatamente.

(2-13) ajeitou os cabelos de um só golpe (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 421).

Em sua análise, Martelotta (1993) verificou que os circunstanciadores temporais aglomeram-se em um grupo de expressões com características semântico-gramaticais distintas. Tem-se a seguir o exemplo apresentado pelo autor:

I: ... aí chegou um rapaz... começou a tirar retrato de costa, de frente, de lado e esse negócio todo. Eu estou pensando que é negócio aqui do bairro, essa coisa toda. E *quando* chegou o dia seguinte, que eu deço aqui, o jornaleiro me chama ali na banca, não é? E eu vejo o meu retrato lá. *Depois* que saiu aquilo, apareceu um senhor lá na praça... (MARTELOTTA, 1993, p. 189, grifos de autor).

Nesse exemplo, conforme comenta o autor, está descrita uma sequência de eventos específicos, que ocorrem de uma só vez em momento definido. Os elementos destacados no exemplo são chamados pelo autor de circunstanciadores temporais. Outros exemplos desse tipo são: "agora, às sete horas, quando ele chegou, etc." (MARTELOTTA, 1993, p. 189).

Conforme explica Martelotta (1993, p. 189), os circunstanciadores de tempo determinado "dão uma indicação relativamente precisa do momento em que ocorre o evento". O autor comenta que elementos dessa espécie ocorrem mais frequentemente em eventos específicos, mas também são possíveis em eventos não específicos, desde que apresentem a característica [+punctual] (MARTELOTTA, 1993). Esse tipo de circunstanciador, conforme comenta o autor, costuma aparecer em narrativas que se ligam a eventos específicos, e que auxiliam, em termos de localização de tempo, a organizar a sequência dos fatos. No exemplo apresentado, o informante conta um evento relacionado ao conserto do freio de seu carro à época em que estava no exército:

1 – I : ... uma Dodge da manutenção, ela trancou o freio. Eu disse: "ô, sargento, faz o seguinte: o senhor engrena a Dodge que eu vou

dar uma sangria". Porque o freio *quando* tranca... o burrinho não dá retorno, o burrinho de freio. Então fui lá para abrir a sangria. *Nisso que eu deitei*, que eu ia abrir a sangria, o sargento esqueceu de engrenar. Então, no que eu abri a sangria, ela soltou o freio. Eu fiquei deitado. Quando eu senti que a Dodge andou, eu virei para o lado e a Dodge passou e foi se acabar no barranco que tinha lá em baixo e eu deitado no chão (MARTELOTTA, 1993, p. 189, grifos do autor).

Martelotta (1993, p. 189) explica que, no exemplo, observa-se “uma narrativa de eventos basicamente específicos sequenciais”. Foram destacadas porções de texto chamadas pelo autor de circunstanciadores que “determinam o momento em que ocorrem os eventos aos quais se ligam, ajudando a organizar a sequencialidade destes eventos” (MARTELOTTA, 1993, p. 189).

Os circunstanciadores de tempo indeterminado são aqueles que denotam situações em momentos não específicos, mas ao longo de uma porção de tempo. Os elementos representantes dessa categoria para o autor seriam expressões como “sempre, geralmente, atualmente, nunca, nunca mais, etc.” (MARTELOTTA, 1993, p. 64).

Não obstante as noções de Martelotta (1993) em muito se assemelharem às categorias apresentadas por Castilho *et al.* (2008), o autor elenca, na categoria dos circunstanciadores de tempo indeterminado, o vocábulo *atualmente*, que, apesar de estar subentendido, ainda não havia aparecido nas análises nem de Castilho *et al.* (2008)²⁴, tampouco em Neves (2008). Importa, para esta tese, compreender o vocábulo *atualmente* como pertencente a esta classe, da mesma forma que é reveladora a classificação de *hoje* na categoria dos circunstanciadores de tempo determinado (pontual), isso porque **agora** assume, em sua acepção semântica, ora o caráter durativo, ora pontual, como no exemplo que segue, retirado do *corpus* da tese:

Recorte 31/ Inf 2

Porque é::: com os estudo que ta **agora** né::: a senhora não acha?
Porque, por exemplo, uma pessoa que estuda aqui, se ele aprender quando ele vai pra fora ele já... (L138)

No recorte 31, **agora** apresenta no campo semântico o valor de *atualmente*, e, portanto, pode figurar a categoria dos advérbios de aspecto durativo, pois não

²⁴ A primeira edição desta obra foi publicada em 1990.

denota tempo presente exato, mas que vem se desenrolando no momento atual. As ocorrências de **agora** com significação de dêitico temporal, que não admitiram paráfrase por *atualmente* e que indicam certa pontualidade temporal, apareceram ligadas a outro elemento denotativo de tempo, como em (25) e (27):

Recorte 25/ Inf 2

[...] é::: assim falam né, eu falo pelo dizer dos outros, porque eu também, **agora** pouco, faz pouco anos que eu me dou com os Catarina. (L240)

Recorte 27/ Inf 4

Agora pro natal, meu filho veio buscar nós, nós ficamos desde o meio dia até às três da tarde pra passar pra cá.(L108)

Desses dois enunciados acima, somente o recorte 27 marca ponto exato no passado. Apesar de **agora pouco**, no recorte 25, parecer acenar para uma marca pontual, essa impressão é desfeita pela expressão *faz poucos anos*, que amplia o recorte temporal admitido pelo enunciado. A expressão **agora pro natal** marca tempo pontual no passado, que é definido pelo enunciado inteiro, e não somente pelo elemento **agora**; contudo, denota a indicação *pontual* da Informante de que o *natal* do qual fala é o que está mais próximo da linha do tempo, ou seja, passado recente. Para tal interpretação, é importante considerar o contexto da enunciação, já que as entrevistas foram realizadas no mês de janeiro do ano de 2016; nesse caso, **agora pro natal** ancora o enunciado no tempo passado. Caso tivesse ocorrido no mês de dezembro, em data anterior ao dia 25, por exemplo, a expressão poderia perfeitamente denotar tempo futuro. No enunciado em destaque, é a conjugação do verbo que, de fato, denota o tempo do enunciado e o tempo do discurso. Nos dois exemplos, **agora** assumiu aspecto fórico, em que havia relação com o passado próximo.

As ocorrências de **agora** no *corpus* demonstram, em consonância com o que foi apontado pelos autores, que os advérbios não devem ser analisados como uma categoria estanque, ou seja, dividir categorias e listar vocábulos que as componham pode ser um erro de estratégia perigoso, pois, ao se considerar o contexto e o eixo semântico em cada ocorrência, um mesmo vocábulo que ora se comporta de uma forma, pode ser entendido, em nova sentença com contexto distinto, de maneira

completamente diferente. Entende-se que os exemplos arrolados pelos autores não pretendem elencar listas de palavras para cada categoria, mas sinalizar ao leitor ocorrências possíveis.

1.2.5 A foricidade dos elementos circunstanciais de tempo

De acordo com Neves (2008, p. 263), “a foricidade é um processo básico da linguagem que desempenha um papel de primeiro plano no funcionamento dos verbos e dos pronomes”. Comenta que fórico significa levar e trazer (do grego *phéro*), e nessa categoria se encaixam os elementos que permitem a recuperação de informações por meio de remissão a enunciados do texto ou à própria situação de enunciação (NEVES, 2008). Os elementos podem se referir ao contexto da enunciação, portanto, exóforas ou no âmbito textual, em porções anteriores ou posteriores dentro do texto, por isso, são chamados de endóforas. Quando um elemento se referir ao que já foi dito anteriormente dentro do próprio texto, tem-se uma anáfora; já quando se referir a uma expressão posterior, é chamado de catáfora.

Neves (2000, p. 263) comenta que os advérbios considerados fóricos seriam aqueles que “se referem a um momento ou período determinado da enunciação ou de outro ponto do enunciado”. Nesse sentido, a autora categoriza alguns elementos que funcionam como marcadores temporais. Dentre eles, **agora** aparece como representativo de alguns sentidos possíveis:

AGORA = neste momento

— Só AGORA é que a senhora se lembrou disso? (A)

AGORA = na época atual

Estava dizendo um matuto, na venda, que Aparício anda AGORA com mais de duzentos homens. (CA)

AGORA = neste momento ou período, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este:

Mas vamos passar AGORA à parte principal do nosso programa.

(RV)

AGORA = no momento/período imediatamente anterior a este

E AGORA houve uma mula que tenha parido? (PRO)

AGORA = nos últimos tempos

A vida da gente é esta mesma que está aqui e o melhor é acabar com ela.

E AGORA aparece menino novo, para ainda mais me sucumbir (CA) (NEVES, 2000, p. 263).

Assim, com o intuito de se estabelecerem categorias de análise, convencionou-se sintetizar o que foi apresentado por Neves (2008) da seguinte maneira: a) Referência temporal imediata: **agora** → neste momento, hoje; **agora** → atualmente. Também nessa categoria serão considerados excertos em que a paráfrase por *atualmente* seja possível; b) Referência temporal passada: **agora** → nos últimos tempos, ou expressões que indicarem passado; c) Referência temporal futura: **agora** → neste momento ou período, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este, ou quando houver expressão futura a que se liga.

Em síntese, as categorias arroladas por Neves (2008) assinalam a importância em se reconhecer principalmente a anáfora como mecanismo de coesão, quando se pretende compreender a relação inclusive dos circunstanciais de tempo, pois “todas as expressões anafóricas e todas as expressões exofóricas funcionam simultaneamente no nível de construção de textos coesos, no nível da representação do mundo e no nível da interação verbal” (NEVES, 2008, p. 488).

Na definição de Neves (2008), os circunstanciais fóricos são expressos por um vocábulo, tradicionalmente reconhecidos como advérbios, que “identifica, por si só, a relação cronológica ou espacial desejada, e o termo, a partir do qual se faz a localização, sendo que esta última operação tem seu sucesso garantido pela foricidade do advérbio” (NEVES, 2008, p. 491). A autora apresenta então o que chama de “inventário” dos circunstanciais fóricos, em que lista os principais vocábulos, que se comportam como elementos de referência de tempo e de espaço: “lá, aí, aqui, fora: agora, ontem, atualmente, hoje, depois, então” (NEVES, 2008, p. 491). As funções desempenhadas pelos circunstanciais de tempo, de acordo com a autora, podem se dar no nível da argumentação, quando preencherem uma casa da valência do verbo, como em:

[...] b) o nosso tempo eu acho melhor que *agora*
 [...] d) Isso ocorreu ontem [...] (NEVES, 2008, p. 492, grifo da autora).

No nível das funções circunstanciais, o advérbio localiza no tempo e no espaço o evento descrito na sentença. O exemplo dado pela autora que melhor se adapta ao escopo da tese é:

[...] c) você viu *agora* Recife passou quase uma semana sem água
 [...] (NEVES, 2008, p. 491, grifo da autora).

Ao desempenhar função modificadora, conforme argumenta Neves (2008, p. 491), o “advérbio é periférico no SN; caracteriza o referente do nome como localizável num espaço tempo que afeta o referente”.

d) uma pesquisa *agora* da ONU determinou (NEVES, 2008, p. 491, grifo da autora).

Nesse caso, **agora** é modificador do sintagma nominal *uma pesquisa*, que, acrescido desse elemento, poderia ser traduzida por *uma pesquisa atual*. **Agora** assume o papel de modificador, não do verbo, mas de um nome. Há no *corpus* ocorrências semelhantes, como o exemplo a seguir:

Recorte 30/ Inf 7

I - tudo casado, aí a gente tá aqui, agora esse de **agora** é o segundo casamento né, mas to vivendo bem graças a Deus. (L110)

Considere-se para fins de análise:

Esse de **agora** é o segundo casamento.

Assim, tem-se:

- a) O casamento de **agora** é o segundo.
- b) O casamento atual é o segundo.

Percebe-se que, nesse recorte, **agora** funciona como um modificador do sintagma nominal. Essa ocorrência contraria primeiramente a máxima apregoada pelos tradicionalistas de que os advérbios não se aplicam a nomes. Visivelmente, aplicam-se ao sintagma nominal e os modificam. É possível avaliar, diante das considerações apresentadas pelos autores arrolados neste tópico, que a análise de um elemento como **agora** precisa se pautar sempre nos mais variados aspectos que o circundam, tanto na cadeia sintática, semântica, quanto pragmática, e atentar, principalmente, para o fato de que não existem classificações estanques, mas que variam de acordo com o contexto de análise.

De acordo com Marcuschi (2001), a distinção entre anáfora e dêixis não é pacífica, e tem sido alvo de grandes discussões no campo dos estudos linguísticos. Conforme comenta o autor,

Há quem imagine não haver diferenças de monta entre ambas. Outros julgam que a dêixis é da área da pragmática e as anáforas da semântica. O certo é que ambas dizem respeito a processos de contextualização do significado e se ligam ao fenômeno da indexicalidade (MARCUSCHI, 2001, p. 217).

Marcuschi (2001) acena para a existência de um tipo de anáfora na qual as retomadas são feitas indiretamente. Para tanto, parte da ideia de que “as referências textuais são construídas no processo discursivo e que muitos referentes são objetos de discurso construídos no modelo textual”. Tendo isso em vista, analisa o caso da “progressão referencial multilinear e não direta” (MARCUSCHI, 2001, p. 217). Esse caso pode ser observado nas análises da tese, quando um elemento textual parece realizar retomadas a referentes de maneira indireta. O exemplo retirado do *corpus* é ilustrativo desse caso:

Recorte 16/ Inf 6

D - [...] antigamente o que a senhora acha que era muito diferente de hoje em dia, como que era a vida antigamente do que é hoje, principalmente aqui no Cubatão, o que tem que é bem diferente, as estradas e tudo o que a senhora falou

I - Não, aqui melhorou muito por que tem ônibus na porta pras criança, *tem merenda*, hoje em dia a criança tem mochila, tem quanta coisa, tem roupa boa. Antigamente não era isso, tem alguma criança que não quer ir pra escola né::: nós não tinha isso, não tinha ônibus. Nós devia levar lanche pra cá::: pra escola. é::: antigamente não tinha isso. **Agora** *tem comida* boa na escola né::: (L156-159)

No recorte acima, “**Agora** *tem comida* boa na escola né” retoma indiretamente o que foi enunciado anteriormente, “aqui melhorou muito por que tem ônibus na porta pras criança, *tem merenda*, hoje em dia a criança tem mochila, tem quanta coisa, tem roupa boa”. Nesse caso, *comida boa* e *merenda* são componentes do mesmo campo semântico; dessa forma, o trecho iniciado por **agora** faz uma retomada daquilo que já havia sido afirmado, além de situar o ouvinte retomando o mote da pergunta na contraposição entre *antigamente* e **agora**. Portanto, a

discussão apresentada por Marcuschi (2001) pareceu oportuna, a fim de explicarem-se melhor esses eventos de retomada.

1.2.5.1 Anáfora indireta

O caso da anáfora indireta, conforme comenta Marcuschi (2001, p. 218), “representa um desafio teórico e obriga a abandonar a maioria das noções estreitas de anáfora, impedindo que se continue confinando-a ao campo dos pronomes e da referência em sentido estrito”. Essas noções, segundo o autor, constituem-se em ameaças às “noções de texto e coerência hoje no mercado, constituindo um problema central para as teorias formais da referência, sendo ignorada pelos gerativistas” (MARCUSCHI, 2001, p. 217). Contudo, de acordo com o autor, considerar funções de retomadas indiretas permite análises que vão além da referenciação textual, e permitem observar casos de “construção, indução ou ativação de referentes no processo textual-discursivo” (MARCUSCHI, 2001, p. 218).

Ao explicar as relações da anáfora indireta com elementos semânticos antecedentes, os quais não se relacionam em termos de referência direta, Marcuschi (2001) faz a analogia entre o barco e a âncora, exemplo que é bastante esclarecedor para a compreensão das análises propostas na tese. O exemplo utilizado para a analogia é o seguinte:

Essa história começa com uma família que vai a uma *ilha* passar suas férias. [...] Quando amanheceu eles foram ver como estava o *barco*, para ir embora e perceberam que o barco não estava lá (MARCUSCHI, 2001, p. 217, grifos nossos).

Conforme explica Marcuschi (2001), quando *barco* aparece no texto, essa é uma expressão referencial nova, mas que surge como se já fosse conhecida, pois possui uma âncora em uma expressão nominal antecedente, no caso *ilha*, que lhe dá suporte. Trata-se, segundo o autor, de uma “uma estratégia endofórica de ativação de referentes novos e não de uma reativação de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita” (MARCUSCHI, 2001, p. 217).

As anáforas diretas, no seu sentido mais clássico, são, de acordo Marcuschi (2001, p. 219), aqueles eventos em que são retomados “referentes previamente

introduzidos, ou seja, estabeleceriam uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente”. Nesses casos, conforme o autor, parece existir equivalência “semântica e, sobretudo uma identidade referencial entre a anáfora e seu antecedente” (MARCUSCHI, 2001, p. 219). Conforme argumenta, a anáfora direta funcionaria como uma espécie de item que substitui o elemento retomado. Para Marcuschi (2001, p. 219), “a visão clássica da anáfora direta se dá com base na noção de que a anáfora é um processo de reativação de referentes prévios”.

Dessa forma, Marcuschi (2001) assume como definição para a anáfora indireta (AI) a proposta por Schwartz (2000, p. 49 apud²⁵ MARCUSCHI, 2001, p. 223):

No caso da Anáfora Indireta trata-se de expressões definidas [e expressões pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões [ou informações constantes] da estrutura textual precedente [ou subsequente] e que tem duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global²⁶).

Compreende-se, diante da definição do autor, que a anáfora indireta é geralmente constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes que são interpretados referencialmente sem um antecedente explícito no texto. Assim, é possível afirmar que se trata de uma estratégia de progressão referencial implícita. O exemplo apresentado por Marcuschi (2001) foi também retirado do trabalho de Schwartz (2000):

O garçom foi muito deselegante e arrogante (SCHWARTZ, 2000, p. 50 apud MARCUSCHI, 2001, p. 224).

Conforme explica Marcuschi (2001, p. 223, grifos do autor), “a expressão o *garçom* ativa um referente novo e, ao ancorar num universo textual precedente, de certo modo também reativa *um restaurante*”. De acordo com o autor, existe nesse caso uma espécie de “ativação-reativação na continuidade do domínio referencial” e, diante disso, é possível afirmar que a anáfora indireta seria uma ação temática e

²⁵ Optou-se por se fazer a referência a leitura de Marcuschi (2001) da obra de Schwarz (2000), pois não foi possível, até o presente momento, encontrar o texto desse último autor para leitura.

²⁶ Nesse caso, os grifos são de Marcuschi (2001), que acrescenta comentários às noções apresentadas por Schwartz (2000).

remática simultaneamente “na medida em que traz a informação nova e a velha, ou seja, produz uma tematização remática” (MARCUSCHI, 2001, p. 224). Diante disso, as características das anáforas indiretas seriam, segundo Marcuschi (2001, p. 224):

a) a inexistência de uma expressão antecedente ou subsequente explícita para retomada e presença de uma âncora, isto é, uma expressão ou contexto semântico base decisivo para a interpretação da AI; b) a ausência de relação de correferência entre a âncora e a AI, dando-se apenas uma estreita relação conceitual; c) a interpretação da AI se dá como a construção de um novo referente (ou conteúdo conceitual) e não como uma busca ou reativação de elementos prévios por parte do receptor; d) a realização da AI se dá normalmente por elementos não pronominais, sendo rara sua realização pronominal.

Conforme a noção apresentada por Schwartz (2000), Marcuschi (2001) compreende que a anáfora indireta se baseia em ligações semânticas ou em outras relações conceituais, pois vai além da correferencialidade, e envolve mais do que procedimentos de emparelhamento. Sua total interpretação estaria atrelada a processos de cognição, pois depende do conhecimento de mundo e das informações não explicitadas no texto, ao mesmo tempo em que se encontram ancorados nas informações fornecidas.

1.2.6 Considerações

As discussões arroladas até aqui indicam que o elemento **agora**, considerado como pertencente à categoria dos advérbios, conforme vem sendo classificado por pesquisadores que levam em conta níveis de atuação que vão além daqueles propostos pela gramática tradicional, ocupa o espaço de um circunstancial de tempo que atua na modificação de elementos tanto no nível sintático quanto semântico. Não há, de acordo com os autores citados, uma única categorização para esse tipo de elemento, mas faz-se necessário uma análise mais ampla em que o contexto de atuação seja considerado. No entanto, conforme verificamos em pesquisas anteriores²⁷, **agora** pode exercer funções que se distinguem por completo da sua prototipicidade original. Esse deslizamento semântico indicaria que **agora** está passando por um processo de gramaticalização, conforme se discute a seguir.

²⁷ Gryner, (2008), Rodrigues, (2002; 2009), Fabri, (2013), Lima, (2014), Figueiredo, (2015) e Oliveira, (2018), dentre outros.

1.3 ESTUDOS SOBRE GRAMATICALIZAÇÃO

Investigações atuais, como as citadas no início deste capítulo, indicam que o elemento **agora** vem sofrendo mudanças em relação aos seus usos, nas quais apresenta certo esvaziamento semântico e passa a exercer funções variadas. A esse fenômeno é dado o nome de gramaticalização, processo que, segundo Castilho (1997), ocorre quando um item assume um novo *status* como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo mudar de categoria sintática, receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer como consequência de uma cristalização extrema (CASTILHO, 1997).

De acordo com Castilho (1997), esse termo foi utilizado pela primeira vez no artigo de A. Meillet, de 1912, sob o título *L'évolution des formes grammaticales*. Esse linguista estudou os usos em francês do verbo *être* na 1ª pessoa e, à época, compreendeu que a gramaticalização era entendida não só como um processo diacrônico e gradual, ou seja, a derivação de usos acessórios e gramaticais de um uso principal (lexical/expressivo), mas era também um processo sincrônico, isto é, atestou a coexistência dos usos que eram assim constituídos em um mesmo recorte de tempo (CASTILHO, 1997).

Nessa perspectiva, a gramaticalização seria um processo unidirecional em que itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir, em determinados contextos, funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Nesse processo, o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois abandona o plano da criatividade eventual do discurso para adentrar as restrições da gramática (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996).

Tendo em vista o caráter funcionalista desses estudos, a trajetória dessa mudança se daria pela regularização do uso da língua, que ocorreria a partir da criação de expressões novas e de rearranjos vocabulares que são realizados pelo falante de maneira a atender as suas intenções comunicativas (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996). Assim, conforme uma construção se repete e se torna casuística, vai se fixando, tornando-se normal e regular, ou melhor, gramaticaliza-se. Essa regularidade acontece quando as estratégias discursivas adotadas pelo falante

em uma situação comunicativa perdem a eventualidade criativa do discurso e passam a ser conduzidas por restrições gramaticais, e é essa regularidade que transforma uma expressão discursiva em gramatical. Seria como se os elementos lexicais perdessem gradativamente suas potencialidades referenciais de representar ações, qualidades e seres do mundo biossocial e ganhassem a função de estruturar o léxico na gramática, admitindo funções anafóricas, por exemplo, e expressando noções gramaticais como tempo-modo, aspecto, dentre outros (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996).

Nesse sentido, na geração de uma mudança, a frequência de uso é um fator primordial, pois torna o uso rotineiro e dá apoio paradigmático, o que cria estabilidade no sistema. E é desse modo que a repetição pode enfraquecer a força semântica de uma forma por meio do hábito, ou seja, as formas tornam-se mais gerais, mais abstratas quanto ao seu significado. Essa perda de transparência semântica induz ao uso dessa construção em contextos diferentes, com novas associações, estabelecendo uma mudança semântica.

Martelotta, Votre e Cezario (1996) exemplificam o fenômeno a partir da gramaticalização do *aí*, apresentado em um recorte textual que narrava um assalto em que a vítima (Informante) tinha em mãos uma caixa de tênis. O exemplo é o seguinte:

Ex1: "...primeiro tu vai me dizer que que tem dentro dessa caixa **aí**... eu falei... aqui não tem nada não... **aí** ele falou assim... mentira... eu sei que essa caixa **aí** é da Redley..."

Ex2: "...minha mãe me deu um tênis de presente... só que **aí** o tênis não... coube no meu pé... **aí** eu tive que trocar... eu fui trocar... no Barrashopping... **aí** eu peguei um... uma linha de ônibus que é muito assaltada... **aí** eu fui, né?... **aí** eu sentei no ônibus... **aí** sentou um camarada do meu lado..." (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 25, grifos dos autores).

O elemento *aí*, no primeiro exemplo, tem valor de advérbio dêitico espacial, que localiza a caixa como estando próxima do ouvinte. No segundo exemplo, *aí* tem valor sequencial e atua como um conectivo, pois se prende ao início do enunciado e adota a função de sequencializador de eventos perfectivos de modo a indicar a ação que se segue. Para os autores, o *aí* temporal (segundo exemplo) é derivado do *aí* espacial (primeiro exemplo). A esse movimento, dá-se o nome de gramaticalização (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996).

Martelotta, Votre e Cezario (1996) indicam que, no nível semântico, a gramaticalização ocorre por meio de certo deslizamento do concreto para o abstrato, ou seja, elementos do mundo concreto são utilizados como representações metafóricas. Conforme indicam os autores, esse processo metafórico geralmente obedece a um processo unilateral, a uma trajetória +concreto > -concreto. Um exemplo desse fenômeno seria quando palavras que designam fatos do mundo concreto são utilizadas, de maneira analógica, para representar conceitos mais abstratos e mais difíceis de serem conceitualizados. Os exemplos oferecidos pelos autores são os seguintes:

Ex3: Peguei a linha do seu raciocínio.

Ex4: Ele levantou uma hipótese interessante.

Ex5: Onde você quer chegar com esses argumentos?
(MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 27).

Para Votre (1996, p. 15), na língua, nada é por acaso: “razões de economia, eficiência e eficácia levam, naturalmente, os humanos a gramaticalizarem, regularizarem, sistematizarem suas ações verbais”. Já em Martelotta, Votre e Cezario (1996), esse fenômeno pode ser reconhecido como um processo especial de mudança linguística, pois a gramaticalização leva itens lexicais e construções sintáticas a admitirem funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas.

1.3.1 Gramaticalização do elemento **agora**

O trabalho realizado por Lins (2007, p. 141) acena para a gramaticalização sofrida pelo elemento **agora**. A discussão da autora garante que, apesar de esse vocábulo ser, na maioria dos trabalhos tradicionalistas, considerado como um “simples advérbio, um dêitico temporal, que exerce a função de situar eventos a que se refere em um dado período de tempo”, **agora** “pode causar impacto no interior de um enunciado, não se limitando apenas a indicar um processo no tempo” (LINS, 2007, p. 141). A autora oferece exemplos em sua análise que ilustram a diferença nos usos desse elemento em processo de gramaticalização:

(1) morro **agora** está bom, está calmo à beça, está tudo calmo. Mas em (hes) um ano atrás esse morro virou um <inf> Deus me livre.

(2) Mas eu sei lá, eu tenho vontade, assim, jogar para mim ganhar, **agora** gastar meu dinheiro, ir lá jogar e não ganhar nada. Eu fico com uma tristeza (est) mas se eu ganhasse eu ia ajudar muita gente (LINS, 2007, p. 141, grifos da autora)²⁸.

Os exemplos citados demonstram **agora** funcionando ora como um adverbializador, ora como organizador do fluxo textual. Para Lins (2007), em termos semânticos, **agora** se distancia de sua significação temporal prototípica, pois não é desencadeado pela forma interrogativa *quando* e nem pode sofrer paráfrase por *atualmente*, *neste momento* e outros marcadores temporais. **Agora** também não é integrante da oração e assume uma função totalmente diferenciada daquela prototípica anunciada pela gramática tradicional.

Também os trabalhos de Rodrigues (2002; 2009), Gryner (2008), Fabri (2013), Lima (2014), Figueiredo (2015) e Oliveira (2018) indicam a gramaticalização que o elemento **agora** vem sofrendo. Gryner (2008) sugere que o processo de gramaticalização ocorre em um processo pelo qual as categorias e a função/significado se modificam gradativamente, obedecendo a um *continuum* que parte do concreto para o abstrato. Assim, **agora**, de acordo com a autora, partiu do dêitico temporal para o marcador discursivo por meio desse processo.

Observam-se, no *corpus*, exemplos em que **agora** atua como dêitico temporal, como no recorte que segue:

Recorte 1/ Inf 1

D - a senhora que cuida dos netinhos?

I – é.. que o pai dele trabalha né,

D – aham... E vocês obedecem a vó? (dirigindo-se as crianças que brincavam)

I – aquele ali é malvadinho, esse aqui ta na escola já do Cubatão, aquele lá o pai vai matricular **agora**. (L45-48)

Contudo, também são observados casos em que **agora** atua em função de marcador discursivo, como no exemplo a seguir:

Recorte 38/ Inf 2

P - e quando a senhora era criança, ou seus pais, ou seus avós, ou as pessoas que moravam perto da senhora, que língua eles falavam?

²⁸ A autora analisou dados orais originários do projeto PEUL, conforme citado no item 1.1.

I – é a mesma língua, era tudo uma língua só.
 D - tudo a mesma língua,
 I – tudo uma língua só. Os falecido meus avô, o pai da minha mãe era lá de São José dos Pinhais, pra lá da, como é que é o nome do lugar? Pra Tijucas do Sul, lá, era de lá né, **agora** minha mãe não, a minha mãe nasceu aqui em Guaratuba, as família dela que era as fundadora de Guaratuba. (L100 -109)

No recorte 1, **agora** exerce a função de dêitico temporal; já no recorte 38, essa temporalidade é perdida. Existe então certo esvaziamento da temporalidade do elemento, pois, no segundo caso, não atua como circunstanciador temporal. Martelotta, Votre e Cezario (1996) indicam que, quando existe o esvaziamento completo da função gramatical, como observado nos recortes 1 e 38, ocorre o que esses autores chamam de discursivização.

1.3.2 Discursivização

O processo de Discursivização²⁹ acontece, segundo Martelotta, Votre e Cezario (1996), quando um item é levado a assumir a função de marcador discursivo, de forma a modalizar ou reorganizar a produção da fala. Ou seja, quando a linearidade do discurso é momentaneamente perdida, usa-se um item para retomá-la, ou ainda, os elementos indicadores da discursivização são usados para preencher o vazio causado por essa perda da linearidade. Esses elementos desempenham, segundo Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 33),

um conjunto de funções que, na prática, se sobrepõem e se confundem, uma vez que estão ligadas a reformulações da fala [...] essas funções estão relacionadas direta e indiretamente às preocupações do falante, no momento de processar a fala [...].

Ainda de acordo com Martelotta, Votre e Cezario (1996), uma vez perdidas as restrições gramaticais de algum elemento linguístico, esses assumirão funções extralinguísticas, como de marcadores discursivos, que por sua vez são ligados ao discurso e à interação entre os interlocutores. A esse processo se dá, portanto, o nome de discursivização, pois os elementos perdem alguns valores sintáticos e semânticos e a sua ordenação vocabular, adquirindo características pragmático-

²⁹ Chamado por outros autores de pós-gramaticalização.

discursivas. A fim de ilustrar esse processo, os autores apresentam o seguinte exemplo:

Ex 18: "... mas que adianta um casamento tão lindo... gastam tanto... pra no final eh... viv/ fica dois... três dias... depois se separam... entendeu? eu acho isso aí um absurdo... porque... *poxa... eu sei lá... sabe?* num... *né?* a vida:/: tudo bem... está tudo difícil... mas a pessoa...eu acho que a pessoa tem que saber... diretamente aquilo que quer..." (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 32, grifos dos autores).

Para os autores, os itens grifados não possuem significação primordial para a compreensão ou para a organização interna da estrutura da frase, mas se envolvem, contudo, em funções pragmáticas que existem no entorno da gramática e não no seu interior. Assim, os elementos *poxa*, *eu sei lá*, *sabe?* e *né?* "são usados num contexto discursivo de insegurança que gera ensaio-e-erro na busca da expressão adequada e, conseqüentemente, preenchem o vazio causado por uma demora no processamento da informação, proveniente dessa insegurança" (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 33).

Nesta tese, assim como Martelotta, Votre e Cezario (1996), adota-se a nomenclatura de Marcadores Discursivos (doravante MDs). Isso porque a discursivização é aqui entendida como um processo de mudança linguística que gera marcadores discursivos, o que ocorre a partir das necessidades do falante, quando busca marcar estratégias interativas, visando reorganizar o fluxo de suas ideias e ao mesmo tempo deixar o ouvinte ciente de sua atitude de fala. Para esse autor, a discursivização se distingue da gramaticalização porque abrange uma série de elementos que vão além da gramática, ou seja, é um processo que recobre elementos que costumam marcar uma relação entre os participantes e entre estes e seu discurso, não incluindo necessariamente os elementos da gramática.

1.3.3 Considerações

Observamos diante das reflexões acerca da gramaticalização que o elemento **agora** vem sofrendo um processo de esvaziamento na significação, o que ocorre quando assume funções discursivas em que a circunstancia temporal não é atribuída. Contudo, é possível verificar que, apesar de se tratar de um elemento em

processo de gramaticalização, a noção temporal é ainda concomitante, já que agora aparece exercendo múltiplas funções, seja com função adverbial, seja como articulador ou modificador, ou ainda como organizador do fluxo textual, quando assume a função de marcador discursivo, conforme se discute a seguir.

1.4 SOBRE MARCADORES DISCURSIVOS

No *corpus* da tese, foram analisadas as ocorrências do elemento **agora** e, em alguns casos, observou-se que a significação desse elemento não obedecia à classificação de circunstancial de tempo, uma vez que não aceita a paráfrase por outro elemento indicativo de tempo, como no exemplo que segue:

Recorte 36/ Inf 5

D - eu quero saber como que era as estradas aqui na época, com que vocês iam pra::: se vocês iam bastante pra Garuva, se vocês iam pra Guaratuba.

I – na:::ao irmã, é caminho, caminho de ir pra roça do arroz, caminho de ir pra roça da rama, caminho pra ir pra roça do::: do milho, porque olhe, milho, arroz, rama... o milho raleado dá pra plantar junto com o aipim né, porque ele abafa, judia muito, e::: o milho dá, mas o arroz não pode plantar junto. Então eu não sei irmã, mas o pai, quando era pra ir colher quando tava maduro, o pai dizia: hoje eu vou abrir o caminho do da roça de milho, amanhã eu vou abrir o caminho da roça do arroz. Só que o milho semeia, e o arroz também né. Só que **agora** mudou né irmã, tem outro tipo de plantação, que tem arroz entremeio e milho de entremeio, **agora** o feijão é o mais ligeiro irmã, a irmã pode por, é três mês o feijão. O feijão é ligeiro. (L412-415)

No exemplo apresentado, a primeira ocorrência de **agora**, em “Só que **agora** mudou né irmã”, tem-se um circunstancial de tempo em que a paráfrase por *atualmente* é válida. A forma ainda funciona como resposta para *quando* em: quando mudou? > mudou **agora**. Contudo, a segunda ocorrência não é parafraseável por outra expressão de tempo, nem atua como resposta para a pergunta *quando*: “tem arroz entremeio e milho de entremeio, **agora** o feijão é o mais ligeiro irmã”. A paráfrase “*atualmente* o feijão é mais ligeiro” não é verdadeira, pois se trata de característica sempre presente à cultura do feijão, e não característica ligada ao momento presente. Bem como o questionamento > quando o feijão é mais ligeiro? **Agora** o feijão é mais ligeiro > que falseia uma asserção real. Portanto, diante da leitura de outros trabalhos que analisaram esse elemento, como

já citados, entende-se que, na segunda ocorrência, tem-se não um circunstancial de tempo, mas um marcador discursivo, pois nesse caso foi usado não para marcar tempo, mas para organizar a fala da Informante.

Tendo isso em vista, este tópico conceitua e caracteriza de modo geral os MDs, de acordo com três diferentes bases teóricas e procedimentos metodológicos, buscando enfatizar em qual ponto essas correntes de pensamento são capazes de descrever as características formais e funcionais do MD **agora**. Por fim, com base nessas informações, busca-se evidenciar os contextos e as condições em que esses marcadores ocorrem, com o objetivo de averiguar seu aspecto formal e suas respectivas funções.

1.4.1 O que são marcadores discursivos

Já na década de 1930, Said Ali chamava a atenção para um grupo de palavras e expressões que, apesar de parecerem descartáveis da frase e serem típicas da língua falada, poderiam contribuir significativamente para a organização textual e estar ligadas às intenções dos falantes nas situações de interação face a face. Esse grupo de elementos foi estudado pelas gramáticas normativas como palavras denotativas e analisado como parte da classe dos advérbios (NASCIMENTO, 2010).

Investigações recentes, tais como o trabalho de Penhavel (2010), Nascimento (2010), bem como pesquisas mais renomadas, como a de Fraser (1999), indicam não haver consenso entre os estudos linguísticos a respeito da classe dos Marcadores Discursivos, inclusive em relação à nomenclatura sob a qual se abrigam esses elementos.

A partir dos autores que fundamentam a base teórica da tese (por exemplo: SCHIFFRIN, 1987; RISSO; SILVA; URBANO, 1996), entendem-se os MDs não como uma classe formal, mas como uma classe funcional, o que ocorre devido à dificuldade de esses elementos se enquadrarem em uma classe de palavras, pois são provenientes das mais variadas categorias gramaticais. Risso (1999, p. 267) destaca que, “em razão [...] de sua própria condição de mecanismos discursivos [...], mesmo que admitam traços mais ou menos regulares, que definem seu estatuto, não chegam a constituir uma classe discreta e absolutamente homogênea”. Urbano (1999, p. 85) conceitua os MDs como sendo “elementos de variada natureza,

estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão”. O autor argumenta que esses dispositivos são típicos da fala e aparecem com grande “frequência, recorrência, convencionalidade, idiomaticidade e significação discursivo-interacional” (URBANO, 1999, p. 85). Apesar disso, os MDs não integram o conteúdo do texto, porém, auxiliam nas conexões textuais, principalmente no que diz respeito ao texto oral. Para o autor, esses elementos funcionariam como articuladores de unidades cognitivo-informativas, e atuam também sob os interlocutores, revelando e marcando as condições de produção do texto, ou seja, dão coesão ao texto tanto como estrutura verbal cognitiva quanto como estrutura de interação interpessoal (URBANO, 1999).

Schiffrin (1987) desenvolveu um dos trabalhos mais extensos acerca do tema e foi quem mais contribuiu para sua definição como uma categoria, inclusive para fixação da nomenclatura. Nesta obra, a autora os considera como elementos que marcam unidades sequencialmente dependentes do discurso e não cabem facilmente em uma só classe linguística, pois incluem recursos paralinguísticos e gestos não verbais. Para Schiffrin (1987), cada MD possui significação nuclear que lhe confere uma identidade e pode inclusive relacionar a realidade semântica (os “fatos”) de duas sentenças, ou relacionar sentenças em um nível lógico (epistêmico) ou até mesmo no nível do ato de fala (pragmático).

Schiffrin (1987) evidenciou a multifuncionalidade dos MDs, sua função como integradores de discurso e, decorrente disso, a contribuição desses itens na coerência discursiva. Desse modo, a autora propõe um modelo de coerência textual baseado nas relações entre as propriedades discursivas e o processo interacional. Para Schiffrin (1987, p. 24), esse modelo se constitui por meio do relacionamento entre unidades adjacentes no discurso, que, contudo, podem ser alargadas para levar em conta dimensões globais maiores de coerência. Como forma de ilustrar essa característica multifuncional dos MDs, categoriza esses elementos em cinco níveis de organização do discurso, nos quais são observados diferentes tipos de coerência: a Estrutura de troca; a Estrutura da ação; a Estrutura ideacional; o Plano de participação; e o Estado de informação.

A autora compreende a estrutura de trocas como correspondente aos turnos conversacionais. Nesse sentido, os usuários da língua estabelecem regras sobre

como e quando falar, o momento de parar, de perguntar e de responder. Tendo isso em vista, Schiffrin (1987) analisa que os atos de fala são direcionados e intencionados, pois os falantes selecionam formas de ação linguísticas específicas (*estrutura de ação*). Isso comprova que as materialidades da língua não são nem aleatórias e muito menos caóticas; são, contudo, organizadas por essas regras.

Como *estrutura ideacional*, Schiffrin (1987) aponta para as propriedades coesivas, que são as relações entre os tópicos e os turnos, bem como as relações funcionais dos elementos que estabelecem nexos entre os componentes textuais. A estrutura ideacional é semântica, e é composta por proposições ou ideias. A autora entende como estrutura participativa (*plano de participação*) o fato de que os falantes compõem modelos de interação a depender de suas necessidades interacionais e linguísticas. Dito de outro modo, trata-se das diferentes maneiras pelas quais falantes e ouvintes podem se relacionar em se tratando de proposições, de atos de fala ou de turnos. Quando relacionando ideias, os falantes podem avaliá-las ou apresentá-las de forma imparcial, podem estar compromissados com elas ou se distanciar delas; a realização de ações pode ser feita de maneira direta ou indireta, por exemplo; em relação aos turnos, podem exigir seu turno, lutar pela posse do turno, abrir mão de seu turno etc. E essas estruturas estabelecem a maneira como devem interagir: tom de voz, registro, passagem de turno, gênero textual, dentre outros.

Já o *estado da informação* é de natureza cognitiva e se transforma constantemente, pois, a cada turno, são realizadas contribuições que modificam o conhecimento e o metaconhecimento dos participantes do evento discursivo. Em síntese, para Schiffrin (1987), a coerência resulta dos esforços dos participantes para integrar o saber, o significar, o dizer e o fazer.

Já Fraser (1999) define os Marcadores Discursivos como uma classe de expressões lexicais pertencentes às classes de conjunções, sintagmas adverbiais e preposicionais, que sinalizam uma relação entre o segmento que introduzem (S2) e o segmento anterior (S1). O autor argumenta que essas expressões possuem um sentido nuclear não conceitual; isso quer dizer que sua interpretação é negociada pelos falantes de acordo com o contexto, tanto linguístico como conceitual.

Ao definir os MDs, Fraser (2009) argumenta que, para uma expressão ser considerada como um Marcador Discursivo, deve se apresentar na sequência S1+MD+S2, em que S1 e S2 são segmentos discursivos que representam um ato

ilocucionário. Assim, existem três condições básicas que categorizam um MD: (1) deve ser uma expressão lexical “*but, so, and in addition*” (FRASER, 2009, p.101)³⁰; (2) Em uma sequência de segmento discursivo S1+MD+S2, o MD deve fazer parte de segundo segmento; e (3) um MD não pode estar contribuindo para a significação do segmento, mas deve sinalizar para uma específica relação semântica entre a interpretação dos participantes do ato ilocucionário.

A identificação de uma noção essencial dos MDs, conforme Penhavel (2010, p. 82), não pressupõe “a existência de uma noção compartilhada por absolutamente todas as abordagens, nem mesmo uma noção aplicável a absolutamente todos os MDs de uma abordagem”, contudo, observar os pontos convergentes das abordagens pode sinalizar para o funcionamento desses elementos na organização do discurso, pois, conforme o autor, “muitas abordagens diferentes parecem compartilhar a posição de considerar como MDs elementos que facilitam o processamento do discurso” (PENHAVEL, 2010, p. 82).

O estudo dos MDs, segundo Risso (1999), permite ao pesquisador revelar a inscrição do processo formulativo e interacional na materialidade linguística do texto, uma vez que se firmam claramente como sinalizadores pragmáticos do monitoramento local do texto falado e das relações interlocutivas responsáveis por sua coprodução dinâmica e emergencial. Na sua condição de MD, estabelecem-se como “embreadores dos enunciados com as condições da enunciação, apontando, portanto, para as instâncias produtoras do discurso e definindo a relação dessas instâncias com a estruturação textual-interativa” (RISSO; SILVA; URBANO, 1996, p. 55).

Na abordagem textual-interativa³¹, um importante estudo que impulsionou trabalhos posteriores sobre os MDs é o de Risso, Silva e Urbano (1996). A investigação desses autores foi pioneira na análise desses elementos no Brasil. Levando em conta uma série de traços definidores, os autores compreendem os MDs como itens que atuam tanto no estabelecimento de articulações textuais, quanto no nível das relações interpessoais. Para esses autores, os MDs podem ser divididos em dois grupos básicos que dependem do maior foco funcional em um ou

³⁰ “*Mas, então, e em adição*” (FRASER, 2009, p.101. O autor afirma não ignorar a existência de outras expressões que podem ser consideradas como MD, contudo, para sua análise, optou por abordar somente expressões lexicalizadas, deixando de lado aspectos prosódicos, como pausa, entonação e expressões não verbais.

³¹ Ou Gramática Textual Interativa, doravante GTI.

outro aspecto: os MDs basicamente sequenciadores e basicamente interacionais. Nesses subgrupos, estão alocadas propriedades tanto textuais quanto interacionais, que funcionam com uma noção de escala, ou seja, quanto maior o papel articulador do MD, menor seria seu papel interpessoal e vice-versa.

Risso, Silva e Urbano (1996, p. 21) definem os Marcadores Discursivos como sendo um grupo amplo de elementos cuja constituição é bastante variada e envolve, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos. A eles, segundo os autores, pode ser atribuída a condição de uma categoria pragmática bem consolidada.

Nesta tese, adotamos, no intuito de compreender questões relativas ao MD **agora**, três perspectivas teóricas, notadamente as pesquisas de Schiffrin (1987, 2003), Fraser (1999, 2006) e, no Brasil, especialmente os trabalhos de Risso, Silva e Urbano (1996), pela abordagem textual-interativa assumida. E, com o intuito de enriquecer as discussões e aprofundar as análises do tema, referenciam-se inclusive os trabalhos de Castilho (1989), Martelotta, Votre e Cezario (1996) e Marcuschi (2003), entre outros.

1.4.2 Características dos MDs: aspectos convergentes entre as teorias de Schiffrin (1987), Fraser (1999) e a GTI

Quanto ao princípio de conectividade, ressaltamos que, apesar de as três abordagens entenderem os MDs como importantes mecanismos coesivos que auxiliam na organização intra e intertextual, conforme analisa Penhavel (2010), somente Schiffrin e a GTI têm como base a perspectiva de coerência apresentada por Halliday e Hasan (1976): incluem-se aos aspectos semelhantes partilhados pelas três abordagens a análise dos MDs em dois níveis: o proposicional (ideacional) e o pragmático (interpessoal).

Já em relação à investigação de princípios pragmáticos gerais, observa-se que as perspectivas em análise concordam que os MDs possuem características discursivas, ou melhor, funcionam como elementos de negociação da ação dos interlocutores. Para as três linhas de pensamento, esses dispositivos têm origem dêitica comum, pois orientam a relação entre os enunciados e com o contexto. Schiffrin (1987) inclusive considera, no seu modelo discursivo, aspectos da situação comunicativa e inclui os MDs na categoria de mecanismos pragmáticos que guiam a

interpretação dos interlocutores. Ambas as teorias consideram os MDs como multifuncionais que sinalizam relações causais, aditivas, adversativas, explicativas, de ressalva, dentre outros. O exemplo retirado do *corpus* é capaz de ilustrar essa questão:

Recorte 41/ Inf 4

D - e naquela época vocês saíam bastante daqui ou era mais difícil,
 I – ah saia só pra procurar recurso pros filho, único que nós saia, e alguma festa do Divino em Guaratuba, sempre a gente ia, mas agora a gente não, sai quando, o pai ajudou a comprar um carro para o meu filho, nós vai mais aqui em Guaratuba. Depois tem esse ônibus que a gente viajava, não tinha isso antes, a gente tinha que ir pra Guaratuba e voltar à remo. Depois conseguimos comprar um motor, aí melhorou. Só que agora ta bem mais melhor, pra nós melhorou. **Agora** sair daqui, só tem aquela ponte do Cubatão que de vez em quando enche. Agora pro natal, meu filho veio buscar nós, nós ficamos desde o meio dia até as três da tarde pra passar pra cá. O rio tava cheio, não conseguia passar. Aí eles vieram aqui, deixaram nois e se mandaram embora. Então fazer o que né, a gente já passou o que passou, é como diz você, agora tem que descansar. Mas você mora no Cubatão ali mesmo ainda ou não. (L103-107)

A documentadora questiona a informante se ela e sua família tinham o costume de “sair” do local em que moravam, seja para passeios, compras ou relações de trabalho. Observe-se no recorte que a informante delonga sua resposta, e faz a retomada à pergunta por meio do MD **agora**, indicando para a documentadora que não havia se esquecido da pergunta. Portanto, em “**Agora** sair daqui, só tem aquela ponte do Cubatão que de vez em quando enche”, tem-se, a orientação da relação entre os enunciados, pois, após oferecer longa explicação, a informante retoma a pergunta organizando sua fala por meio do uso do elemento **agora**. Uma paráfrase possível seria: “**agora** (voltando a sua pergunta) sair daqui, só tem aquela ponte do Cubatão”.

Outro ponto de convergência entre os autores está na não dependência sintática. Apesar de concordarem que os MDs sejam sintaticamente e semanticamente independentes dos enunciados dos quais são constituintes, as três linhas de pesquisa indicam que esses elementos dependem sequencialmente dos enunciados anterior e posterior à sua realização. Essa característica é destacada como sendo básica dos MDs por autores como Risso, Silva e Urbano (1996), Risso (1999) e Urbano (1999). Schiffrin (1987), por exemplo, dispõe que os MDs são

descartáveis da sentença, uma vez que não estão ligadas estruturalmente como constituintes essenciais. Contudo, a autora assinala que, caso a sentença não inclua um MD, pode levar o ouvinte a inferir sentidos que diferem do que foi proposto pelo falante, conflito que pode ser facilmente resolvido com a inserção de um MD (*so* ou *because*, por exemplo). Fraser (1999) corrobora a noção de independência sintática quando argumenta sobre a exclusão dos MDs em sequências sem prejuízo do enunciado. Contudo, o autor concorda com Schiffrin (1987) quando defende a presença do MD como fornecedor de pistas para o sentido da sentença.

A característica multifuncional dos MDs é outro ponto convergente entre as teorias abordadas, pois, para esses autores, tais elementos possuem funções distintas a depender do contexto. Schiffrin (1989), Fraser (1999) e os estudos da GTI oferecem larga discussão acerca do tema. Para esses autores, grande parte dos MDs, além de desempenharem funções como marcadores, mantêm os usos em suas classes gramaticais de origem, como é o caso de **agora**, que apesar de funcionar como articulador, mantém ainda alguns traços de seu aspecto temporal.

Ao desempenharem essa função, esses dispositivos asseguram “abertura, expansão e fechamento de tópicos e distinção de estruturas de figura e fundo em textos narrativos e estruturas de introdução-argumentação-conclusão em textos argumentativos” (PENHAVEL, 2010, p. 266). As funções interacionais, por sua vez, relacionam-se à organização da interação conversacional, ou seja, são provenientes da relação de interação verbal face a face entre os interlocutores. Esses MDs são responsáveis, por exemplo, pela articulação dos turnos conversacionais, o que indica, de acordo com Penhavel (2010), que os MDs tendem a desempenhar a função textual e a função interacional simultaneamente, sempre sobrepujando-se uma à outra. No recorte 41, **agora** funciona tanto no nível pragmático, oferecendo orientação ao ouvinte, como no nível semântico, atuando como um elemento de oposição.

A partir das análises desses autores, compreende-se que os MDs compõem um grupo amplo de itens derivados de classes gramaticais diferentes, com contextos de uso distintos e que desempenham funções discursivas variadas, e muitas vezes são sintaticamente opcionais. O problema que se interpõe a classificações dos elementos considerados como MDs reside justamente na sua multifuncionalidade.

1.4.3 Características dos MDs: aspectos divergentes entre as teorias de Schiffrin (1987), Fraser (1999) e a GTI

A unidade de análise é um dos aspectos em que as teorias arroladas se diferem. Schiffrin (1987, 2003) reconhece a existência da dificuldade de se investigar a unidade de análise (sentença, orações, unidade entonacional ou turno). A autora argumenta que a delimitação da unidade linguística pode ser feita a partir de três aspectos: o estrutural – das relações com outras unidades; o textual – das relações coesivas; e o interacional. Já Fraser (1999) foca em identificar de que forma os MDs apontam relações entre enunciados. O autor identifica S1 e S2 como segmentos discursivos contíguos únicos. Reconhece, contudo, a existência de MDs como *however*, por exemplo, que podem relacionar segmentos não contínuos. Os marcadores, para ele, relacionam esses segmentos e mais um conjunto amplo de sentenças. Em síntese, pode-se afirmar que Fraser (1999) foca seu estudo nas sentenças ou blocos de sentenças.

Por sua vez, a GTI estabeleceu o tópico discursivo como categoria analítica, isso porque essa teoria vê a topicalidade como linha que conduz a organização discursiva, que se estabelece em dois níveis interligados: o linear e o hierárquico. Nesse viés, os autores da GTI aceitam como unidade de análise a frase, o turno e o tópico. Esses três elementos transitam do plano sintático para o discursivo. Dessa forma, a posição do MD no enunciado (plano sintático) está ligada à articulação tópica da conversação (plano discursivo). Uma conversação fluente se daria, nesses termos, quando a passagem entre os tópicos ocorre de forma natural.

Quanto às questões de significação relativas aos MDs, de acordo com Penhavel (2010), existe certa cisão entre as teorias. Para aquelas ligadas à área da Pragmática, como é o caso do trabalho de Fraser (1999), por exemplo, essa questão é central. Fraser (1999) fundamenta sua análise dos MDs em uma “distinção entre significado proposicional e pragmático (próxima à distinção em termos de condições de verdade), estando os MDs ligados ao segundo tipo” (PENHAVEL, 2010, p. 44).

Schiffrin (1987) oferece distinção entre significado semântico que envolve sentido e referência, assim como significado resultante de extensões metafóricas e perda de significação literal, e o pragmático, que se refere a significado dependente de contexto e de inferência.

Para a GTI, a significação é considerada em termos de transparência semântica, em que se verifica “uma oposição entre significado lexical e gramatical, por um lado, e significado discursivo, por outro” (PENHAVEL, 2010, p. 44). Para a GTI, um MD prototípico seria aquele que apresenta transparência semântica parcial. Contudo, de acordo com Penhavel (2010), a questão do significado não é central para essa abordagem.

Já a demarcação prosódica que consiste em itens como entonação de voz, melodia da fala e acentuação da voz, apesar de ser reconhecida em todas as abordagens, é verificada de forma mais contundente apenas pela GTI. Para Risso, Silva e Urbano (1996), os MDs são muitas vezes acompanhados de pausa, rebaixamento do tom de voz ou outro elemento prosódico no segmento que o precede ou subsegue, ou ainda, em relação a ambos, “realizados, na maioria das vezes, com o acompanhamento de uma pauta prosódica demarcativa, ora bem definida [...], ora bastante sutil” (RISSO; SILVA; URBANO, 1999, p. 62).

Diante dos pontos divergentes entre as teorias apresentadas, optamos por considerar aquelas abordagens que mais se aproximam dos objetivos de análises pretendidos. Sendo assim, apesar de considerarmos pertinentes as asserções tanto de Schiffrin (1987) quanto de Fraser (1999), assumimos para a tese a nomenclatura proposta pela GTI, tanto em relação à unidade de análise, qual seja o tópico discursivo, quanto em relação às questões do significado, sobre o qual se adotam os critérios de transparência semântica, como também em relação à demarcação prosódica, em que as pausas, alongamento e rebaixamento da voz são considerados para fins de análise. Assim, apresentamos o recorte a seguir, que ilustra de que forma esses aspectos são tomados:

Recorte 43/ Inf 1

D - a senhora nasceu aqui mesmo na região?

I – aqui. Nasci aqui, me criei no sitio. Tudo meus filho e meus neto aqui.

D - é::: e os pais da senhora eram nascidos aqui também?

I – **agora** meu pai, esse eu não me alembro bem, ((ruído)) de certo nasceu, por que quando eu nasci já tava aqui há um par... esse eu não posso contar pra senhora . eu conheci o finado meu pai ele já tava... me ajuntei, casei. Primeiro foi ele que morreu por primeiro, depois minha mãe morreu. Maria Paula, morreu com cento e quinze ano. (L22-26)

Nesse recorte, é possível observar o tópico discursivo que constitui a unidade de análise: foram considerados como fazendo parte do tópico todos os enunciados relacionados ao mote da pergunta, nesse caso “e os pais da senhora eram nascidos aqui também?”. Quando introduz sua resposta com **agora**, a informante faz a manutenção do tópico, utilizando o elemento em destaque para realizar uma ressalva. Tem-se aí o elemento pragmático, em que uma explicação é introduzida no interior do tópico, organizando o fluxo textual. Já em relação à transparência semântica, tem-se o fato de **agora**, nesse caso, não manter o traço de circunstancial de tempo prototípico do advérbio de tempo.

1.4.4 Considerações

Diante das reflexões apresentadas, compreendemos que o elemento **agora** pode atuar no interior dos enunciados de maneiras bastante variadas, seja exercendo sua função prototípica de adverbial de tempo relacionado ao verbo, seja atuando como circunstancial de tempo com nuances diferenciadas daquelas reconhecidas pela gramática tradicional, ou ainda atuando como MD, quando suas funções de marcação de tempo ficam apagadas, o que indica que esse elemento vem sofrendo o processo de gramaticalização. Assim, com o objetivo de embasar as análises que se seguem, apresentamos o tópico em que discorreremos sobre os estudos da língua falada, já que esta análise leva em conta essa modalidade da língua e que as atuações do elemento **agora** obedecem a classificações diferenciadas quando são tratadas questões relativas à conversação.

1.5 O ELEMENTO AGORA E OS ESTUDOS DE LÍNGUA FALADA

Este tópico tem o objetivo de abordar os estudos da língua falada como objetivo de contribuir para a compreensão das múltiplas funções assumidas pelo elemento **agora** no *corpus*. A primeira seção apresenta o histórico do projeto NURC e sua importante contribuição para os estudos linguísticos no Brasil. A seguir, apresentamos questões relativas ao arcabouço teórico da Análise da Conversação. Por fim refletimos sobre a descrição dos elementos típicos da fala.

1.5.1 Sobre o NURC

De acordo com Silva (1996), o Projeto NURC retrata a investigação da norma urbana culta falada nas principais capitais brasileiras, por meio de inquéritos registrados em áudio. O histórico do projeto está atrelado a importantes mudanças que ocorreram no cenário da pesquisa em linguística. Castilho (1990, p. 142) comenta a importância deste empreendimento ao declarar que “o projeto NURC é um forte apelo em favor da pesquisa empírica, caminho necessário a um melhor conhecimento da nossa realidade linguística. Sem negar, é evidente, a continuada indispensabilidade do debate teórico, que vivifica os dados”.

Das entrevistas que compõem o *corpus* do projeto NURC, algumas ocorrências do vocábulo **agora** foram exploradas por pesquisadores do subprojeto Relações Gramaticais no Português Brasileiro Falado (RGPBF). Dentre os estudiosos que investigaram essa questão, destaca-se RISSO (2002), que considera **agora** ora como adverbializador, ora como marcador discursivo. Observe-se a ocorrência de **agora** analisada pela autora em trecho que faz parte do banco de dados do NURC:

L1 Ele se realiza um pouquinho como artista... no piano... não é?
 Agora::: o Luís... do de seis anos.
 L2- ahn ahn
 L1 ele::... desde pequenino ele é ((vozes inteligíveis)) desde pequeno
 o Luís gosta... da história do homem... (RISSO, 2002, p. 34).

De acordo com Preti (2002), os resultados do projeto incluem trabalhos como os de Castilho e Preti (1986, 1987) e Preti e Urbano (1988), dentre outras importantes obras que elevaram o patamar dos estudos linguísticos no Brasil. A transcrição dos inquéritos tem sido objeto de consultas de inúmeros pesquisadores, subsidiando publicações ensaísticas e constituindo *corpus* cuja análise vem sendo feita em dissertações de mestrado e teses de doutorado.

1.5.2 Campo de estudo da Análise da Conversação

Em obra intitulada *Análise da Conversação*, Marcuschi (2003, p. 4) apresenta “uma noção do tipo de atividade representada pela conversação e sua arquitetura geral”. O autor evidenciou que a fala não é “um fenômeno anárquico e aleatório, mas altamente organizado e por isso mesmo passível de ser estudado com rigor

científico” (MARCUSCHI, 2003, p. 6). Para Castilho (2004), os pesquisadores dessa área não buscam descartar os estudos de língua escrita, mas atingi-la com mais eficácia por meio da reflexão sobre a língua falada. De acordo com o autor, “a língua falada é mais reveladora que a escrita quanto aos processos constitutivos da linguagem humana” (CASTILHO, 2004, p. 2), pois não há, no ato da fala, preparação prévia, e tanto o assunto da conversa quanto os processos de criação linguística são decididos no momento da conversação.

A organização do processo de interação verbal reflete, segundo Marcuschi (2003), um processo subjacente que se desenvolve, é percebido e utilizado pelos participantes da atividade comunicativa. Isso quer dizer que as decisões tomadas pelos interlocutores no ato da comunicação são decorrentes das informações “contextuais e semânticas mutuamente construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos, culturais, entre outros” (MARCUSCHI, 2003, p. 6). Um exemplo é o caso do elemento **agora**, que é reconhecido pelos estudos gramaticais mais tradicionalistas como um marcador temporal, mas que também pode funcionar como elemento organizador do fluxo textual, como se observa no trecho a seguir, analisado por Risso (2002, p. 34):

L1 Ele se realiza um pouquinho como artista... no piano... não é?
 Agora::: o Luís... do de seis anos.
 L2- ahn ahn
 L1 ele::... desde pequenino ele é ((vozes inteligíveis)) desde pequeno
 o Luís gosta... da história do homem...
 (*) desde quando o Luís desde pequeno gosta da história do homem?
 (*) Desde agora (:desde a época atual, desde este momento).

Para Koch (2006), a interação face a face favorece a dinâmica de alternância de turnos na interação da qual a conversação é o exemplo prototípico. Para a autora, todo texto é resultado da coprodução entre interlocutores, e o que distingue o texto escrito da modalidade falada seria a forma como esse fenômeno se realiza. Koch (2006) oferece exemplo esclarecedor em que se verificam as marcas de coparticipação inerentes à fala:

L1 – () ... e há uma certa::: u/u,a certa aversão ... à::: à entrada de
 muita mulher na carreira de procuradora do Estado ... porque: ... as
 mulheres se acomodam com o salário baixo que se percebe
 L2- certo

L1 – então ... na:: nas assembleias::: que são convocadas ... o:: ...
 L2 – ()
 [
 L1 – os rapazes be::rram e berram porque to/ ... na sua maioria são
 pais de família então be::rram e vo::TAM e fa::lam e acontecem ...
 e::: as mulheres são voto assim meio neutro elas::: s/são meio
 ausentes na hora de:: lutar pelos vencimentos
 [
 Começa que quase nem comparecem
 L2 –
 L1 – é
 L2 – né?
 L1 – então na hora de lutar pelos vencimentos elas ... são
 [
 L2 – (é)
 L1 – quase que ausentes porque para elas é muito bom ... não é?
 Para elas aquele ... eh:: ordenado é ótimo ... MAS Para um homem
 não é, então quer dizer que há uma certa .. ah pressão no sem/ ah
 da parte dos homens no sentido de não deixar as procuradoras ...
 ah::
 [
 L2 - certo
 L1 – entrarem na carreira ... o/ não é certo, mas enfim ... elas ah
 [
 L2 - (eu acho que a coisa é humana ((risos)) né?
 [
 L1 – é humano né? A::
 L2 – é humano (KOCH, 2006, p. 40-41).

O exemplo utilizado por Koch (2006) dá conta de que os falantes participam mutuamente na construção do texto falado, e apesar das repetições e interrupções conferirem a impressão de que estão “patinando no mesmo ponto”, a repetição, “longe de se colocar como uma trava temática supérflua, tem aí uma função pragmática importante, que é a do consenso entre as interlocutoras” (KOCH, 2006, p. 41).

A conversa espontânea é construída, nesse sentido, a partir da intervenção dos interlocutores. Ou seja, tanto a elaboração quanto a produção ocorrem ao mesmo tempo, no mesmo eixo temporal. É uma atividade que resulta da coprodução dos falantes em uma organização que, apesar de não se dar de forma exata, não pode ser vista como caótica ou aleatória. Cada falante contribui de algum modo para o curso da conversa, “pois a conversação é uma atividade semântica, ou seja, um processo de produção de sentidos, altamente estruturado e funcionalmente motivado” (DIONÍSIO, 2011, p. 72).

Os estudos tradicionalistas que têm a língua escrita como foco principal tendem a ignorar os demais elementos que compõem o fazer linguístico. Compreende-se que, ao dialogar, os falantes colocam em jogo as significações daquilo que está sendo dito, e buscam acenar para que tipo de interpretação esperam que seu interlocutor faça. Para tanto, os elementos da língua são utilizados não somente como parte da cadeia de informações, mas também como sinalizadores que organizam o fluxo do texto e fornecem pistas para o sentido pretendido. Dessa forma, Marcuschi (1998) salienta que a coerência advinda da conversação não é resultado somente da relação entre conteúdos linearmente encadeados, mas vai se construindo ao longo de um encadeamento construído mutuamente. Tal encadeamento pode ser observado no fluxo do texto oral-dialogado quando os falantes utilizam elementos de troca de turno, de retomada, silêncios e pausas que indicam aos falantes o momento em que devem falar ou devem calar-se.

Dessa forma, considerar os elementos linguísticos como tendo funções arraigadas com objetivos específicos seria ignorar todas as demais possibilidades disponíveis no rol da língua. A cada contextualização, os falantes organizam o discurso e podem conferir novos significados aos elementos dos quais se utilizam. Esse fenômeno pode ser visto em vocábulos que se gramaticalizaram ao longo dos anos e que acabaram por perder suas funções prototípicas. Toma-se como exemplo o próprio vocábulo em estudo, que, de acordo com Lopes (2015), surgiu como resultado da gramaticalização de outro elemento. **Agora**, de acordo com a autora, surgiu a partir da expressão latina *hac hora* (= (n)esta hora), em que *hac* indicava proximidade em relação ao falante e *hora* um substantivo. Assim, *hac hora* passou a substituir regionalmente, no latim vulgar, o advérbio temporal *nunc* (neste momento).

Em síntese, a compreensão é resultado não de uma simples interpretação semântica de enunciados proferidos, mas advém da interação verbal face a face e da colaboração de interlocutores em atividades e coordenadas de coprodução de sentido. A partir das reflexões apresentadas neste tópico, compreende-se que no texto oral nada está posto por acaso. Todos os elementos utilizados pelos falantes desempenham algum tipo de papel para que a compreensão por parte dos interlocutores seja possível. Assim, compreende-se que o texto oral depende não só dos elementos linguísticos colocados em discurso, mas organiza-se nas trocas e escolhas feitas pelos falantes no momento da atualização da língua. Os significados

não estão prontos, mas vão se construindo de acordo com a participação e engajamento de cada falante.

1.5.3 Elementos típicos da fala

De acordo com Rodrigues (1999), o texto conversacional é resultado de uma atividade conjunta de pelo menos dois interactantes, mais conhecida como diálogo, em que os participantes, concomitantemente, constroem significados em torno de determinado assunto elaborado em uma situação de comunicação específica. Pode-se afirmar, de acordo com a autora, que os eventos de fala são gerados em um contexto situacional específico, que é a situação imediata, ou ainda “o momento e as circunstâncias em que tal evento acontece, envolvendo, inclusive, os próprios participantes com suas características individuais e possíveis laços que os unam” (RODRIGUES, 1999, p. 18).

Correspondente à interação verbal que tem como foco determinado tema, o processo conversacional se desenvolve pelo período em que os participantes têm suas atenções voltadas para a ação comum de trocar ideias sobre determinado assunto. Contudo, para melhor compreensão da língua falada, faz-se necessário explorar de que maneira se dá a sua organização interna. Já é sabido que a noção de caos na fala é falsa, e que a conversação possui, por si só, harmonia e ordem bastante específicas. Assim, com o objetivo de elucidar como a conversa se organiza, citam-se a seguir os estudos relacionados à fala e suas peculiaridades.

1.5.3.1 Tópicos discursivos

Conforme argumenta Fávero (2003), o tópico discursivo é o assunto sobre o que se fala. Trata-se de unidades de assunto formuladas a partir da cooperação dos participantes da fala. Está relacionado, dessa forma, ao conteúdo, o assunto sobre o qual se está falando. Para a autora, no texto falado, o sentido é construído no ato da interação e “está assentado em uma série de fatores contextuais como: conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, circunstâncias em que ocorre a conversação, pressuposições, etc.” (FÁVERO, 2003, p. 45).

Em uma conversa, a fim de que os interlocutores se compreendam mutuamente, é preciso que o assunto discorra em torno de um tópico, pois, no ato

da conversação, o texto é construído por todos os participantes da interação. A centralização em um único tema garante o sucesso da compreensão mútua. O mecanismo de identificação do tópico, de acordo com Fávero (2003), nem sempre é explícito, pois o falante lança mão de inferências e do conhecimento partilhado, com o objetivo de tornar possível a compreensão do que está sendo dito e, em decorrência deste fato, esteja apto a identificar o tópico discursivo e a estabelecer a interação sem percalços. Para que se mantenham no tópico discursivo desejado, os falantes lançam mão de elementos que envolvam a atenção de seus interlocutores. Alguns desses elementos, também chamados de marcadores discursivos, podem chamar a atenção do ouvinte para confirmar sua atenção/compreensão, tais como *né?*, *não acha?*, ou podem até mesmo ancorar os enunciados no tempo e no espaço de forma a localizar o ouvinte, como ao utilizar *daí*, *então* (URBANO, 1993). Nesta tese, verifica-se de que maneira o elemento **agora** funciona como organizador do texto oral-dialogado. Buscamos analisar esse elemento não somente como adverbializador que ancora os enunciados no tempo e no espaço, mas também como um sinalizador textual que indica a mudança de tópico discursivo e a abertura de um novo tópico. Nesse sentido, observem-se os exemplos retirados do *corpus* da tese e que ilustram o vocábulo redirecionando o fluxo textual:

Recorte 35/ Inf 2

... são nascido e criado aqui, eu saí muito::: eu vim com dezesseis anos, até essa data eu não posso contar, **agora** dali pra cá sim, que eu casei né. Ahh:: (L 61)

No exemplo citado, a informante faz o relato histórico sobre a vida de seus pais e sua adolescência; dessa forma, pode-se observar o primeiro tópico em “são nascido e criado aqui, eu saí muito::: eu vim com dezesseis anos, até essa data eu não posso contar”. Essa porção de texto representa o que a informante não se lembra. A seguir, tem-se novo tópico, o qual se organiza em torno de um assunto sobre o qual a informante julga ter maior propriedade: “**agora** dali pra cá sim, que eu casei né”. O tópico introduzido por **agora** segue direção oposta ao que foi dito no primeiro tópico. Pode-se dividir didaticamente da seguinte forma:

Tópico 1 – o que eu não lembro e não posso falar;
Tópico 2 – o que eu lembro e posso falar.

Nesse sentido, **agora** serviu como um direcionador do fluxo do texto e sinaliza para o ouvinte a mudança do tópico 1 para o tópico 2, de maneira a situar o interlocutor para o que será dito.

Para Fávero (2003), compreender a noção de tópico é de fundamental importância para o entendimento da organização conversacional, pois essa característica é capaz de organizar os discursos, mesmo que os falantes não percebam sua existência. Fávero (2003) assinala que é consenso entre os estudiosos que os usuários da língua são cientes de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, de quando mudam, cortam, criam digressões, retomam etc.

Em suas análises de **agora**, Risso (2002) estabelece categorias de topicalização: abertura de tópico e encaminhamento. No primeiro caso, **agora** figura como demarcador da centração que origina um novo tópico. Para a autora, esse item pode inclusive sinalizar, “ao mesmo tempo, a associação desse tópico com outro procedente, adjacente ou não no fluxo discursivo” (RISSO, 2002, p. 39). Assim, a autora considera a abertura de tópico estabelecida por **agora** como sendo uma “manifestação simultânea de uma *articulação tópica*” (RISSO, 2002, p. 39, grifo da autora).

Um dos exemplos apresentados pela autora para ilustrar o que foi proposto trata de uma aula no curso de psicologia e faz parte do inquérito EF-SP-377 do *corpus* do projeto NURC:

Abertura de tópico 1

“mas a gente não pode se lembrar que esta curva é obtida através de tes::tes né? ... em que PAR::tem do princípio de que a inteligência é contínua...”

Abertura de tópico 2

“agora se eu partir do princípio por exemplo de um outro modelo... de que a inteligência não é algo CONTínuo”

Abertura de tópico 3

“...agora se nós tivéssemos ...éh:: por exemplo no modelo behaviorista ... nós confeccionáramos os instrumentos de outra FORma”

Abertura de tópico 4

“agora no modelo psicogenético” (RISSO, 2002, p. 41).

A Informante didatiza sua apresentação com o objetivo de tornar suas explicações mais claras e, a cada subtópico inserido, **agora** figurou como o

elemento que não só introduzia novo subtópico, mas também exercia uma espécie de amarração com a porção de texto anterior.

No caso do encaminhamento, **agora** passa a estabelecer, de acordo com Risso (2002, p. 39), “uma relação coesiva entre proposições integradas em um mesmo conjunto de referentes que formam um dado tópico”. Tal relação é reconhecida pela autora como sendo “pontualizada na estrutura interna de uma unidade tópica mínima e específica”, o que se configura como sendo “um processo de articulação intratópica” (RISSO, 2002, p. 39). O exemplo a seguir ilustra essa questão:

L2 o menino detesta escola...então:: ele acor::da ... e te pergunta do quarto dele se TEM Aula (ele diz) “DROga estou com sono quero dormir eu tenho dor disso dor daquilo” ... **agora** dias que não tem aula ele pergunta e a resposta é negativa aí então ele diz para a irmã ... “levanta que hoje não tem aula podemos brincar” ((risos)) aí levantam (RISSO, 2002, p. 39).

De acordo com Risso (2002), para que se avalie determinado articulador com função intratópica, este precisa se localizar no interior do tópico que ocupa “em decorrência da própria função de levar adiante seu desenvolvimento” (RISSO, 2002, p. 39). Outro aspecto seria a “tendência do marcador para veicular, especialmente o plano intratópico, seja uma relação de mudança de orientação dada pelo falante à informação em curso, seja a introdução de um dado particular no assunto” (RISSO, 2002, p. 39), não suficiente para a inicialização de um novo tópico. O exemplo apresentado dá conta de uma espécie de ligação contrastiva entre os dias de aula e os dias sem aula.

1.5.3.2 Pares adjacentes

Os pares adjacentes, também conhecidos como pares dialógicos, são elementos básicos da interação. Marcuschi (2003, p. 35) os caracteriza como “uma sequência de dois turnos que coocorrem e servem para a organização local da conversação”, que se constitui por meio de uma série de turnos alternados entre si e que compõem sequências coordenadas, sendo que algumas delas são estruturadas. Marcuschi (2003, p. 35) elenca alguns exemplos de pares conversacionais:

- a) Pergunta-resposta
- b) Ordem-execução

- c) Convite-aceitação/recusa
- d) Cumprimento-cumprimento
- e) Xingamento-defesa/revide
- f) Acusação-defesa/justificativa
- g) Pedido de desculpas-perdão

No jogo da conversação, os falantes já estão aptos a interagirem entre si utilizando os pares adjacentes (MARCUSCHI, 2003). Por exemplo, mesmo o falante mais insipiente compreende que, quando alguém lhe faz uma pergunta, espera uma resposta em retorno. Nesse sentido, de acordo com Fávero (2003), as escolhas feitas por parte do falante são influenciadas por fatores contextuais e por sua preferência. Também os fatores culturais organizam a maneira como os interactantes reagem diante de cada par adjacente, por exemplo, de acordo com os costumes de cada cultura, o falante tende a fazer uma escolha quanto a aceitar um convite ou não.

De acordo com Fávero (2003), os pares conversacionais organizam a conversação localmente, de certa maneira controlando o encadeamento das ações. Podem, inclusive, funcionar como elemento introdutor do tópico discursivo. Assim, de maneira geral, relacionam-se aos tópicos, já que são eles (os tópicos) que organizam a conversação. Os pares, dessa forma, podem ser utilizados para introduzir um tópico, dar continuidade, redirecioná-lo ou ainda mudá-lo.

Conforme será descrito na metodologia da pesquisa, as entrevistas com as moradoras da comunidade de Cubatão foram realizadas a partir entrevista semiestruturada, em que se buscou privilegiar a fala espontânea. Contudo, observou-se que, por se tratar de uma situação de entrevista, estava em voga a noção de pergunta e resposta, o que estruturou toda a conversa, pois as informantes organizavam sua fala de modo a promover resposta satisfatória ao que foi solicitado. A pergunta que mais buscava estimular a fala espontânea – como eram as coisas antigamente? – pode ter estimulado inclusive uma noção temporal nas respostas. Ou seja, a marca de tempo na pergunta evocou respostas com marcas temporais, o que pode ter facilitado o aparecimento de **agora** como circunstancial de tempo. Observe-se o exemplo retirado do *corpus*:

Recorte 5/ Inf 4

D - [...] como eu tinha te dito antes, eu vim aqui pra senhora me contar um pouco sobre como era a sua vida, antigamente, quando

você era criança, como era quando era jovem, como que era a região aqui, como que era sua vida, queria que a senhora me contasse
I – nem, nem fale, a nossa vida aqui, quando a gente nasceu e se criou a nossa vida aqui foi muito sofrida, meu Deus. **Agora** tá bom, porque tem estrada pra sair né, com a idade da gente. (L34-35)

Esse exemplo demonstra que o par adjacente pergunta-resposta evocou o aparecimento de **agora** como marcador temporal. Ou seja, o assunto do próprio tópico possibilitou uma resposta que, de certa forma, articulou-se com a pergunta. Portanto, com o objetivo de garantir o caráter imparcial da pesquisa, é necessária a ressalva de que, no ato da interação, os participantes do diálogo interagem entre si tendo em vista o modelo proposto para a conversa. Contudo, vale ressaltar que a opção pelo estudo do elemento **agora** se deu após a geração dos dados, e que em nenhum momento buscou-se estimular a utilização do vocábulo propositalmente.

1.5.3.3 Turno Conversacional

De acordo com Dionísio (2011), a noção de turno de fala está relacionada à distribuição do turno (qualquer locutor tem o direito de tomar a palavra); e também a unidade construcional, ou a fala elaborada “no momento em que o indivíduo toma a palavra e se torna um falante” (DIONÍSIO, 2011, p. 79). Assim, o turno pode ser definido como cada intervenção dos interlocutores formada por pelo menos uma unidade construcional (DIONÍSIO, 2011).

O turno conversacional, para Marcuschi (2003), é a participação de cada interlocutor no ato da conversação, considerando a máxima universalmente conhecida da regra “fala um por vez” (MARCUSCHI, 2003, p. 17). Autores como Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), citados por Marcuschi (2003, p. 17), indicam “um sistema válido para interações espontâneas, informais, casuais, sem hierarquia de falantes, que é a um só tempo livre de contexto e mantém extraordinária sensibilidade contextual”.

Galembeck (2003) argumenta que o fato de que os interlocutores se alternam nos papéis de falante e ouvinte seria uma das características mais evidentes da conversação. Essa alternância nos referidos papéis compõe a construção conjunta de um texto oral, e para a AC é vista como a troca de turnos entre os falantes. Assim, ao se verificarem os processos pelos quais ocorre a alternância nos papéis e

a maneira pela qual os participantes atuam conjuntamente na construção do diálogo, é possível compreender a organização do texto conversacional.

O autor admite a existência de duas variantes de turnos conversacionais: o turno nuclear e o turno inserido. No primeiro caso, o falante desenvolve o tópico em andamento e o interlocutor colabora para a construção do tópico. No segundo caso (turno inserido), não são utilizados conteúdos informativos, apenas a demonstração de atenção do interlocutor. De acordo com Galembeck (2003), os turnos inseridos possuem valor interacional e também podem ser considerados como tentativas fracassadas de tomada de turno.

As duas modalidades de turno representam contribuições na organização dos textos das sequências conversacionais, independentemente de seu valor referencial. O autor ainda assevera que a alternância de turno entre os interlocutores – falante e ouvinte – é uma das principais características da conversação.

Nos diálogos de caráter referencial, os interlocutores participam da conversa de maneira simétrica. Isso quer dizer que ambos participam com turnos nucleares. Em conversas assimétricas, um dos interlocutores intervém referencialmente, à medida que o outro monitora a fala do primeiro e intervém apenas com sinais indicativos de atenção e concordância. Assim, a simetria se caracteriza por turnos nucleares justapostos; já na assimetria, demandam-se turnos nucleares em andamento e turnos inseridos (GALEMBECK, 2003).

No primeiro caso, a transferência de turnos se apresenta intrínseca à natureza da conversação, na qual ambos os interlocutores participam do desenvolvimento do assunto abordado. No ato de passagem de turno, de acordo com Marcuschi (2003), a contribuição dos locutores é estimulada, implícita ou explicitamente. O ouvinte pressente que deve tomar o tópico diante de determinado turno nuclear. Já no assalto ao turno, o ouvinte toma o turno sem a solicitação direta ou indireta de sua participação e invade o turno do falante. Essa ação viola o princípio básico da conversação, que versa sobre falar um por vez (MARCUSCHI, 2003).

O turno passa a ser, diante do exposto, um dos elementos centrais na conversação e pode ser considerado como aquele elemento que constitui o desenrolar de uma conversa, tendo como base o princípio de cooperação e colaboração dos falantes. Segundo Marcuschi (2003, p. 18), “o turno pode ser

entendido como aquilo que o falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio”.

No caso do diálogo monitorado, como as entrevistas em modelo DID (Documentador – Informante – Documentador), que compõem o *corpus* deste trabalho, a troca dos turnos ocorre por meio das perguntas e respostas, ou seja, quando a pesquisadora termina sua pergunta, a informante sabe que deve responder. Contudo, existe por parte dos sujeitos pesquisados o desejo de manutenção do tópico, uma vez que buscam mostrar em sua fala quando terminaram ou não de falar. Nesse sentido, utilizam-se de elementos textuais ou não para indicar que ainda não encerraram sua fala. O elemento **agora** ocorre em dados momentos como mantenedor do turno, principalmente quando utilizado de forma alongada, demonstrando que a informante, apesar de precisar fazer uma pausa, não deseja passar o turno para a pesquisadora.

Recorte 25/ Inf 2

é::: assim falam né, eu falo pelo dizer dos outros, porque eu também, **agora**::: pouco, faz pouco anos que eu me dou com os Catarina, é porque também não conhecia. (L240)

Nesse exemplo, a informante alonga a última vogal como em uma pausa para organizar o que falará a seguir. Isso pode ser percebido principalmente porque a documentadora que realizou as entrevistas também as descreveu e, portanto, possui maior propriedade em indicar essa nuance da fala. É possível indicar a tentativa de manutenção do turno nesse exemplo porque houve, por parte da informante, a preocupação em manter sua fala, mesmo que houvesse uma pausa.

Nesse sentido, a organização dos turnos de fala acontece naturalmente e cada falante sabe exatamente como se comportar diante de uma conversa, sabem quando falar, quando parar de falar, quando concordar, quando dar continuidade à fala e quando encerrar uma conversa e essa organização nada tem de caótica, mas obedece uma lógica bastante organizada.

1.5.3.4 Princípio da Preservação das Faces

Galembeck (2003) argumenta que os diálogos são produzidos sob circunstâncias peculiares, as quais exigem a constante necessidade da preservação da face. Como o locutor desconhece as ações a serem tomadas pelo(s) outro(s)

participante(s), quem está falando adota mecanismos que ocultam o que não deseja ver exibido e evidencia o que deseja ser exibido. A exposição de forma direta, tal como quando são feitos pedidos, atendimento de pedidos ou recusa, perguntas diretas e indiretas, respostas e manifestação de opiniões, são fatores que exigem a preservação da face de forma mais elevada (GALEMBECK, 2003). A preservação da face seria então um mecanismo de autodefesa dos falantes que impede uma abordagem negativa do interlocutor. Segundo Galembeck (2003), isso pode se dar por meio da atenuação da voz, pelo emprego do futuro do pretérito, por exemplo, como em:

eu:: eu lhe **perguntaria** aí dentro desse problema [o horário de trabalho de L1]... você não... possui uma... um controle... digamos assim... em cima de você você deve produzir tanto num dia... ou... existe isso ou digamos um dia de chuva está um dia horrível para trabalhar um dia que você está indisposto você poderia pegar voltar para sua casa entrar num cinema distrair um pouco entende?... que (que você) você poderia fazer isso? (NURC/SP, 062, l. 251-258) (GALEMBECK, 2003, p. 175, grifo do autor).

Marcuschi (2003) assinala que o princípio de preservação da face ou de defesa da autoimagem pública exerce pressões funcionais profundas tanto sobre as atividades de interação quanto sobre formas gramaticais, que operam no interior da organização conversacional. No ato da conversação, os interactantes estão em constante negociação, o que representa sempre uma ameaça à face dos participantes do ato conversacional. Assim, durante uma conversa, locutores estão em alerta constante e selecionam as palavras com o objetivo de preservar sua face e a face do outro. Há ocorrências no *corpus* que indicam atitudes de preservação da face, como o exemplo a seguir demonstra:

Recorte 44/ Inf 2

I— é por que a gente, é:: falar mal a gente não pode, por que a gente conhece assim, tudo, tudo misturado né, **agora:: a gente não sabe** qual é o bom, qual é o ruim, porque pra mim, que diz, coisa, pra mim graças a Deus, é tudo bom, quer dizer que sempre tem um quê, o paranaense tem um quê, o Catarina tem outro, o nortista tem outro, né, é ansim, tudo sotaque dele. (L242-243)

Nesse exemplo, a Informante insere uma ressalva ao tópico, indicando não haver certeza sobre o que seria dito a seguir. Além disso, por se tratar de um assunto sobre o qual não queria se comprometer, indicado por “falar mal a gente

não pode”, em “**agora::: a gente não sabe** qual é o bom, qual é o ruim”, a Informante protege sua face, indicando que não gostaria de ser mal interpretada como alguém que “fala mal” de outras pessoas.

1.5.4 Considerações

Os estudos de língua falada que serviram de base para as análises apresentadas indicam a importância de se investigar a língua em uso em um contexto específico. O objetivo de averiguar as atuações do elemento **agora** na fala de mulheres com pouca ou nenhuma escolarização, moradoras de uma comunidade rural contribui para a descrição de uma língua portuguesa brasileira em contextos minoritários. Dessa forma, considerar as nuances da organização da fala contribui para a compreensão do elemento em pauta e as significações construídas por esses falantes nesse contexto específico. Para tanto, apresentam-se a seguir as escolhas metodológicas que orientaram a pesquisa, bem como a descrição da comunidade e dos sujeitos pesquisados.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 ESCOLHA DA COMUNIDADE ESTUDADA

Como docente na Escola Estadual do Campo Cubatão no ano de 2016, tivemos contato inicial com a comunidade e passamos a ter conhecimento das características inerentes aos moradores da área. Assim, optamos, em conjunto com a orientadora, explorar esse espaço como área de investigação de aspectos linguísticos que se destacavam naquele local.

A comunidade estudada é componente da Área de Proteção Ambiental (APA) da baía de Guaratuba e se localiza em área de difícil acesso, distante do município do qual faz parte.

Figura 1 – Mapa Cubatão, Guaratuba (PR)



Fonte: Google imagens/ domínio público

Observamos no mapa que a área chamada de Cubatão, que é considerada uma extensão do município de Guaratuba, localiza-se na divisa entre os Estados de Santa Catarina e Paraná. Pela Baía, Cubatão está mais próxima do litoral paranaense, mas, por terra, o acesso às áreas urbanas se faz via 35 km de estrada

de chão até Garuva-SC. Para chegar em Guaratuba, faz-se necessário percorrer mais 30 km pela PR 412.

De acordo com Ferreira (2010), o processo colonizatório dessa região se deu a exemplo de outras comunidades litorâneas brasileiras, que “foi permeado pela mistura racial de europeus e negros com nativos indígenas originando as chamadas comunidades caiçaras” (FERREIRA, 2010, p. 10). Segundo a autora,

no que se concerne à colonização da costa paranaense, essa miscigenação ocorreu mais entre as etnias de origem portuguesa com a indígena, sendo esta última de menor expressividade na construção das manifestações artístico-culturais do litoral paranaense (FERREIRA, 2010, p. 10).

A colonização da região data de meados de 1800, segundo histórico da cidade de Guaratuba³². Por meio de pesquisa junto à Prefeitura desse município, foi observado que a área em estudo é conhecida como bairro de Cubatão e se estende pela APA da baía de Guaratuba, composta por vilarejos, dentre os quais estão: Cubatão, Cubatão abaixo, Cubatão acima, Rasgadinho, Rasgado, Pai Paulo, Limeira e Ribeirão Grande. Para fins metodológicos, a região estudada doravante terá por nomenclatura “Comunidade Cubatão”. Isso porque é chamada assim a região onde se concentram a escola frequentada pelos estudantes da localidade e outros espaços comunitários, tais como posto de saúde e igrejas, tanto católica, como evangélicas (Assembleia de Deus, Deus é Amor, Adventista do Sétimo Dia), conforme observação de campo.

O interesse pelo estudo de tal comunidade se deve às características locais, em que se misturam descendentes de várias etnias: europeus (açorianos, italianos e alemães), negros e indígenas. A localização afastada da área urbana, bem como a proximidade com dois Estados, Paraná e Santa Catarina, criam um ambiente profícuo para o desenvolvimento de características que misturam múltiplos falares e podem ser objeto para uma investigação do campo da linguística. Ainda, devido à cultura de subsistência local e a presença de trabalhadores temporários nos bananais³³, observamos características peculiares nos usos que os falantes fazem

³² Fonte: Prefeitura Municipal de Guaratuba. Disponível em: <http://www.guaratuba.pr.gov.br/portal/>

³³ A produção de banana, do palmito pupunha e da palmeira real são as principais atividades agrárias desenvolvidas no local. Conforme varia a produção desses produtos, varia também a migração de trabalhadores advindos dos dois Estados. Tais dados foram obtidos na investigação de campo durante o período em que a pesquisadora esteve inserida na comunidade.

da língua. Diante dos elementos destacados, é possível considerar a hipótese de que tal localidade possa ser considerada como contexto de uso de línguas diferenciadas, em virtude de sua realidade sócio-histórica e geográfica características.

A importância em se considerarem questões relativas ao contexto estudado reside em se conhecer mais profundamente em que os fatores sociais influenciam nas escolhas linguísticas feitas pelos falantes. William Labov, por meados da década de 1960, introduziu o fator social ao ambiente linguístico, o que veio a constituir mais tarde a Sociolinguística. À época, o autor veementemente insistiu na relação entre língua e sociedade e na possível sistematização da variação existente e própria da língua falada. Busse e Sella (2012, p. 79) destacam que a língua, ao ser tomada “como um conjunto estruturado, no qual estão representadas as relações sociais e a organização dos grupos, [...] é determinada pelas condições de existência do homem no tempo e no espaço”. Destacam ainda que, “quanto à sua composição, organização e uso, a fala é resultado da relação dinâmica entre os elementos internos e externos da língua”. As afirmações das autoras corroboram o pensamento de Labov (2001, p. 63), quando assinala que, em uma comunidade de fala, apesar de as pessoas compartilharem um conjunto de normas comuns em relação à linguagem, não falam do mesmo modo. Ao contrário, nas comunidades de fala, frequentemente encontram-se formas linguísticas em variação. No caso da “Comunidade Cubatão”, observa-se uma comunidade heterogênea que tem experimentado o fenômeno da miscigenação, tanto na questão das variantes advindas dos vários falares locais, devido a sua colonização, quanto das variantes que são fruto do contato com falares das áreas urbanas próximas.

Depois de determinado o campo de pesquisa, optamos, à época, pela investigação voltada às Crenças e Atitudes Linguísticas (AGUILERA, 2009), que se caracteriza por analisar as diferenças e as semelhanças estabelecidas na crença e nas atitudes dos falantes sobre a língua de outrem e a própria língua, isso quando são consideradas variáveis extralinguísticas, como sexo, faixa etária e nível de escolarização. Tendo em vista os trabalhos de Aguilera (2009) e Busse e Sella (2012), estabeleceram-se os critérios de seleção dos Informantes. Inicialmente, optou-se por entrevistar um total de dezoito Informantes, nove homens e nove mulheres, moradores nascidos na região, nas três faixas etárias (de 50 a 60 anos, de 61 a 70 e acima de 71). Os critérios se basearam nos estudos de Crenças e

Atitudes Linguísticas e tinham como objetivo gerar dados referentes aos moradores mais antigos da Comunidade de Cubatão. A pesquisa, nesse período, buscou investigar aspectos referentes à manutenção de uma língua local e as crenças e atitudes linguísticas presentes na fala dos entrevistados.

Depois de selecionados os sujeitos da pesquisa, foi elaborado, com base nos trabalhos de Aguilera (2009), Corbari (2012) e Botassini (2013), o roteiro da entrevista, a fim de gerar dados passíveis de análise das Crenças e Atitudes Linguísticas.

Com a pesquisa em andamento, foram feitas entrevistas-piloto, tendo como objetivo estabelecer os critérios e verificar se realmente seria possível realizar naquele espaço a investigação relativa às Crenças e Atitudes Linguísticas. As variáveis consideradas nesta parte inicial foram mulheres e homens com idade acima de 50 anos e que haviam nascido na localidade.

Depois de transcritas as primeiras entrevistas³⁴, houve reunião de orientação e, após análise conjunta do material, ficou decidida a mudança completa do arcabouço teórico da tese, pois, apesar de terem sido verificadas questões de Crenças e Atitudes Linguísticas, os dados acenavam para o uso de vocábulos conectores, o que gerou a necessidade de recorrer à Análise da Conversação, sendo que, ao longo da entrevista, percebemos que, diante de uma das perguntas do questionário relativa à história da região³⁵, os informantes falavam mais espontaneamente e os dados gerados passaram a permitir outro tipo de investigação: a descrição dos fenômenos linguísticos da língua falada.

Salientamos que a fala espontânea favorece a presença de elementos organizadores do fluxo textual e, à época, percebemos que as informantes recorriam ao **agora** de forma mais evidente, para organização do fluxo do texto oral-dialogado. Optamos, a partir daí, por um recorte menor, quando selecionamos oito mulheres, isso porque, diante das entrevistas, as mulheres pareciam falar mais espontaneamente. Buscamos, a partir daí, verificar se o uso do elemento **agora** na fala das informantes se tratava de uma característica da fala local e, portanto, capaz de ser observada como uso específico dessa comunidade, ou até mesmo característica de comunidades rurais menos escolarizadas, ou se ocorriam como

³⁴ Foram realizadas e transcritas duas entrevistas-piloto.

³⁵ “Você poderia me contar um pouco como eram as coisas na região antigamente”.

parte do *continuum* da língua e se assemelhavam a outras pesquisas publicadas em que foram considerados os contextos urbanos.

Bortoni-Ricardo (1998) assinala que as línguas possuem a característica de modificarem-se diante do contexto, e de estarem sujeitas a uma diversidade de usos. Nesse sentido, a autora classifica a variação no português em três contínuos: “contínuo da urbanização”; “contínuo da oralidade/letramento”; “contínuo da monitoração estilística” (BORTONI-RICARDO, 1998, p. 106). Em sua reflexão, tendo em vista a complexidade inerente à variação linguística na comunidade de fala brasileira, a autora destaca a existência de um *continuum* dialetal, situado em dois polos: em um extremo, a língua padrão, utilizada nas áreas urbanas por pessoas cultas, da qual o *corpus* do projeto NURC é representativo; de outro, as variedades usadas nas comunidades mais isoladas geográfica e socialmente, pelos falantes analfabetos ou semianalfabetos. Para a autora, neste *continuum* estão distribuídos traços linguísticos que são gradativos e que estão representados no repertório de todos os grupos sociais, “variando apenas a sua frequência e a maneira como se associam aos diversos estilos ou registros, e traços descontínuos” (BORTONI-RICARDO, 1998, p. 106).

Compreende-se, a partir das reflexões de Bortoni-Ricardo (1998), que alguns fenômenos linguísticos seriam inerentes a determinadas comunidades, mas que outros casos de mudança linguística ocorreriam em todos os *continua* variacionais. Para a autora, aos falantes das comunidades rurais são atribuídos traços específicos no nível fonético, morfológico e sintático. E os grupos mais urbanizados seriam aqueles que participam de práticas que se aproximam mais da modalidade escrita da língua (BORTONI-RICARDO, 1998, p. 19).

Tendo em vista os trabalhos já publicados referentes ao estudo do elemento **agora**, observamos que, em sua maioria, tiveram como foco de análise a fala de moradores das áreas urbanas, distanciando-se, dessa forma, do corpus de análise da tese, em que são consideradas as falas de moradoras de uma comunidade rural com nenhuma ou pouca escolarização. Dessa forma, considerar questões relativas ao *continuum* da língua pode auxiliar na compreensão do fenômeno ora estudado, pois, por meio dessas reflexões, é possível avaliar o uso de **agora** na fala das informantes em comparação com os usos de falantes das áreas urbanas cultas, das quais as pesquisas citadas são representativas.

A partir da verificação dos usos do elemento **agora** como organizador do fluxo da fala dessas Informantes, ficou delineado o projeto como apresentamos na sequência.

2.1.1 Sujeitos da pesquisa

Com o objetivo de focar a pesquisa na fala espontânea e na recorrência de elementos que auxiliam na organização do texto oral-dialogado, optamos por um recorte menor de sujeitos; assim, foi estabelecida a realização de oito entrevistas com mulheres acima de sessenta anos, com pouca ou nenhuma escolarização, nascidas e moradoras da Comunidade de Cubatão. Optamos pelo foco nesse grupo por consideramos, a partir dos trabalhos relativos à área de investigação Crenças e Atitudes Linguísticas, que as mulheres poderiam ser mais espontâneas durante as entrevistas. O corte de faixa etária levou em consideração a dificuldade em se encontrarem sujeitos mais jovens não alfabetizados. A opção por um grupo não escolarizado foi devida ao fato de que, em contextos com menor escolarização, os modos de uso da língua afastam-se da norma culta e possuem traços característicos no nível fonético, morfológico e sintático.

As informantes moradoras da comunidade caracterizam-se a seguir:

Quadro 2: descrição das informantes

Informante	Idade	Escolarização
Informante 1	75 anos	Segunda série do ensino fundamental
Informante 2	83 anos	Não frequentou a escola
Informante 3	85 anos	Não frequentou a escola
Informante 4	74 anos	Frequentou a escola apenas por dois meses na primeira série
Informante 5	70 anos	Segunda série do ensino fundamental
Informante 6	70 anos	Quarta série do ensino fundamental
Informante 7	67 anos	Não frequentou a escola
Informante 8	69 anos	Não frequentou

Conforme se demonstra no quadro acima, das oito entrevistadas, quatro não frequentaram a escola e as outras quatro frequentaram somente os primeiros anos do Ensino Fundamental. Essas mulheres são idosas, acima de 69 anos e moram

com seus companheiros ou com filhos. Somente a informante 7 mora sozinha. As entrevistas foram realizadas nas residências das informantes com a autorização das entrevistadas e diante do conhecimento da família, quando presentes.

A pauta das entrevistas foi sendo determinada diante das leituras realizadas ao longo da pesquisa, bem como a partir das reuniões de orientação. Os métodos utilizados para a geração e análise dos dados são descritos no tópico a seguir.

2.2 METODOLOGIA PARA GERAÇÃO DOS DADOS

As entrevistas tiveram como modelo os critérios estabelecidos pelo Projeto NURC para entrevistas do tipo DID (Diálogo entre o Informante e o Documentador) (SILVA, 1996). Solicitamos às Informantes que falassem sobre sua infância e sobre como se davam as relações humanas na época de sua infância ou adolescência. Esse tópico servia de mote para que falassem espontaneamente não só sobre o assunto principal, mas sobre o que a Informante quisesse falar, a fim de que utilizassem recursos linguísticos na organização do fluxo textual a exemplo do que fazem espontaneamente em seu dia a dia. O objetivo seria estimular ao máximo a fala espontânea para que surgissem, no texto oral-dialogado, elementos organizadores da fala passíveis de análise nos modelos adotados na tese.

Nesse tipo de entrevista, de acordo com Fávero e Aquino (1997, p. 69):

O entrevistador não está preocupado com as informações que o entrevistado possa dar sobre o tema, mas apenas em fazê-lo falar; o que ressalta a importância quanto à manutenção do diálogo, pois a preocupação é linguística e somente o entrevistador sabe disso. Resulta então que textos do Nurc apresentam marcas específicas que podem diferenciá-los de outros textos de entrevistas que se prestam a alcançar objetivos conversacionais diferentes.

As entrevistas foram gravadas com aplicativo componente de aparelho celular. A qualidade do áudio facilitou demasiadamente a transcrição das entrevistas que foram feitas pela própria documentadora e autora desta tese. Essa experiência se mostrou riquíssima no sentido de propiciar detalhes em relação à fala das mulheres entrevistadas que só poderiam ser percebidos no ato da entrevista e que foram posteriormente considerados na transcrição e análise do material coletado. Para a gravação das entrevistas, primeiramente buscamos informações sobre

peças idosas moradoras da Comunidade Rural do Cubatão com membros do corpo escolar, com o objetivo de iniciar o contato com os sujeitos da pesquisa. Em princípio, foi indicada a informante 1, que era considerada por alguns dos moradores consultados como “uma das mais antigas da comunidade”³⁶. Assim como as entrevistas que se seguiram, a gravação foi realizada na casa da informante, que pareceu esboçar satisfação em dar seu depoimento. De uma maneira geral, as entrevistadas pareceram se sentir lisonjeadas ao serem consultadas, isso somado ao fato de se tratarem de pessoas idosas que geralmente não são procuradas para terem conversas com os mais jovens. A indicação de novos participantes foi feita pelas próprias entrevistadas e, de posse do nome e endereço da possível próxima participante, apresentávamo-nos a cada casa, deixando clara a relação com a escola, a comunidade (citando nomes de pessoas conhecidas) e indicando quem foram os outros participantes da pesquisa. Isso fez com que essas informantes abrissem as portas de suas casas e recebessem a pesquisadora como se fosse uma pessoa conhecida. Tal aproximação pode ter contribuído para a espontaneidade dos depoimentos.

Consideramos a conversação um evento de fala especial, ou seja, a interação verbal que se desenvolve durante o período em que dois ou mais interlocutores detêm sua atenção em torno de um assunto em comum. A conversação espontânea seria aquela que não sofreu qualquer tipo de planejamento anterior e que ocorreu na ausência de observadores participantes da atividade da fala (RODRIGUES, 1999). Buscamos, nas entrevistas, a aproximação do que seria a fala espontânea, uma vez que, apesar de se tratar de entrevista do modelo DID, em que o documentador provoca um tipo de reação ditando o mote da conversa, o desenrolar da entrevista acaba por estimular a fala espontânea, ou seja, o falante adentra assuntos com os quais se sente mais confortável e é estimulado a falar normalmente, como em uma conversa cotidiana (SILVA, 1996). Apesar de o aparelho celular usado como gravador ou o próprio documentador criarem certa artificialidade ditada pelo tópico sugerido, é possível verificar mecanismos organizadores da fala, uma vez que buscamos, ao máximo, que os sujeitos da pesquisa se sentissem livres para utilizar a fala e o tema selecionado de modo a contemplar tal espontaneidade, pois, ao

³⁶ Anotações do caderno de campo.

falarem da história de sua própria vida, as informantes acabaram se sentindo confortáveis para falar mais livremente.

Ao ser apresentado o objetivo da pesquisa e ao serem observados os critérios éticos, a seguinte pergunta foi feita: “A senhora poderia me contar como eram as coisas aqui no Cubatão antigamente?”. A partir daí, as informantes iniciavam seu relato. Em momentos em que a informante esgotava determinado tópico, buscávamos a interação com o relato, com o objetivo de dar continuidade à conversa. Dessa forma, as informantes relataram detalhes sobre sua infância, sua família, sobre as dificuldades que enfrentavam, desde o deslocamento para áreas urbanas até detalhes sobre a vida e o trabalho no campo. Essas narrativas propiciaram o aparecimento de elementos textuais dos quais as informantes fizeram uso para a organização de sua fala, o que culminou na pesquisa apresentada nesta tese.

2.3 TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL

O material transcrito compõe o *corpus* analisado nesta tese e, em consonância com a AC, que “procede com base em material empírico reproduzindo conversações reais e considera detalhes não apenas verbais, mas entonacionais, paralingüísticos e outros” (MARCUSCHI, 2003, p. 9). Contudo, apesar de serem considerados os critérios de transcrição do NURC³⁷, optou-se por se manterem os sinais de pontuação de língua escrita. Outra questão em que as escolhas

³⁷ “Observações: 1. Iniciais maiúsculas só para nomes próprios (figuras públicas, locais etc.) ou para siglas./ 2. Se houver nomes citados durante a entrevista (o nome do informante, por exemplo), usar os seguintes “códigos”, para que seus nomes não sejam divulgados: LM, no caso de informante/locutor masculino; LF, no caso de informante/locutor feminino; D, no caso do documentador. Ex.: D: bem... Maria... você trabalha? = D: bem... LF... você trabalha?: L: Sílvia... trabalho demais da conta = L: D... trabalho demais da conta. /Outras pessoas citadas serão identificadas por M. (no caso de masculino) ou por F. (no caso de feminino). 3. Fáticos: ah, eh, ih, oh, uh, ahn, ehn, uhn, tá, né, ó (=olha), pô. (Obs.: Diferenciar eh (marcador, interjeição) / é (verbo); né (marcador) / não é (verbo)) 4. Números: por extenso. 5. Não se usa o ponto de exclamação. 6. Podem-se combinar sinais (::...). 7. Não se usam sinais da língua escrita (vírgula, ponto etc.). 8. A transcrição não é fonética; deve-se seguir, em linhas gerais, a ortografia-padrão – qualquer pronúncia de você: “você, ocê, ce” = você; “dum, de um, duma, de uma” = de um, de uma; “pruma, pra uma” = pra uma; “prum, pra um” = pra um; “cantaru, cantarum” = cantaram; “cantum, cantaum” = cantam; etc. Registrar os grafemas finais de “falou”, “tou”; “cantar”, “saber”; “vamos” – independentemente da pronúncia. Algumas concessões à pronúncia (usos muito cristalizados): i) Registrar “da”, “do”, “na”, “no”, “num”, “numa”. ii) Registrar “pra(s)/ pro(s)”, quando se fala “pra” e “pa” / “pro”; registrar “para” quando se fala “para”. iii) Registrar as variantes de “estar” da forma como forem ditas, de fato, pelo informante: tá, tou, tava ou está, estou, estavam, etc. iv) Registrar “vô” (= avô) 9. Antes da fala do documentador, colocar D: (se houver mais de um: D e D2) Antes da fala do informante, colocar L: (se houver mais de um: L e L2) (PRETI, 2002, p. 16)”.

metodológicas aqui adotadas se diferenciam foi a manutenção dos usos orais, tanto em usos cristalizados como naqueles que destoam da norma padrão e, sendo assim, marcam o falar característico dos moradores da comunidade rural, como é o caso do exemplo que segue:

Recorte 17/ Inf 3

D - é eu to contanto a historia da região né, por isso que eu estou entrevistando as pessoas para contar como eram as coisas, como que era as amizades, você lembra? As amizades que tinha, as festas como que era...

I – ah tinha, o meu tempo de menina tinha muita festa. Tinha festa do, tinha festa do Bom Jesus, tinha festa do ::: festa de São João, só que agora a comunidade aqui ficou tudo crente, então não tem mais. E os *peessoal que faziam as festa já são tudo morto*, falecido. Na época, você veja, eu era criança, **agora** já to com 74, foi indo, foi indo, o povo também foi indo embora, já faleceram. (L128-131)

Para tanto, com o objetivo de se manter, em relação às transcrições, as características da língua falada, optou-se por seguir as normas de transcrição do projeto NURC (PRETI, 2002, p. 15), conforme disposto no Quadro a seguir:

Quadro 1 – Critérios para transcrição de dados

Situação	Convenção
Qualquer pausa	...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Incompreensão de palavras ou segmentos	((ruído))
Comentários do transcritor	()
Truncamento, interrupção discursiva	/ (ex.: a meni/ a menina vai fazer...; o menino/ a menina vai fazer...)
Alongamento de vogal e consoante (como r, s)	: ou :: (se for muito longo)
Interrogação	?
Entonação enfática	Maiúsculas (Ex.: ela quer UMA solução, não qualquer solução)
Silabação	- - (Ex.: Eu estou pro-fun-da-men-te chateada)

Aspas	Discurso direto
Superposição, simultaneidade de vozes	[[(ligando as linhas) Obs.: Se o primeiro locutor continuar falando sem parar, apesar da superposição de vozes, colocar um sinal de = ao fim da linha e recomeçar, após a fala superposta, com um sinal de =, para indicar a continuação. Exemplo: L: eu gosto muito de histórias infantis... [sempre que eu = D: [sei L: = posso leio pros meus netos

Fonte: Adaptado de Preti (2002, p. 15)

A transcrição das entrevistas buscou fornecer ao leitor dados para que as falas das informantes fossem compreendidas o mais próximo da realidade da língua falada, levando em conta aspectos prosódicos, tais como a entonação, a variedade linguística característica das informantes, bem como a manutenção do léxico. O objetivo foi contribuir para as análises dos dados sob o ponto de vista da Análise da Conversação sem ignorar as características da fala específica do grupo estudado. Dessa forma, apresentam-se a seguir os critérios para as análises dos dados.

2.4 MÉTODOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

A fim de se procederem as análises dos dados gerados, optamos por distinguir as funções de **agora** em duas categorias: a primeira como estando relacionado ao verbo que atua no escopo do enunciado, exercendo a função mais prototípica que se aproxima do advérbio temporal (aqui reconhecido como dêitico temporal), e a segunda como atuante na cadeia discursiva, que se relaciona com o escopo do enunciado (reconhecidos na tese como marcadores discursivos). Conforme orientação de Castilho *et al.* (2008), os advérbios podem ser classificados em advérbios de constituinte, quando se relacionam a um verbo no plano da

sentença, e são passíveis de “operações como a focalização, a interrogação e a clivagem” (CASTILHO *et al.*, 2008, p. 407). Já os advérbios de discurso ocorreriam apenas em situações em que o elemento se relaciona com todo o escopo do discurso, e poderia ser considerado, dessa forma, como um MD.

De acordo com Schiffrin (1987, p. 238), a distinção entre *now* dêitico temporal e seu homônimo, o marcador discursivo, não é simples:

Although the categories of adverbs and discourse markers are clearly different, it is not always easy to decide in which category a particular token of *now* is functioning. One method is to find combinations which would be co-occurrence violations for one category, but not the other. For example, we would not expect the two time adverbs *now* and *then* to co-occur —because when *now* is temporal, it contrasts with *then*. Yet speakers can use *now then* to mark transitions in topic, argument, activity and so on (e.g. *now then, what should we do next*). Nor would we expect two tokens of adverbial *now* to co-occur. This restriction means that initial *now* is a marker in cases like (4):

(4) So I am. . . I think, for a woman t'work, is entirely up t'her. I f, she can handle the situation. Now I could not now: alone³⁸.

A identificação desse vocábulo tanto como advérbio como quanto marcador discursivo, de acordo com Schiffrin (1987, p. 262), é influenciada pelo contexto discursivo, e essa distinção pode ser inclusive neutralizada pelo contexto: “if *now* is in a discourse whose topic structure allows a temporal reading, it may not be possible to assign it an interpretation as either adverbial or marker³⁹”. Por exemplo, no caso de uma comparação, quando o falante introduz um tópico principal e esse tópico se desdobra em outros dois tópicos, para a autora, a diferença entre esses dois subtópicos é marcada de maneira discursiva. Essa comparação pode ocorrer ainda entre dois momentos diferentes, e a presença de **agora** pode falsear uma circunstância temporal.

³⁸ “Embora as categorias de advérbios e marcadores discursivos sejam claramente diferentes, nem sempre é fácil decidir em qual categoria *agora* está funcionando. Um método é encontrar combinações que seriam violações de coocorrência para uma categoria, mas não a outra. Por exemplo, não esperamos que os dois advérbios *agora* e *antes* co-ocorram – porque quando *agora* é temporal, isso contrasta com o tempo. No entanto, os falantes podem usar *agora* para marcar transições em tópico, argumento, atividade e assim por diante (por exemplo, *agora, o que devemos fazer em seguida*). Também não esperamos que dois *agora* adverbiais ocorram simultaneamente. Essa ressalva significa que inicial *agora* é um marcador em casos como (4): (4) Então eu. . . Eu acho que, para uma mulher trabalhar, é inteiramente da conta dela. Eu posso lidar com a situação. Agora eu não podia agora: sozinho” (SCHIFFRIN, 1987, p. 238, tradução nossa).

³⁹ “Se *agora* está em um discurso cuja estrutura de tópico permite uma leitura temporal, pode não ser possível atribuir-lhe uma interpretação como advérbio ou marcador” (SCHIFFRIN, 1987, p. 262, tradução nossa).

Risso (2002), a fim de diferenciar **agora** nos eixos sintáticos e semânticos, “de acordo com a diversificação de planos em que se manifesta a atuação”, oferece em seu trabalho “testes de determinação de qualidades aplicáveis ao advérbio e semanticamente ou sintaticamente aplicadas ao marcador” (RISSO, 2002, p. 34). As características essenciais para o item **agora** seriam as seguintes: no âmbito textual (semântico), **agora** “(a) não é desencadeado pela forma interrogativa *quando*, nem, portanto, parafraseável por equivalentes como: atualmente, neste momento” (RISSO, 2002, p. 34, grifos da autora). Nesse sentido, **agora**, marcador discursivo, em muito se diferencia dos advérbios situativos de tempo. Risso (2002) apresenta um exemplo em que **agora** atua prototipicamente como marcador temporal:

... agora assumi também ... uma secretaria de APM...
Quando você assumiu também uma secretaria de APM?
Agora (:atualmente) (RISSO, 2002, p. 34).

Já nos exemplos a seguir, **agora** exerce função distinta. Diante de *quando*, não se comporta como marcador temporal:

L1 Ele se realiza um pouquinho como artista... no piano... não é?
Agora::: o Luís... do de seis anos.
L2- ahn ahn
L1 ele::... desde pequenino ele é ((vozes inteligíveis)) desde pequeno
o Luís gosta... da história do homem...
(* desde quando o Luís desde pequeno gosta da história do homem?
(* Desde agora (:desde a época atual, desde este momento)
(RISSO, 2002, p. 34).

Observa-se, nesse exemplo, que “a tomada aparentemente possível de **agora** como um referenciador temporal falseia o sentido da relação dada, além de colidir com a presença de outra representação efetivamente temporal” (RISSO, 2002, p. 35, grifos da autora), no caso, desde pequeno.

Outro teste utilizado para verificar se o marcador é temporal ou não, seria o “enquadramento no foco das orações clivadas – ponto que configura sua condição de elemento pragmático-textual diferenciado do advérbio, constituinte estrutural da sentença, ou que tem a sentença como escopo” (RISSO, 2002, p. 35). Para melhor compreensão, tem-se o exemplo apresentado pela autora:

... agora assumi também ... uma secretaria de APM...
 Foi agora que eu assumi também uma secretaria da APM
 Agora::: o Luís desde pequeno gosta da história do homem.
 (*) é agora que o Luís desde pequeno gosta da história do homem.
 (RISSO, 2002, p. 35).

Diante das ocorrências do item **agora**, no *corpus* da tese, submetidas à análise, foram considerados os testes sugeridos por Risso (2002, p. 35), conforme se ilustra a seguir:

Recorte 28/ Inf 3

I ... **agora** que ta entrando as escola(s), antes era só os professor daqui mesmo, aquele que sabia mais um pouquinho é que ensinava os mais analfabeto né?

*Teste

- (a) Desde quando estão entrando as escolas?
- (b) Desde **agora** estão entrando as escolas.
- (c) Atualmente estão entrando as escolas.
- (d) Neste momento estão entrando as escolas.

Nesse exemplo, **agora** situa o enunciado no tempo presente, indicando que é novo o fato de, atualmente, existirem escolas mais novas, em que lecionam professores vindos de fora. Já os dois exemplos que seguem apresentam **agora** com aspecto bastante diferenciado do que foi citado no exemplo anterior:

Recorte 20/ Inf 2

I - O falecido meus avô, o pai da minha mãe era lá de São José dos Pinhais, pra lá da:::, como é que é o nome do lugar? Pra Tijucas do Sul. Lá... era de lá né?! **Agora** minha mãe não, a minha mãe nasceu aqui em Guaratuba, as família dela que era as fundadora(s) de Guaratuba. (L103-104)

Uma paráfrase possível para este recorte seria:

I – meus avós eram de tijuca do Sul, **agora** minha mãe [...] nasceu aqui em Guaratuba.

*Teste

- (a) Desde quando minha mãe nasceu aqui em Guaratuba?
- (b) *Desde agora minha mãe nasceu aqui em Guaratuba.
- (c) *Atualmente minha mãe nasceu aqui em Guaratuba.

- (d) *Neste momento minha mãe nasceu aqui em Guaratuba
- (e) *Foi agora que minha mãe nasceu aqui em Guaratuba.
- (f) *É agora que minha mãe nasceu aqui em Guaratuba.

Apesar de as paráfrases em (b), (d) e (e) falsearem a possibilidade de **agora** representar tempo, semanticamente, ao se considerar o contexto, é impossível que **agora** marque tempo presente, ou sequer tempo recente, já que aceitar como verdadeiras qualquer uma das opções apresentadas seria fugir do campo da coerência (a filha falando do nascimento recente da mãe). Nesse contexto, **agora** atua não como dêitico temporal, mas como marcador discursivo, que, no caso, introduz um novo tópico, sinalizando para o ouvinte que o que será dito a seguir terá caráter opositor ao que já foi dito. Tal relação também pode ser compreendida no campo dos operadores argumentativos, contudo, esses não serão objeto desta pesquisa.

No exemplo a seguir, tem-se a fala de outra informante diante da mesma questão:

Recorte 29/ Inf 3

- D – a avó também é daqui, também é nascida aqui?
 I – não, meu avô da minha mãe, o pai da minha mãe era de Bahia,
 D – ah:::..., era da Bahia
 I – é::: mas *agora* os tronco mais velho assim eu não cunhici.

*Teste

- (a) Desde quando eu não conheci os *troncos* mais velhos?
- (b)*Desde agora eu não conheci os *troncos* mais velhos.
- (c)*Atualmente eu não conheci os *troncos* mais velhos.
- (d)*Neste momento eu não conheci os *troncos* mais velhos.
- (f)*Foi agora que eu não conheci os *troncos* mais velhos.
- (g)*É agora que eu não conheci os *troncos* mais velhos.

Nesse exemplo, **agora** não figura como elemento que ancora o enunciado no tempo presente. Inclusive, a presença do verbo *conhecer* no pretérito perfeito (ações terminadas no passado) sugere uma condição permanente (nunca conheceu). **Agora** não exerce outra função senão a de marcador discursivo, que auxilia no fluxo do texto como introdutor de um novo tópico, conforme será mais profundamente discutido no Capítulo 3. No âmbito das análises, não serão apresentados todos os

testes realizados para categorizar os dêiticos temporais e os marcadores discursivos, pois tal empreita ficaria inviável, além de exaustiva para o leitor.

Para fins de análise, serão consideradas porções de texto suficientes para a compreensão do contexto em si, desde a pergunta da documentadora até o fim da resposta da informante. Quando necessárias, serão adicionadas informações a respeito do assunto relativo ao tópico da conversa que não estão presentes nos recortes, mas podem ser recuperados na íntegra da entrevista⁴⁰. O capítulo 3 apresenta as análises de recortes das falas das informantes em que se observam ocorrências do elemento **agora**.

⁴⁰ As entrevistas não serão apresentadas na íntegra por se tratar de textos extensos, que dificultariam a compreensão da tese pelo leitor.

3 ANÁLISE DO CORPUS

Esta seção está dividida em dois tópicos, quais sejam: as ocorrências cujo funcionamento se aproxima da noção de dêitico temporal em sua função mais prototípica, em que **agora** se vincula diretamente ao escopo da frase e pode ser substituído por *atualmente* (RISSO, 2002); e as ocorrências de **agora** como marcador discursivo, em que o elemento não se vincula à frase e não é passível de se enquadrar no foco das orações clivadas, “ponto que configura sua condição de elemento pragmático textual circunscrito ao plano da atividade enunciativa” (RISSO, 2006, p. 431).

As ocorrências são selecionadas por porções textuais que sejam viáveis para melhor visualização das funções assumidas pelo elemento **agora**, para o que optamos preferência ao termo recorte. Os recortes analisados somam um total de 78 ocorrências do elemento **agora**. Foram eliminados três casos em que o elemento **agora** aparecia na pergunta feita pela pesquisadora, o que pode ter estimulado seu uso. Das ocorrências restantes, observamos que 63 retratavam elemento adverbial, cuja atuação ocorre no âmbito do enunciado e a relação com o verbo é explícita, e 12 ocorrências aproximam-se da noção de marcador discursivo e atuam exclusivamente na articulação do discurso.

A numeração dos recortes segue a ordem crescente, conforme são relacionados no decorrer deste capítulo. Em cada recorte pode haver mais de uma ocorrência de **agora**; porém, foram considerados somente os casos negritados em cada recorte. São indicadas informações sobre a entrevista, como número da informante e a linha em que o trecho se localiza. Para indicar Documentador, utilizou-se (D) e (I) se refere à Informante.

3.1 AS OCORRÊNCIAS DE DÊITICOS TEMPORAIS E SUA RELAÇÃO NO ÂMBITO DO ENUNCIADO

Conforme descrito anteriormente, as informantes relataram detalhes sobre sua vida, das relações familiares e as principais diferenças entre o tempo passado e o presente. Com o objetivo de propiciar a fala espontânea, motivou-se assunto que fosse do interesse dos entrevistados. Por isso, o enfoque foi dado nas histórias de vida, o que poderia criar maior interesse com o assunto, e, dessa forma,

proporcionar empatia com a documentadora, apesar da presença do aparelho celular usado como gravador e da situação de entrevista.

3.1.1 Função prototípica

Foram observadas 26 ocorrências em que o elemento **agora** exerce a função adverbial, em que se vincula diretamente com o verbo e exerce sua função mais prototípica. Nesses casos, as ocorrências respondem positivamente aos testes propostos no capítulo 2, pois são substituíveis por *atualmente*, e respondem e podem funcionar como resposta a perguntas iniciadas por *quando*, por exemplo. Os recortes selecionados representam uma grande porcentagem das ocorrências, o que indica que este elemento, apesar de estar sofrendo processo de gramaticalização, é ainda comumente utilizado por falantes de língua portuguesa como um dos principais artifícios para a ancoragem do discurso no presente. Os recortes a seguir servem de ilustração dessas ocorrências:

Recorte 1/ Inf 1

D - a senhora que cuida dos netinhos?

I – é.. que o pai dele trabalha né,

D – aham... E vocês obedecem a vó? (dirigindo-se as crianças que brincavam)

I – aquele ali é malvadinho, esse aqui tá na escola já do Cubatão, aquele lá o pai vai matricular **agora**. (L45-48)

Recorte 2/ Inf 7

I – tenho muito sodade da Marinês, esqueci também, o Neco ali da fazenda, que é da Congregação né, também, da mesma época, tenho *sodade*. A gente brigava *co* Neco, batia no Neco, né, hoje eu olho: *tadinho*, brigar pra que né? (risos)

D – é... mas quando *a gente é novo* é assim mesmo.

I – não, mas eu tinha inveja dele porque eles tinham vaca, tinham renda e eu não tinha.

D – e daí batia nele?

I – batia nele por causa disso (risos)... ai meu pai amado! Até hoje tenho *sodade* dessas coisa assim né?: se fosse **agora** né, se fosse **agora** a gente tratava melhor, tudo, se *vortasse* no início de *vorta*, né,. Mas graças a Deus a gente tá feliz né, você tá visitando a gente, a gente gosta quando vem *visitá* a gente, sabe?! (L 260-269)

Recorte 3/ Inf 2

I – Norte do Paraná e o Cubatão pra mim, se não tirou, um lugar que planta-se de tudo, como é esse::: esse homem que foi, candidatou-se

agora, ele achou bonito aqui, diz que ele gostou, disse: que terra rica! Tudo que por em cima dela dá. (L206-207)

Recorte 4/ Inf 3

Ele ficou encantado, ele disse que vai comprar uma casa aqui (risos). Pois é o prefeito, esse que entrou **agora** de candidato ele, ta ali disse com o Vibra, diz que ta ali negociando com o Vibra. (L211-212)

No recorte 1, em “o pai vai matricular **agora**”, a paráfrase “o pai vai matricular **hoje**” não altera a significação. No recorte 2, “se fosse **agora**”, **agora** pode ser substituído pela paráfrase “*atualmente* mudou nome”. No recorte 3, “candidatou-se **agora**” não sofre prejuízos caso seja substituído por “candidatou-se *atualmente*”. No recorte 4, “esse que entrou **agora** de candidato” é parafraseável por “esse que entrou *atualmente* de candidato”. Semelhante paráfrase pode ser observada em outros 22 recortes que não serão citados na tese.

De acordo com Risso (2002), nos casos em que **agora** é parafraseável por expressões que indicam tempo pontual, como *hoje* e *atualmente*, trata-se de advérbio circunstancial. Essa noção assemelha-se às definições do advérbio apresentada por autores como Perini (2005), Ilari (2007) e Neves (2008), e como se tratam de elementos com funções mais prototípicas, não serão largamente analisados, já que não diferem das atuações já amplamente reconhecidas.

3.1.2 Foricidade desempenhada por **agora**

As análises a seguir são indicativas da foricidade exercida por **agora**, a qual estabelece relações com enunciados anteriores e posteriores. Essas relações ocorreram tanto por meio de anáforas/catáforas diretas, em que se retomam/antecipam elementos presentes no texto, quanto em termos de anáfora indireta, em que um elemento retoma significados já expressos no texto, mas que são interpretados referencialmente sem um antecedente explícito. Diante do que foi apresentado por autores como Schiffrin (1987), Risso (2002) e Neves (2008), entende-se que **agora** é fórico, pois retoma sempre um *antes* anteriormente marcado. Assim, essas duas formas (**agora** e *antes*) têm atuação conjunta em textos em que se faz algum tipo de comparação entre o que foi vivido no passado e o que está ocorrendo no presente.

Neves (2008) assinala que aos circunstanciais de tempo é comum a característica de retomada ou antecipação de significados de um elemento dentro ou fora do âmbito textual (NEVES, 2008). Partindo desse pressuposto, são analisadas ocorrências de **agora** e sua relação com elementos do texto e os significados criados a partir da introdução desse elemento.

3.1.2.1 Relações entre o elemento **agora** e os operadores argumentativos **só que** e **mas** e a função de oposição.

O uso de **agora** pode assinalar uma marca de oposição entre tempo passado e tempo presente e ainda ancorar o enunciado no presente. Nesse caso, evoca uma relação de contraste. De acordo com as orientações de Schiffrin (1987) e de Risso (2002), **agora** é um elemento indicador de proximidade centrado no eu enunciador e que aponta diretamente para o falante e sua posição espacial e temporal. O tempo de referência que se estabelece por **agora** seria, de acordo com Risso (2002, p. 38), “um parâmetro situacional que engata o enunciado (proposição) com as circunstâncias da enunciação”. Observaram-se ocorrências em que **agora** atua em parceria com elementos que funcionam como operadores argumentativos, conforme se analisa a seguir:

Recorte 5/ Inf 4

D - então:::, como eu tinha te dito antes, eu vim aqui pra senhora me contar um pouco sobre como era a sua vida, antigamente, quando você era criança, como era quando era jovem, como que era a região aqui, como que era sua vida, queria que a senhora me contasse...
 I – nem, nem fale, a nossa vida aqui, quando a gente nasceu e se criou a nossa vida aqui foi muito sofrida, meu Deus. Agora tá bom, porque tem estrada pra sair né, com a idade da gente. Mas quando meus filho eram pequeno, eu sofri muito. Pra gente viajar daqui eu pegava os meus filho. A canoa era bem pequenininha pra viajar, a gente pegava um filho, ponhava na nuca, e outro no braço aqui, por que era poucos anos, tinha um ano, um ano e sete meses eu já tive o outro, então era muito sofrido as viagem aqui, só que agora mudou muito. Melhorou muito pra nós, depois da nossa idade, melhorou muito. (L38-43)

Nesse recorte, pode ser observado que, em conjunto com **só que**, **agora** estabelece uma oposição entre os enunciados, pois em “só que agora mudou muito” a Informante preocupa-se em demonstrar claramente a oposição entre o

tempo passado, caracterizando-o como negativo, como pode ser observado em “a nossa vida aqui foi muito sofrida”. Inclusive, observa-se uma relação entre **agora** e o operador argumentativo **mas** em “**Mas** quando meus filho eram pequeno”. Entende-se que a oposição entre esses dois enunciados ocorre em termos de comparação “**agora** está bom” (presente) *versus* “quando meus filho eram pequeno” (passado).

Nos recortes a seguir⁴¹, observam-se ocorrências semelhantes, em que o elemento **agora**, em conjunto com o operador argumentativo **só que**, estabelece forte contraste entre uma situação anterior e o tempo presente. Ao fazer uso desses elementos, as informantes destacam para o ouvinte distinção entre o que ocorria no passado e a situação atual. A frequência com que recorrem a esse artifício merece destaque, já que a estrutura **só que agora** obteve representatividade considerável no *corpus*⁴², conforme se observa nos recortes a seguir:

Recorte 6/ Inf 4

D - e como que foi naquela época, como eram as coisas?
 I – aquela época do nosso casamento foi bom, porque dai, nós trabalhava do mesmo jeito, é coo eu falei pra você, pra criar os filho nois tivemos que lutar...bastante, bastante::: é que a gente graças a Deus tinha saúde né, pra trabalhar, **só que agora** a gente tem problema de diabetes, pressão alta né, então a gente ta mais por aqui. (L92-93)

No Recorte 6, em “a gente graças a Deus tinha saúde né, pra trabalhar, **só que agora** a gente tem problema de diabetes, pressão alta né” existe a forte oposição entre o passado, considerado mais positivo, pois “tinha saúde”, com o presente, avaliado negativamente, conforme o trecho “tem diabetes, problema de pressão alta”. Nesse caso, entende-se que essa relação de oposição não ocorre somente pela presença de **agora** e sequer pelo operador argumentativo **só que**, mas ocorre também no nível semântico, pois há uma oposição entre a significação do vocábulo *saúde* e os elementos *diabetes* e *pressão alta*. Entende-se, dessa forma, que a oposição no nível semântico ocorre por meio de anáfora indireta entre esses elementos, e o contraste fornecido por **agora** e **só que** atua mais no nível pragmático, em que a Informante indica ao ouvinte sob qual viés seu discurso deve ser interpretado. Apesar disso, **agora** ainda se relaciona com a forma verbal *tinha*,

⁴¹ Do recorte 5 até o recorte 11.

⁴² Foram observadas 7 ocorrências da expressão “só que agora” utilizada por três informantes diferentes.

estabelecendo uma relação entre *passado* e *presente*, engatando o enunciado no tempo atual.

Recorte 7/ Inf 4

D - e naquela época vocês saíam bastante daqui ou era mais difícil,
I – ah saía só pra procurar recurso pros filho, único que nós saía, e alguma festa do Divino em Guaratuba, sempre a gente ia, mas agora a gente não, sai quando, o pai ajudou a comprar um carro para o meu filho, nós vai mais aqui em Guaratuba. Depois tem esse ônibus que a gente viajava, não tinha isso antes, a gente tinha que ir pra Guaratuba e voltar a remo. Depois conseguimos comprar um motor, aí melhorou. **Só que agora** tá bem mais melhor, pra nós melhorou.. (L106)

No Recorte 7, em “Depois tem esse ônibus que a gente viajava, não tinha isso antes, a gente tinha que ir pra Guaratuba e voltar a remo. Depois conseguimos comprar um motor, aí melhorou. **Só que agora** tá bem mais melhor, pra nós melhorou..” ocorre a oposição entre o passado, considerado negativo, em que as condições de transporte eram onerosas, e o presente, que, de acordo com a informante, está “bem *mais* melhor”. Nesse caso, a forma **só que agora** não só se opõe ao tempo passado como também se soma positivamente ao enunciado anterior “aí melhorou”.

Recorte 8/ Inf 4

D - é eu to contando a história da região né, por isso que eu estou entrevistando as pessoas para contar como eram as coisas, como que era as amizades, você lembra? As amizades que tinha, as festas como que era
I – a tinha, o meu tempo de menina tinha muita festa. Tinha festa do, tinha festa do Bom Jesus, tinha festa do::: festa de São João, **só que agora** a comunidade aqui ficou tudo crente, então não tem mais. E os pessoal que faziam as festa já são tudo morto, falecido. Na época, você veja, eu era criança, agora já to com 74, foi indo, foi indo, o povo também foi indo embora, já faleceram, tal. Esse aqui já é um povo novo que tão aqui. Meus avós, meus pai, minha mãe, não tem mais nada, a minha família acabou tudo. Tenho um irmão morto, três irmã. (L117-126)

O Recorte 8 ilustra relação semelhante às análises do Recorte 6, em: “o meu tempo de menina tinha muita festa [...] **só que agora** a comunidade aqui *ficou tudo crente*”. Nesse caso, a oposição ocorre no nível pragmático, evocado pela forma **só que agora**, e no nível semântico, no contraste entre as significações de ‘festa’

versus ‘a comunidade aqui ficou tudo crente’, referindo-se à adesão dos membros da comunidade às igrejas evangélicas, em que as festas católicas (festa do Bom Jesus, festa de São João) não fazem parte do imaginário cultural.

Recorte 9/ Inf 5

D - eu também não sei bem, acho que a proa é da frente e a popa é atrás,

I – é então, a Helena ia na proa, eu no meio e o pai:: o pai era o da popa, menina, era. Daí o pai dirigia. Ele não levantava, mas dirigia pra não ir pro mangue, entende? Essa menina! Você não sabe ainda, tem o mangue, tem a coroa, tem o canal que é cheio, que a gente sempre viajava com o pai. No canal não tem, não tem, não tem nada é só fundo, e quando, por exemplo, na fase da maré, se é cheia ou minguante, ou crescente, quando a maré tá cheia, tá tudo cheio, e quando a maré ta enchendo ainda tem::: ainda tem coroa, dizem sabe, a coroa é onde a água não vai. Eu sei tudo nega! Eu sei. Se eu fosse nova ainda eu ia daqui a Guaratuba de canoa, mas que tivesse um forte pra remar, e a remo pra se lembrar do tempo passado. **Mas só que agora** a gente não tem força mais. Naquele tempo, deixa eu ver, a H. é cinco anos mais velha do que eu, se eu tinha uns dez ela já tinha quinze. Minha prima mora bem aqui, ela vendeu o terreno dela, lá atrás da escola. É tudo dos Amorim, nós morava lá né, só que depois espalhou. Aí o sogro dela morreu, que é meu tio, e ela vendeu lá. (L159-171)

Para análise do Recorte 9, considera-se o trecho: “Se eu fosse nova ainda eu ia daqui a Guaratuba de canoa [...] **Mas só que agora** a gente não tem força mais”. Nesse caso, o acréscimo de ***mas*** à forma opositiva **só que agora** torna a oposição ainda mais contundente e redireciona o tópico, dando ao ouvinte instruções sobre como o enunciado deve ser compreendido. A forma ‘era nova’ se coloca em oposição a ‘não tem mais força’ no nível semântico.

Recorte 10/ Inf 5

D – a senhora tem saudade daquele tempo?

E – irmã... A gente com tempo, era mais difícil irmã, irmã é uma conversa que... esse se chama lenda ou história irmã?

D – história, se é de verdade

E – é verdade, irmã, é verdade, ela também ajudou nós a plantar feijão, o feijão o pai não vendia, se alguém pedia o pai dava um pouquinho, né M.?, será que a irmã tem mais alguma coisa *pra mim* lembrar? Ah eu falei

Filha- quer suco mãe?

E – não quero, quero, quero! Tá calor! É bem assim, isso se a polícia não vir prender eu se eu contar pra irmã,

D – não

E – não, (risos) o PA:: como o ... o pai saiu da casa do pai dele, o pai fez uma casa, o macaco, o tucano, vinham comer ripa na porta, tinha algum que o pai tinha pena, por que o macaco põe o filhinho na frente. Mas as vez a mãe fazia comida, pra nós. É longe irmã, o último morador de cima, **só que agora** não é mais assim, agora eu moro cá pra baixo, antes era lá em cima, o meu ma::: o meu pai deu aqui pra mim e deu lá em cima. Só que o meu marido deu pra um sobrinho dele, que é o irmão Darci. (L344-361)

Considere-se para a análise do Recorte 10 o seguinte trecho: “**só que agora** não é mais assim, agora eu moro cá pra baixo, antes era lá em cima”. A porção em análise indica que em “não é mais assim”, a forma *assim* retoma por anáfora a porção anterior em que a informante apresenta detalhes de sua infância, em que “o pai saiu da casa dele [...]”, e ainda “a mãe fazia comida”, referindo-se às lembranças que tem da casa em que morava. Na asserção “é longe irmã!”, a Informante oferece comentário avaliativo sobre a localidade de sua residência antiga, o que evoca para o enunciado a noção de que está falando, além dos detalhes da convivência, também da posição geográfica, o que pode ser verificado nos enunciados que se seguem, como em “**agora** eu moro cá pra baixo, *antes* morava lá em cima”. Nesse trecho, inclusive, observa-se a oposição entre **agora** e *antes* marcada explicitamente. Portanto, além da retomada por anáfora, “**só que agora** não é mais assim” antecipa por movimento catafórico o que será dito a seguir, ou seja, a localização atual de sua residência.

Recorte 11/ Inf 5

D - eu quero saber como que era as estradas aqui na época, como que vocês iam pra::: se vocês iam bastante pra Garuva, se vocês iam pra Guaratuba.

I – na:::ao irmã, é caminho, caminho de ir pra roça do arroz, caminho de ir pra roça da rama, caminho pra ir pra roça do::: do milho, porque olhe, milho, arroz, rama... o milho raleado dá pra plantar junto com o aipim né, porque ele abafa, judia muito, e::: o milho dá, mas o arroz não pode plantar junto. Então eu não sei irmã, mas o pai, quando era pra ir colher quando tava maduro, o pai dizia: hoje eu vou abrir o caminho do da roça de milho, amanhã eu vou abrir o caminho da roça do arroz. Só que o milho semeia, e o arroz também né. **Só que agora** mudou né irmã, tem outro tipo de plantação, que tem arroz entremeio e milho de entremeio, agora o feijão é o mais ligeiro irmã, a irmã pode por, é três mês o feijão. O feijão é ligeiro. O milho pra você cozinhar ou assar na brasa é três, é quatro. E pra ta sequinho, que o pai vendia, nós fazia, o pai mandava nós debulhar né, a mãe fazia o carreiro assim, e tirava com o mesmo sabugo, a ponta e a cabeça assim, mas fica molinho irmã. Só que o milho semeia, e o arroz também né. (L 405-416)

No Recorte 11, em “**Só que agora** mudou né irmã, tem outro tipo de plantação”, a forma **só que agora** indica a oposição entre as modalidades de agricultura e os modos de cultivo praticados pelo pai, no passado, e os cultivos do tempo atual. Nesse caso, a forma verbal ‘mudou’ também é responsável por esse contraste.

Nos recortes 12, 13 e 14 ocorreram estruturas semelhantes, dessa vez com o operador argumentativo ***mas***:

Recorte 12/ Inf 5

I - É, mas foi muito bom, ((ruído)) o pai remava.... quando ele bebia que já tava::: (risos), o pai já tava com goró na cabeça, daí ele dirigia menina, sentado dirigindo, como é que ele sabia que se ele levantasse ele caía, veja só! **Mas agora** não existe mais, nem mãe, nem pai, nem marido. Existe a família, e Deus irmã, né. (L526-527)

Observamos, nesse recorte, que em “**Mas agora** não existe mais, nem mãe, nem pai, nem marido”, a Informante faz um comentário lamentando a morte de seus entes queridos em contraste com as lembranças positivas anunciadas anteriormente. Esse argumento é introduzido à narrativa como forma de avaliação de seu próprio discurso e, nesse caso, além de ***agora*** figurar a oposição entre passado e presente, auxilia na força de argumentação iniciada por ***mas***. Movimentação semelhante é observada no recorte a seguir:

Recorte 13/ Inf 6

I - e eu quase morri né, a minha pressão subiu. Ela andou toda noite pra Garuva, pra Guaratuba antes. Né R. (referindo-se a filha)
Filha - sim. A gente encontrou um médico muito bom que cuida dela em Guaratuba né?!
I - não, **mas agora** a mãe não foi quase um ano já. (L406-407)

Em “**mas agora** a mãe não foi quase um ano já”, a Informante comenta sua narrativa anterior e busca inclusive comprovação de seu comentário na fala da filha.

Recorte 14/ Inf 4

D – e naquela época vocês saíam bastante daqui ou era mais difícil?
I – ah saía só pra procurar recurso pros filho(s), único que nós saía, e alguma festa do Divino em Guaratuba, sempre a gente ia, **mas**

agora a gente não sai. Quando o pai ajudou a comprar um carro para o meu filho, nós *vai* mais aqui em Guaratuba. Depois tem esse ônibus que a gente viajava, não tinha isso antes, a gente tinha que ir pra Guaratuba e voltar à remo. (L103-104)

No Recorte 14, em “sempre a gente ia, **mas agora** a gente não sai”, observa-se a força argumentativa originada por **agora**. Nesse caso, se suprimido o operador argumentativo, essa função é tributada ao elemento **agora**, como é possível observar na paráfrase “sempre a gente ia, **agora** a gente não sai”. Parte dessa força é perdida na ausência desse elemento, como em “sempre a gente ia, **mas** a gente não sai”. Isso significa dizer que, nesse caso, o elemento **agora** funciona como articulador adversativo auxiliando na construção da significação do enunciado.

As análises acima⁴³ indicam que o argumento iniciado por **só que agora** e **mas agora** é introduzido pelas informantes de maneira a deixar claro para o ouvinte como deve ser entendido, ou seja, trata-se de argumento superior⁴⁴, em que a comparação com o tempo passado deve ser observada em termos de contraste bastante marcado, pois pretendiam deixar clara a distinção entre o que foi vivido anteriormente e o modo como vivem nos dias atuais. Observou-se que, nesses casos, as formas **só que agora** e **mas agora** podem ser indicativas de uma espécie de cristalização desses vocábulos como atuantes no nível pragmático e da argumentação e contrajunção. Nos casos apresentados, os operadores argumentativos (*só que* e *mas*) auxiliam no processo de conexão por oposição. Diante dessas ocorrências, é possível inferir inclusive que, apesar de essas estruturas oferecerem força argumentativa ao enunciado, em que os operadores **só que** e **mas** atuam como opositores, é **agora** o elemento que marca mais pontualmente essa oposição, pois é ele o responsável por ancorar o enunciado no tempo presente em contraste com o passado anteriormente anunciado. Observe-se novamente o exemplo do Recorte 6:

Recorte 6/ Inf 4

::: é que a gente graças a Deus tinha saúde né?! pra trabalhar, **só que agora** a gente tem problema de diabetes, pressão alta né, então a gente ta mais por aqui. (L92-93)

⁴³ Dos recortes 5 ao 14.

⁴⁴ Esse termo refere-se a teoria da argumentação.

Nesse exemplo, a distinção entre o passado *tinha saúde* e o presente *tem problema de diabetes* é feita em termos semânticos na relação entre a estrutura verbal *tinha* (passado) e a estrutura verbal *tem* (presente). Assim, obtém-se: “a gente tinha saúde” *versus* “a gente tem diabetes”. A conexão entre esses dois enunciados é feita por **agora**: “a gente tinha saúde **agora** a gente tem diabetes”. Nessa paráfrase, mesmo na ausência do operador argumentativo **só que**, não se observa perda da força argumentativa, pois o contraste entre passado e presente permanece. Contudo, caso **agora** seja suprimido, como em “a gente tinha saúde **só que** a gente tem diabetes”, parte da força argumentativa é perdida justamente por ser **agora** a âncora discursiva entre passado e presente. As formas verbais responsáveis pela localização do enunciado no tempo não atuam sozinhas, mas em conjunto com esses elementos. Diante dessa análise, é possível afirmar que, nas estruturas acima, que **agora** possui força argumentativa e é capaz de figurar, sozinho, como elemento de contrajunção. Isso poderá ser mais bem observado no recorte 16 a seguir, em que, na ausência de outro operador argumentativo, **agora** atua como elemento de oposição entre um argumento figurativo de situação passada, e outro ancorado em tempo presente mais atual:

Recorte 15/ Inf 6

D - [...] antigamente o que a senhora acha que era muito diferente de hoje em dia, como que era a vida antigamente do que é hoje, principalmente aqui no Cubatão, o que tem que é bem diferente, as estradas e tudo o que a senhora falou

I - Não, aqui melhorou muito por que tem ônibus na porta pras criança, tem merenda, hoje em dia a criança tem mochila, tem quanta coisa, tem roupa boa. Antigamente não era isso, tem alguma criança que não quer ir pra escola né:: nós não tinha isso, não tinha ônibus. nós devia levar lanche pra cá:: pra escola. é:: antigamente não tinha isso. **Agora** tem comida boa na escola né:: (L156-159)

Observamos que **agora** estabelece oposição entre um enunciado e outro, ao mesmo tempo em que conecta o tempo passado ao tempo presente; a ausência de um conector adversativo tributa ao **agora** a função de relacionar os dois enunciados positivamente. Contudo, é preciso observar que a forma verbal *tinha* em contraposição à forma verbal *tem* estabelece também relação de oposição no tempo. Em todo o enunciado, a Informante estabelece comparação⁴⁵ entre o passado e o

⁴⁵ Essa comparação foi motivada pela pergunta da pesquisadora, conforme se observa.

presente, utilizando-se de expressões que fazem com que o discurso da narrativa se alterne na linha temporal: (antigamente *versus* hoje em dia, tinha *versus* tem). Ao realizar essa comparação, destaca as facilidades dos dias atuais, afirmando que “melhorou muito, porque tem ônibus na porta pras criança, tem merenda, hoje em dia a criança tem mochila”. A afirmação “melhorou muito” aparece em resposta à pergunta “o que tem que é bem diferente?”. Assim, toda a significação que evoca ao tempo presente aparece em termos positivos em relação ao passado.

Na sequência, a informante apresenta aspectos negativos relacionados às dificuldades que enfrentava quando ia à escola (ônibus, merenda). Por fim, ao enunciar “nós não tinha *isso*, não tinha ônibus, nós devia levar lanche pra cá::: pra escola. é:::”, *isso* retoma toda a ideia de que a vida escolar das crianças da atualidade é mais fácil. Trata-se de uma anáfora direta, em que o pronome indefinido retoma toda a porção anterior.

Conforme Marcuschi (2001), a anáfora indireta ocorre também na presença de elementos pertencentes a um mesmo campo semântico ou por hiponímia, que no caso se observa na relação entre os elementos *comida*, *merenda* e *lanche*. A sequência “**agora** tem comida boa na escola” retoma por anáfora indireta *merenda*, que as crianças têm hoje em dia e *lanche*, que ela levava para a escola.

Nesse caso, observamos que, além de pontuar o discurso no tempo, **agora** funciona como elemento de retomada da porção anterior, iniciada por *melhorou muito*, ao mesmo tempo em que se opõe à porção relativa ao passado *não tinha isso*. Ao realizar esse processo de retomada de duas ideias dentro do mesmo segmento, entende-se que **agora** faz uma espécie de encapsulamento de duas significações: a primeira, a qual retoma e a segunda, à qual se opõe.

3.1.2.2 Relações do elemento **agora** com a forma verbal *era*

A oposição entre passado e presente está marcada nos recortes 16, 17 e 18, conforme se observa:

Recorte 16/ Inf 3

D - é eu to contanto a história da região né, por isso que eu estou entrevistando as pessoas para contar como eram as coisas, como que era as amizadas, você lembra? As amizadas que tinha, as festas como que era...

I – a tinha, o meu tempo de menina tinha muita festa. Tinha festa do..., tinha festa do Bom Jesus, tinha festa do:: festa de São João, só que agora a comunidade aqui ficou tudo crente, então não tem mais. E os pessoal que faziam as festa já são tudo morto, falecido. Na época, você veja, eu **era** criança, **agora** já to com 74, foi indo, foi indo, o povo também foi indo embora, já faleceram. (L128-131)

Recorte 17/ Inf 5

Da escola, como levava de canoinha pra lá, que não tinha, olha irmã, agora, graças a Deus, nosso governo, nosso prefeito, os homens são a lei, abaixo de Deus, ((ruído)) ela quando nasceu, também viajou, **era** difícil irmã, **agora** tá tudo bem. E agora se eu vou plantar alguma coisinha é porque eu quero, porque o governo já, o irmão Paulo. Ah::; eu vou contar do meu aposento também (L307-308)

Os trechos em análise são: “eu **era** criança, **agora** já to com 74” e “**era** difícil irmã, **agora** tá tudo bem”. Nos dois casos, o primeiro enunciado é composto pela forma verbal indicativa de estado que, em conjunto com a expressão indicativa de tempo passado *na época*, carrega semanticamente o enunciado para um movimento no passado (momento do evento), já **agora** o fixa no tempo presente (momento de referência). Nesses dois trechos, observamos que os enunciados introduzidos por **agora** articulam-se com os enunciados anteriores. O Recorte 19 é também ilustrativo desse fenômeno, contudo, a retomada se faz por anáfora:

Recorte 18/ Inf 2

D - eu digo os moradores...Tinha bastante morador aqui naquele tempo?

I – tinha, tinha, tinha, em tudo tinha aqui, você haveria de ver, a criaçãoada que o povo tinha, a gadarada que nós tinha . nós tinha, trabalhava com engenho de pinga, sabe, fabricava pinga, fabricava melado, e fabricava, é::: como é que se diz: açúcar batavo (quis dizer mascavo) e ia tudo pro Paranaguá, tudo. Vinha os tambor, vinha os linhame, tudo. Gado, criação nós vendia tudo, aí abriu Santa Catarina também pra cá, aí era pra Paranaguá e Santa Catarina. mas o povo aqui tinha, né? Tudo criava rês, tudo tinha gadaria, criação que era uma maravilha. Aqui é um lugar abençoado mulher de Deus, como diz, é um lugar rico, o que a senhora quiser de coisa aqui, é por isso que eu gosto

D - que legal,

I – gosto, e o que a gente pôr na terra vem, mulher!. a é, como é::: a saúde. A saúde toda vida eu que cozinhei pra eles. Ah::: mas estranharam não é N.?! **agora** os coitado andam se batendo, não tem nem onde comer, porque nós, como diz..., eles vinham, ficavam na minha casa. Se eles viessem uma hora, viessem duas hora a comidinha tava quente, no fogãozinho a lenha né, e iam lá pra Limeira, vinham, **era** assim. Quer dizer que a gente tratava bem né, e

agora não, os coitado andam se batendo, não tem onde parar.
(L350-360)

Nesse exemplo, a informante narra detalhes relativos aos costumes da população local no passado. No enunciado “A saúde, toda vida eu que cozinhei pra eles”, *saúde* se refere aos funcionários da Secretaria de Saúde do Município de Guaratuba, que visitavam a comunidade na época. Segundo a Informante, era ela própria quem oferecia alimentação para essas pessoas. O fato passado “toda vida eu cozinhou pra eles” se opõe aos enunciados seguintes: “mas estranharam” e “**agora** andam se batendo”, em que “se batendo” é indicativo de sofrimento, já que “não tem nem onde comer”. Nessa porção textual, existe clara oposição entre o fator passado positivo (tempo em que os funcionários da saúde recebiam alimentação) e o tempo presente negativo introduzido por **agora** (tempo em que não recebem mais alimentação, “andam se batendo” e por isso estranharam).

Na sequência, apresenta elementos que compõem seu discurso no sentido de convencer o interlocutor de que o tratamento por ela oferecido aos funcionários da saúde era realmente positivo: “Se eles viessem uma hora, viessem duas hora a comidinha tava quente, no fogãozinho a lenha né, e iam lá pra Limeira, vinham” e o resume em “**era** assim”, expressão que retoma por anáfora direta toda a porção anterior. A seguir, oferece comentário em que explica sua afirmação “Quer dizer que a gente tratava bem né?!” e acrescenta “e **agora** não”. Essa porção retoma a expressão anterior “era assim”, estabelecendo oposição entre passado e presente. Contudo, há nesse caso a supressão dos elementos e a interpretação fica a cargo do ouvinte (“era assim” *versus* “**agora** não é assim”). Além disso, **agora** também antecipa a explicação que virá a seguir: “os coitado andam se batendo, não tem onde parar”. Nesse caso, **agora** é ao mesmo tempo anafórico e catafórico, pois realiza uma espécie de movimento em conjunto com “era assim” *versus* “**agora** não (é assim)”, e antecipa a explicação ofertada na sequência.

No caso dos recortes 17, 18 e 19, analisamos estrutura semelhante, ou seja, um primeiro enunciado composto por *era* e um segundo iniciado por **agora**:

Recorte 17/ Inf 3: eu **era** criança, **agora** já to com 74.

Recorte 18/ Inf 5: **era** difícil irmã, **agora** tá tudo bem.

Recorte 19/ Inf 2: **era** assim [...] **agora** não (é assim).

A ocorrência dessa estrutura utilizada por três informantes diferentes, tratando de assuntos distintos, mas que tinham em comum o tópico em pauta (relatar o passado), demonstra existir, no próprio movimento natural da língua, uma espécie de estrutura pré-estabelecida, em que a relação entre a forma *era* e o elemento **agora** trabalham em conjunto na construção do sentido em narrativas em que são abordados tempo passado em comparação com o tempo presente. Nesse caso, **agora** não se comporta apenas como advérbio que modifica um verbo, mas funciona como articulador, até mesmo como conjunção que entrelaça os significados do passado e os traz para o presente, pontuando-o e estabelecendo oposição com o que foi dito anteriormente.

A função contrastiva desempenhada por **agora** já havia sido analisada por Schiffrin (1987), em que indica (no caso de *now*) que esse elemento poderia marcar relações de oposição entre um tempo passado e o momento atual. Gryner (2008), em artigo no qual analisa estruturas semelhantes, anuncia a existência de um processo metonímico sofrido por **agora**, no qual a referência temporal “vai se esmaecendo [...]” e

agora passa a assumir a função textual/discursiva de marcador/ conector de contraste entre enunciados. Nesta função, agora passa a integrar o sistema de estruturas oracionais complexas, apresentando-se em variação com o conector contrastivo prototípico mas (GRYNER, 2008, p. 207).

Diante do que pode ser observado nas análises, bem como o que foi verificado no trabalho de Gryner (2008), o processo de gramaticalização pelo qual o elemento **agora** tem passado indica que, além de suas funções mais prototípicas, sua marca temporal sempre presente, esse elemento é capaz de atuar como articulador do texto, marcando oposição entre dois enunciados. Nos casos apresentados anteriormente, essa oposição se dá em níveis de marcação de tempo passado *versus* tempo presente, contudo, no tópico 3.2, poderá ser visto como atuante na cadeia discursiva, estabelecendo contraste, e não só em termos temporais, quando será classificado como marcador discursivo.

3.1.2.3 Relações do elemento **agora** com formas que desencadeiam comparação

A função de contraste pode ainda estabelecer uma espécie de comparação entre os enunciados, como visto no recorte a seguir:

Recorte 19/ Inf 1

I – [...] graças a Deus o casamento foi tudo bem, tive quinze família, entre morto e vivo né, foi tudo bem, tinha... era menor, era tudo bom. O povo era tudo normal. Não era **como agora**, era tudo normal. (L66)

No Recorte 19, a informante revela aspectos positivos inerentes ao tempo passado. Na sequência, apresenta ressalva em que indica sua opinião sobre as pessoas do tempo presente (povo) “não era **como agora**”. Estabelece-se aí contraste entre “tudo normal” *versus* “**como agora**”. Assim, observa-se a seguinte tradução: “o povo antigo era normal”, “o povo atual (**como agora**) não é normal”. Temos a noção de tempo vinculada ao verbo, pois em “Não era como **agora**, era tudo normal.”, **agora** aparece como predicador. Ou seja: O povo não era como é **agora**. Nesse caso, mesmo que a forma verbal esteja elíptica, existe afinidade entre **agora** e a forma verbal. Observa-se ainda que atua no conteúdo proposicional e indica o desapareço da Informante pelo tempo atual. Verifica-se inclusive relação anafórica em que **agora** acomoda “o povo que vive hoje”. Existe aí uma função de retomada, o que também pode ser observado no Recorte 20, em que o elemento destacado em “melhor do que **agora**” retoma “dias atuais”:

Recorte 20/ Inf 1

I - Meu Deus, o povo daquele tempo era melhor **do que agora**, ((ruído)) sobrinho com primo, meu Deus, naquele tempo era melhor, tem que dar parabéns pra aquele tempo, (L68)

No Recorte 20, **agora** atua também sobre o sintagma nominal na modificação de *povo*, em que pode ser compreendido “O povo daquele tempo era melhor do que o povo de **agora**”. Assim, como em *povo daquele tempo*, a expressão em destaque pode significar *povo antigo*, ou seja, *antigo* compõe o significado de *povo*. Dessa forma, *povo de agora* significaria *povo atual*. Tem-se, dessa forma, a oposição que

ocorre entre “povo antigo” *versus* “povo atual”. No Recorte 21, existe também uma comparação, dessa vez entre o estilo de vida antigo e o estilo de vida atual:

Recorte 21/ Inf 6

Quem que trabalhava na terra de vocês?

I - ahh::; o meu marido trabalhava... e eu

D- e as filhas tiveram que trabalhar também?

I - as filhas sim, só que essa lá foi estudar já (se refere a filha presente). E::: a outra também ajudou e a outra também. Tinha Três né:: aham. Era tão gostoso e colhia café caía dos pé aham. Cana nós plantava. De cana dá garapa gostosa né:::

D- é::; verdade

I- também ninguém não morria assim antes **do que agora** tão morrendo os pessoal né:: é tudo axotóxico (agrotóxico) na carne nas coisas assim. Tudo o que na roça você colhe e isso não faz mal, não tem nada de axotóxico né (se refere ao tempo passado), que eles botam tudo, até na carne que ta embrulhada que a gente compra, embalada né. E daí é isso, faz tudo mal. Tudo é isso, tudo comida caseira. Hoje tava um que, eu botei café, tinha linguiça tinha presunto tinha queijo. O homem comeu pão de casa com doce só. O doce de banana que eu fiz, muisse né. Diz que essa é a comida que a gente come. Esses que trabalham na escola que tão pintando (L 330-339)

Há, nesse recorte, uma oposição entre passado e presente e uma comparação, em que o tempo atual é visto por um viés mais negativo em relação ao presente. Ao narrar os fatos, a informante descreve ações positivas, como em “Era tão gostoso e colhia café caía dos pé aham. Cana nós plantava. De cana dá garapa gostosa né:::”. Já em “também ninguém não morria assim antes **do que agora** tão morrendo os pessoal né:::”, **agora** é introduzido de maneira a avaliar negativamente o tempo presente. A porção iniciada por *também* dá sequência à narrativa e se estabelece como forma de comentário em que se acrescentam informações que justificam sua avaliação. Uma paráfrase possível seria “Antes as pessoas não morriam *como* morrem **agora**”. Ou seja, o estilo de vida do passado era mais saudável e proporcionava melhor qualidade de vida do que o atual. Isso pode ser verificado inclusive nos comentários que se seguem, como em “é tudo axotóxico (agrotóxico) na carne nas coisas assim”, indicando seu apreço por uma forma de vida mais natural em contraposição ao estilo de vida atual, em que se usam agrotóxicos e elementos químicos nos alimentos.

Nos recortes 19, 20 e 21 existe a oposição entre os dois elementos comparados. Já no recorte 22, verifica-se a comparação com elementos semelhantes e não opostos:

Recorte 23/ Inf 5

I - As vezes posava, o pai:: conforme a maré, a madrugada... o pai remava nós vinha de noite... levar a lavoura vender lá sabe? Porque não tinha “sa menina” ninguém que tinha mercearia, era só pra lá, só pra lá. E vivia gurial! Ele comprava uma caixa de sabão - eu sei que dava pro mês, dava até cortar outra vez, que cortava arroz, o milho, fazia farinha, levava::: Dava “sa menina”! É **como agora** né, trabalha, o que ganha de pensão, o que ganha da roça, tudo vale né, porque assim como sobe, lá sobe lavoura também, né “sa menina”!? (L 27-29)

Em “é **como agora**”, a Informante compara eventos passados com o tempo atual e afirma que as dificuldades em trabalhar e receber salário não mudaram. No passado, o pai realizava ações que garantiam a sobrevivência da família, indicado pelas formas verbais (trabalhar, remar, comprar, vender), e no presente, de acordo com a avaliação da Informante, sua família continua realizando essas ações: “É **como agora** né, trabalha, o que ganha de pensão, o que ganha da roça, tudo vale né”.

Nos recortes 19 a 22, **agora** se configura como opositor entre passado e presente e ainda parece estabelecer uma espécie de comparação ao mesmo tempo em que calibra a ressalva da informante no sentido de avaliar o tempo presente como sendo visto de forma negativa, ou ainda, como no caso do Recorte 22, indica semelhança entre passado e presente. Dessa forma, em conjunto com elementos que indicam comparação, no caso **como e do que**, a construção do significado é auxiliada pela presença do elemento **agora**. Entende-se que a comparação, em si, não é estabelecida por esse elemento, mas **agora** acomoda as significações do tempo presente de forma a auxiliar na construção da comparação.

Por se tratar de entrevistas do tipo DID, existe o diálogo entre a pesquisadora e a informante. No caso, as entrevistadas eram pessoas idosas que relatavam fatos de seu passado à entrevistadora mais jovem, que não desconhecia apenas as peculiaridades dos eventos, mas também desconhecia todo o contexto narrado figurativo de um tempo anterior, que foi presenciado por elas. Assim, preocuparam-se em relatar detalhes de um passado absolutamente desconhecido do interlocutor.

No Recorte 23, inclusive, a informante faz questão de assinalar que a entrevistadora desconhece o passado narrado:

Recorte 24/ Inf 5

I - E daí a gente como é triste quando é criança, a gente fazia carreirinho, na espiga inteirinha pra ficar ((ruído)), e::: eu um saco ia num instantinho, **esse é no meu tempo** não é **agora**. (L419)

Ao anunciar “**esse é no meu tempo** não é **agora**”, a informante indica que os eventos narrados não pertencem ao tempo vivido pela entrevistadora, pois “é no meu tempo” estaria em oposição não somente ao tempo presente mais atual, mas a um tempo não vivido pelo seu interlocutor, como em oposição “meu tempo” *versus* “seu tempo”. Assim, ao discorrerem sobre o passado, houve a preocupação em se apresentarem detalhes que ilustrariam melhor aquilo que não era de conhecimento do interlocutor. A comparação entre passado e presente ocorre de maneira a justificar as avaliações feitas, pois, apesar de desconhecer o passado, julgaram que a entrevistadora conhecia bem o contexto que envolve o tempo presente. Assim, a comparação ocorreu para que fosse facilitada a compreensão do ouvinte, ou seja, o passado desconhecido poderia ser mais bem compreendido em relação ao presente conhecido. Assim, foram detalhados eventos passados (representantes de um tempo anterior) e comparados com o tempo presente, representado por **agora**. Observe-se: “**esse é no meu tempo** não é **agora**”, **esse** retoma os detalhes anteriormente narrados, já **agora** acomoda uma noção conhecida pelo ouvinte, e não há necessidade de ser detalhado, pois é de conhecimento de ambos os interlocutores.

Nos Recortes 19, 20, 21 e 22, houve, por parte das informantes, a necessidade de se apresentarem detalhes sobre o tempo passado. Mas somente nos Recortes 21 e 22 foram apresentados elementos característicos do tempo atual que justificassem sua avaliação. No Recorte 21, “É como **agora** né, trabalha, o que ganha de pensão, o que ganha da roça, tudo vale né”, as informações acrescentadas (trabalha; ganha; tudo vale) especificam a significação de **agora**. Igualmente, no Recorte 22, isso pode ser observado: “também ninguém não morria assim antes *do que* **agora** tão morrendo os pessoal né::”, “tão morrendo os pessoal” é uma informação acrescentada de forma a explicar o contexto atual, e justificada pelo tópico “é tudo axotóxico (agrotóxico) na carne nas coisas assim”.

Contudo, no Recorte 19 “não era como **agora**, era tudo normal”, **agora** acomoda características inerentes a *povo*, que são conhecidas por ambos os interlocutores. Estrutura semelhante ocorre no Recorte 20; nesse caso, **agora**, em “melhor do que **agora**”, encerra em si mesmo ampla significação do que é o tempo atual. Entende-se aí o seguinte: “as pessoas que eu conheci antigamente são melhores dos que as pessoas que eu e você conhecemos **agora**”. Não houve, nesses enunciados, a necessidade de se especificarem características do tempo atual.

Mesmo nos casos em que o tempo atual inserido por **agora** foi especificado, é possível afirmar que esse elemento encapsulou todas as noções e características do tempo atual de conhecimento dos interlocutores. Assim, **agora** não é o elemento que estabeleceu comparação, mas sim o elemento comparado em uma noção (A) em comparação com (B), em que (A) foi detalhadamente explicado a um interlocutor que desconhecia esse contexto, e (B) seria o contexto conhecido pelos interlocutores, e isso torna desnecessárias maiores explicações.

3.1.2.4 Atuação do elemento **agora** sobre a significação de formas nominais

Os enunciados apresentados neste tópico são ilustrativos da atuação de **agora** sobre o significado de formas nominais. Nos Recortes 23 e 24, observa-se a relação de foricidade em que **agora** conecta-se com elementos anteriores ou posteriores no próprio texto, de modo a alterar o sentido da forma à qual ele se conecta.

Recorte 23/ Inf 2

D - mas quem que a senhora acha que é mais trapaceiro? O paranaense ou o catarinenese? Ouvindo falar assim,

I – não sei, mas pelas coisas que eu vejo assim, parece que é o Catarina né, eles tem mais, mais saliva né,

D - mais saliva?

I – (risos) é::: assim falam né, eu falo pelo dizer dos outros, porque eu também, **agora pouco**, faz poucos anos que eu me dou com os Catarina, é porque também não conhecia, então a coisa deles assim, não é pra dizer que Catarina seja gente ruim, gente coisa, não, só um pouquinho da diferença deles é a fala (L240-241)

No Recorte 23, **agora** tem relação catafórica com a expressão que se segue: “faz poucos anos que me dou com os *Catarina*”, o que indica que **agora** atua como articulador textual. Na estrutura interna, **agora** atua em relação a **pouco**, que o especifica. Existem aí duas funções, a primeira em níveis macrotextuais, em que a expressão **agora pouco** atribui significado a toda a sentença e indica expressão seguinte por catáfora, e outra na estrutura interna, em que **agora** é especificado por **pouco**. Interpretação semelhante pode ser atribuída ao Recorte 24.

Recorte 24/ Inf 3

D – [...] eu queria que a senhora me contasse um pouco da sua vida, como que eram as coisas quando a senhora era criança, como que eram as coisas por aqui. Como foi a sua infância morando aqui,
 I – aqui eu... eu posso explicar pra você que quando eu nasci e me criei aqui... - não foi nem aqui, foi mais pra cima - nós só tinha a linha da empresa X⁴⁶ e esse ((ruído)) aqui que era da linha da empresa X, anti::; antigo, da:: do tempo que montaram a linha da empresa X aqui, fizeram esse traço que sai lá no::: Moreira, lá no sagrado..., lá na BR::: sai. Daí pra ir por aqui. Então, depois é::: depois se criemo aqui. Minha mãe era da família do Cubatão, era dos Cordeiro ela. O seu Mané Cordeiro ali, ele era meu tio, era tio da minha mãe. Ele era guarda da da empresa X aqui. Até eu tenho aqui uma lembrança do tempo da da empresa X, uma moeda, do tempo que eles tavam aqui. Então::: aqui era um picadão direto da da empresa X. Santa Catarina a Morretes, no meu tempo né. Dai eu mudei mais pra cá, e fiquei morando mais pra cá, aqui no Canavieira aqui. Esse rio aqui é o Canavieira, é::: **agora de pouco tempo** entrou a empresa X aqui, e daí ó, a terra é do Estado, mas eles que tão cuidando, meteram a máquina, pegaram um guarda e cortaram tudo a estrada. Lá do rio do pasto, cortaram a estrada, picotearam, fizeram furnas, tudo isso aí ó, pra ninguém passar. E colocaram corrente, e o traço velho também tá lá, tudo picoteado. Até eu falei: olha gente, se isso aqui for denunciado, eles vão pagar, porque muita gente usava essa estrada, e por aqui é bem mais perto. Nós saia aqui e gastava três horas pra ir daqui até lá no Rio Sagrado, é perto da BR lá, e hoje você faz oito horas pra lá. Isso aqui é um crime - eu falei. E tá tudo tapadinho aí por debaixo do pano. Daí **agora de pouco tempo**, uns quarenta anos pra cá, eles entraram e começaram a me perseguir aqui, lutando, lutando, lutando e sempre reinando comigo (L23-31)

A expressão **de pouco tempo** delimita a noção de proximidade ou atualidade, uma vez que **agora** pode soar mais vago. A foricidade do elemento **agora**, coocorrente com as expressões *pouco* e *de pouco tempo* remete a tempo passado mais ou menos extenso. Há em Schiffrin (1987) a indicação de que *now* estaria relacionado foricamente a elementos que denotam tempo presente e tempo futuro.

⁴⁶ Por motivos éticos, o nome da empresa citada pela informante foi suprimido.

“Now indexes an utterance to a reference time which is coterminous with speaking time (present), or posterior to that time (future), but not prior to speaking time (past)”⁴⁷ (SCHIFFRIN, 1987, p. 262). Por meio do comentário da autora, é possível afirmar que esse elemento, apesar de estabelecer relação presente/passado, ancora o enunciado no tempo de referência ou indica tempo posterior, mas não possui significação de tempo passado. Assim, entende-se que a foricidade desencadeada por **agora** remete a tempo mais ou menos ligado ao presente, ou seja, o tempo referencial recente. Nos Recortes 23 e 24, observa-se **agora** atuando foricamente como elemento nominal anterior ou posterior, de forma a demarcar tempo específico, mais próximo do presente.

A expressão *é:::*, em “*é::: agora de pouco tempo* entrou a empresa X aqui”, pode ter sido inserida pela Informante como estratégia para reelaboração do que seria dito a seguir, por isso ela, além de utilizar o alongamento da vogal, indicativa de planejamento, ainda introduz uma expressão temporal “**agora de pouco tempo**” com o objetivo de organizar sua narrativa. A segunda ocorrência de “**agora de pouco tempo**” é catafórica de “uns quarenta anos pra cá”, que vem a seguir. Observa-se em todo o recorte a utilização de expressões temporais que situam o ouvinte em uma espécie de escala que se aproxima e se distancia do tempo presente: *tempo da empresa X, no meu tempo, agora de pouco tempo*. Essas expressões servem para situar o ouvinte na narrativa e funcionam como elementos de sequencialização e retomada. Assim, na macroestrutura, relaciona-se com elementos anteriores e posteriores, ao mesmo tempo em que organiza o fluxo da narrativa.

Recorte 25/ Inf 4

I - **Agora pro natal**, meu filho veio buscar nós, nós ficamos desde o meio dia até as três da tarde pra passar pra cá. O rio tava cheio, não conseguia passar. Aí eles vieram aqui, deixaram nós e se mandaram embora. (L108)

No Recorte 25, observa-se na estrutura macrotextual uma relação catafórica entre **agora** e **pro natal**. Nesse enunciado, o elemento, além de fazer referência à forma nominal, atrela circunstância a seu significado, garantindo o entendimento de

⁴⁷ “Agora indexa um enunciado a um tempo de referência que coincide com o tempo de fala (presente) ou posterior a esse tempo (futuro), mas não antes do tempo de fala” (passado) (SCHIFFRIN, 1987, p. 262, tradução nossa).

que, nesse caso, o *Natal* de que se fala seria o mais recente. No Recorte 26, **agora** se refere anaforicamente à expressão *esses dias*, trazendo ao âmbito do enunciado significação semelhante.

Recorte 26/ Inf 8

D - e a senhora tá gostando de morar pra cá?:::
I – é::: tem que gostá fazê o que né, (risos). Porque, é::: **esses dias agora** eu disse pra ele né:: eu::: eu gostava de ter minha casinha né, daí ele: não! Não vai morar sozinha! É ruim. (L238-239)

O que difere esse enunciado dos demais seria o fato de que, ao invés de antecipar um elemento textual, **agora** retoma e altera tal significação. A expressão **esses dias** pode indicar noção de tempo vaga no passado, e, por sua vez, **agora** funciona de modo a aproximar essa noção para o presente. No Recorte 27, **agora** é indicador de tempo futuro, pois atrela-se à forma verbal *fazer* (*faço*, que na linguagem informal significa *farei*).

Recorte 27/ Inf 7

D - 67, nasceu em que ano? Lembra o ano?
I – agora::: **segunda-feira agora** eu faço 67 (L38-39)

A ocorrência em análise seria a relação anafórica entre **agora** (segunda ocorrência no recorte) e *segunda-feira*. O tempo futuro é evocado pela forma nominal **segunda-feira** em conjunto com a forma verbal *faço* e **agora** atribui a esse futuro uma noção mais próxima, mais pontual.

Por meio dos recortes analisados anteriormente, foi possível constatar que a foricidade de **agora** é indicadora de pontualidade, tendo o tempo presente como referência. Mesmo na presença de elementos como **pouco tempo**, que indicam passado, **agora** funciona como a âncora do enunciado no tempo do discurso, pois é egocentrado no tempo de referência do falante. Entende-se, contudo, que a retomada por anáfora ocorre em casos nos quais **agora** é utilizado em termos de comparação ou oposição, já que se liga aos elementos anteriores sintetizando a porção que é retomada e, por vezes, estabelecendo certo tipo de avaliação.

Diante dos recortes anteriores, observa-se que, além de estabelecer relação fórica, **agora**, nesses casos, atua sobre uma forma nominal, pois especifica e é especificado por outros elementos. Conforme já observado no trabalho de Neves

(2008), é possível classificar alguns circunstanciais, inclusive de tempo, como modificadores não somente de um verbo, adjetivo ou advérbio, mas como atuando sobre formas nominais de modo a atribuir-lhe circunstância.

Nas expressões a seguir, retiradas dos recortes analisados no tópico anterior, verificamos não somente a função de retomada, em que **agora** se relaciona foricamente com os elementos dos quais se aproxima, mas observamos funções de especificação.

Em **agora pouco**, **agora** denota tempo atual e tem sua significação alterada pela forma *pouco*, que por sua vez o caracteriza como sendo elemento de um passado atual. Assim, **agora** é figurativo de presente imediato, mas, na presença de *pouco*, localiza-se em tempo passado. Ou seja, ao enunciar **agora pouco**, a informante indica se tratar de um tempo que já se passou, mas que é atual. **Agora pouco**, portanto, na escala de tempo do discurso, distancia-se do tempo de referência. Não se trata de tempo imediato, mas de passado recente. O mesmo pode ser observado na estrutura semelhante **agora de pouco tempo**, em que *de pouco tempo* exerce essa mesma função. Em *esses dias agora*, o elemento de referência temporal mais evidente seria *esses dias*, indicador de tempo passado, expressão que é alterada por **agora**, que por sua vez o aproxima do tempo presente. Nesse caso, **agora** atua sobre a significação de *esses dias*. No caso de **agora pro natal**, a forma nominal atua sobre a significação de **agora**, indicador de tempo passado. Em *segunda-feira agora*, a forma nominal *segunda-feira* tem seu sentido alterado pela atuação de **agora**, nesse caso, a forma verbal *faço* é indicativa de futuro, e **agora** ancora o enunciado no futuro mais próximo.

Nos casos arrolados, analisamos que **agora** não possui relação direta com os verbos das orações que compõem, mas atuam ora sobre os enunciados como um todo, ora sobre expressões nominais, atribuindo-lhes especificação. Essa relação em muito se distancia das funções prototípicas do advérbio **agora**, que, de acordo com os estudos mais tradicionalistas, atuariam sempre em relação ou em função de um verbo.

Análise semelhante pode ser verificada no recorte a seguir:

Recorte 28/ Inf 7

I – são tudo casado
D - tudo casado

I- tudo casado, ai a gente tá aqui, **agora:: esse de agora** é o segundo casamento né, mas to vivendo bem graças a Deus, ele já, Deus mudou ele assim, o coração dele, ele tá bem, **pessoa meiga agora**, não é mais aquela pessoa ruim, ta tudo bem graças a Deus. (L110-114)

No Recorte 28, verificamos a ocorrência de **agora** em três funções distintas. Na primeira ocorrência, **agora** exerce função de marcador discursivo e opõe o enunciado que introduz ao enunciado anterior; funciona também como estratégia de planejamento para o que será dito a seguir. Essas funções serão mais bem delimitadas em 3.2.

A ocorrência em análise é a segunda: **esse de agora**. A expressão **esse de agora** pode ser entendida como *casamento atual*, portanto, **de agora** auxilia na construção textual, oferecendo uma forma de especificação ao elemento pronominal **esse**, que toma por catáfora a forma substantiva *casamento*.

Na terceira ocorrência, em “*pessoa meiga agora*”, **agora** realiza uma especificação para a forma nominal *meiga*; nesse caso, existe uma supressão de informações. Uma paráfrase possível seria “ele é uma pessoa meiga **agora**”. Assim, em análise da estrutura macrotextual, entendemos que, apesar de não aparecer no enunciado, está implícita a relação com o verbo. *Pessoa meiga agora* indica que não era uma *pessoa meiga antes*. Apesar de atuar no âmbito desse enunciado e relacionar-se com o verbo que está implícito, **agora** retoma por anáfora indireta a porção “Deus mudou ele assim”, em que *mudou* indica que anteriormente não era uma pessoa meiga.

Recorte 29/ Inf 2

I – por que é::: com os estudo que tá **agora** né, a senhora não acha? Por que, por exemplo, uma pessoa que estuda aqui, se ele aprender quando ele vai pra fora ele já. (L138)

Esse de agora, no Recorte 28, refere-se ao marido, podendo ser entendido como *marido atual*; já no Recorte 29, em *estudos que tá agora*, é possível entender os *estudos atuais*. Nos Recortes 28 e 29, **agora** atua sobre a significação de formas nominais. Assim, ao se reduzirem semanticamente os sintagmas, **agora** passa a ser o elemento que altera o sentido de uma forma nominal, o que não é previsto pelos

gramáticos mais tradicionalistas, mas é admitido por autores como Vilela e Koch (2001).

A partir das análises, aceitamos a hipótese de que os exemplos **agora pouco**, **agora de pouco**, **segunda-feira agora** e **agora pro natal** se configuram como usos comuns dos falantes de língua portuguesa, apesar de ainda não terem sido encontradas investigações que atestam esse fato. Em busca por palavra-chave no *corpus* do NURC, foram encontrados casos ainda não analisados, em que formas semelhantes ocorrem em contexto de língua falada em ambientes cultos, como os exemplos a seguir são capazes de ilustrar.

Exemplo 1:

vai ser indispensável que aquele elemento tenha uma visão do momento... uma visão da situação... ele pre/ precisa saber se a empresa dele é pequena... média ou grande... é por isso que nós nos preocupamos em situar a empresa... e você falava **agora mesmo**... "depende... algumas crianças atingem a adolescência mais cedo... outras atingem mais tarde"... mesmo adotando esse critério... (NURC, 1977⁴⁸)

No Exemplo 1 observa-se que **agora** foi modificado pela presença do elemento **mesmo**, o que ocorre de forma semelhante às ocorrências do *corpus* como **agora pouco** e **agora de pouco tempo** nos recortes 23 e 24. Caso bastante semelhante pode ser observado no Exemplo 2:

Exemplo 2:

DOC - Que graça!
 LOC. - Mas eu só vim a morar em apartamento **agora há pouco tempo**.
 DOC. - E esse apartamento é o mesmo que a senhora mora até hoje?
 LOC. - Não, eu primeiro morei em apartamento alugado e hoje é que eu moro num outro que eu comprei mesmo. Todos em Botafogo (NURC, 1972)⁴⁹.

⁴⁸ Elocução formal (ef) inquérito 364 tema: a empresa (aula de organização e métodos) data do registro: 25/11/77- informante: sexo masculino, 41 anos, formação universitária: administração de empresas, carioca, filho de pais cariocas, área residencial: zona sul. Acesso em 12/08/2019: http://nurcrj.lettras.ufrj.br/corpora/ef/ef_364.htm

⁴⁹ Diálogos entre informante e documentador (did): tema: "casa" inquérito 0042 locutor 0051 - sexo feminino, 60 anos de idade, pais cariocas, bibliotecária. zona residencial: sul data do registro: 12 de julho de 1972. Acesso em 12/08/2019: http://nurcrj.lettras.ufrj.br/corpora/ef/ef_364.htm

O exemplo 3 mostra uma forma nominal indicadora de tempo que acompanha o elemento **agora** o modificando e atribuindo-lhe especificação, semelhante ao caso dos recortes 25 e 27, **agora pro natal**, e **segunda feira agora**:

Exemplo 3:

Nós levamos um susto tremendo essa, **agora em julho**. E normalmente eu sempre, a gente sempre conta as bravatas, que você não tem medo disso, que você não tem medo daquilo, imagine, alma do outro mundo (inint.) bobagem⁵⁰.

No exemplo acima, **agora em julho, em julho** especifica o elemento **agora**. Caso semelhante foi observado no exemplo 4:

Exemplo 4:

Não, nós mudamos pra cá em março, ele faz anos em fevereiro, mas no ano, **esse ano agora**, eu fiz o aniversário dele aq... Não, não foi aqui não, foi em Paquetá que a gente estava passando as férias lá em Paquetá e fiz lá, sabe? E, tinha muitos amigos lá, a criançada toda ...⁵¹

Já no exemplo 5 observa-se a ocorrência de **agora** acompanhando um pronome, modificando seu sentido e retomando porção textual anterior, como é o caso de **esse de agora** destacado no recorte 26:

Exemplo 5 retirado de corpus do NURC

DOC. - Não, não tinha área externa. Elas brincavam normalmente na casa da minha sogra, o que já me acarretava sempre uma série de problemas porque sempre ficava um pouco distante da minha casa, tinha problema de quem levar, eu tinha de estar sempre disponível pra carregar as crianças e assim ...

DOC. - Esse apartamento antigo era de vocês?
LOC. - Era, era nosso. Sacri... comprado com bastante sacrifício (riso).
Esse agora também⁵².

No caso acima, **esse agora** retoma *apartamento*, no entanto, acrescido do elemento **agora**, tem-se a informação modificada. Entende-se a partir desse acréscimo que se trata de um apartamento atual, e não o mesmo citado anteriormente.

⁵⁰ Idem a nota 50

⁵¹ Tema: "Casa" - Inquérito 0101 - Locutor 116; Sexo feminino, 36 anos de idade, pais cariocas Profissão: jornalista - Zona residencial: Sul e Norte, Data do registro: 21 de setembro de 1972. Acesso em 12/08/2019: http://nurcrj.lettras.ufjf.br/corpora/ef/ef_364.htm

⁵² Idem a nota 50.

Os exemplos retirados de corpora do NURC apresentados acima são ilustrativos de que as ocorrências do corpus, apesar de ainda não analisadas pela literatura podem ser consideradas como usos comuns da língua, vez que aparecem em diálogos que destoam do contexto analisado, e ocorrem tanto em ambientes urbanos, como é o caso dos exemplos do NURC, como em ambientes rurais não escolarizados, como é o exemplo das ocorrências da tese.

3.1.3 **Agora** como introdutor de discurso direto e como indicador de consequência

Os recortes 30 e 31 demonstram **agora** como introdutor de discurso indireto, conforme se apresenta a seguir:

Recorte 30/ Inf 4

I – ah saía só pra procurar recurso pros filho, único que nós saía, e alguma festa do Divino em Guaratuba, sempre a gente ia, mas agora a gente não, sai quando, o pai ajudou a comprar um carro para o meu filho, nós vai mais aqui em Guaratuba. Depois tem esse ônibus que a gente viajava, não tinha isso antes, a gente tinha que ir pra Guaratuba e voltar a remo. Depois *conseguimo* comprar um motor, aí melhorou. Só que agora tá bem mais melhor, pra nós melhorou. Agora sai daqui, só tem aquela ponte do Cubatão que de vez em quando enche. agora pro natal, meu filho veio buscar nós, nós ficamos desde o meio dia até as três da tarde pra passar pra cá. O rio tava cheio, não conseguia passar. Aí eles vieram aqui, deixaram nós e se mandaram embora. Então fazer o que né, a gente já passou o que passou, é como diz você: - **agora tem que descansar**. Mas você mora no Cubatão ali mesmo ainda ou não. (L111-116)

O exemplo que inicia este tópico merece especial atenção, já que se trata de caso bastante diferenciado daqueles apresentados até o momento. O contexto da narrativa apresentada pela Informante indica que ela enfrentou, no passado, inúmeras dificuldades, tanto ligadas ao seu trabalho, que ela julgava bastante oneroso, quanto ao difícil acesso aos meios de transporte, conforme indica o recorte. O trecho em análise é o seguinte:

Recorte 30/ Inf 4

Então fazer o que né, a gente já passou o que passou, é como diz você: - **agora tem que descansar**.

Agora parece indicar a voz no interior da narrativa, como se fosse um discurso direto, ou seja, ao narrar os fatos, a informante faz um comentário, demarcando uma espécie de voz externa, até mesmo superior, que justificaria o seu descanso. Ou seja, seria de conhecimento geral que, após uma vida inteira de trabalho, ela teria direito ao descanso justificado. Nesse caso, **agora** é sequenciador por apresentar emprego semelhante ao de *então*. Assim, é possível a paráfrase: “a gente passou o que passou *então*⁵³ tem que descansar”. A expressão *passou o que passou* retoma por anáfora não somente as dificuldades de locomoção, mas também todas as outras adversidades narradas pela informante e **agora** (depois de tudo isso) parece conectar sequencialmente o resultado do esforço, que seria *tem que descansar*. Caso semelhante pode ser observado a seguir:

Recorte 31/ Inf 3

I- Dai essa chácara aqui é uma chácara antiga do tempo da empresa x⁵⁴. Aqui que eu to falando pra você. O meu sogro que limpava o traço aqui, é que limpava, morava aqui. É do meu sogro essa chácara aqui. Depois ele mudou lá pro outro lado, pro Cubatãozinho, ficou a chácara aqui. Depois ele criou os filho lá e um dos filho(s) dele veio morar aqui, o meu marido, e::: ele morreu com oitenta e poucos anos já, e eu fiquei aqui, assim e ainda tem essa bronca no meio aí, então::: aí eu disse: - não! **agora eu não quero mais** o que eu pedi! Eu disse pra eles, por que ta tudo plantadinho. E o que eu posso fazer, eu vou fazendo de vagarinho. (L56-62)

Nesse recorte, a informante relata uma espécie de desentendimento entre sua família e uma empresa interessada em comprar a propriedade em que viviam. Em “**agora eu não quero mais**”, estabelece-se relação entre o tempo passado (quando a proposta foi feita) e o tempo presente. No entanto, **agora** parece vincular-se ao plano do enunciado quando retoma, como um todo, o histórico relacionado ao desentendimento com a empresa. Há novamente a introdução de discurso direto no interior de uma narrativa. Uma tradução possível seria “depois de tudo o que aconteceu (histórico de desentendimento) eu não quero mais”. Nesse caso, **agora** não estabelece somente relação com a forma verbal *querer*, como em “não quero mais **agora**”, “não quero mais nesse momento”, mas relaciona-se discursivamente com um tópico anterior, sintetizando-o e justificando sua atual posição diante do caso. Assim, observa-se que não se trata somente de uma relação de causa e

⁵³ Souza Júnior (2005) atestou relações de causa e consequência estabelecidas por **agora**.

⁵⁴ O nome da empresa foi retirado do recorte por motivos éticos.

consequência, conforme anunciado por Souza Júnior (2005), mas também da introdução de comentário que anuncia um discurso direto, ou uma voz superior, que justifica suas ações.

3.1.4 Síntese das análises

Conforme analisado neste tópico, ao contarem suas histórias, as informantes manifestaram de maneira espontânea, em numerosas ocorrências de enunciados, fluxo informacional em que ora retomavam o tempo passado, ora o fixavam no presente. Nos trechos de narrativas, principalmente os que consideravam o tempo passado não imediato e que evocavam a memória, **agora** passou a figurar no discurso como uma espécie de auxiliar desse movimento passado-presente.

Os casos em que **agora** realiza retomadas de porções anteriores e funciona como elemento de oposição ou de comparação já haviam sido analisados de maneira semelhante por autores como Schiffrin (1987), Risso (2002) e Gryner (2008). Autores como Ilari (2007) e Neves (2008) já acenavam para as funções de retomada no âmbito textual desempenhadas por circunstanciais de tempo. Contudo, a função de modificador observada no tópico 3.1.2.4 *Atuação do elemento agora sobre a significação de formas nominais*, apesar de aceita por Vilela e Koch (2001), parece ainda não ter sido amplamente discutida pela literatura. Nas ocorrências **agora pouco**, **agora de pouco**, **segunda-feira agora**, **agora pro natal** e **esse de agora** observa-se a função do dêitico temporal que ancora o enunciado no presente, contudo não existe aí relação explícita com a forma verbal presente no enunciado, como indicado nas análises. Nesse caso, a forma adverbial sofre certo esvaziamento, vez que não atribui circunstância ao verbo, mas modifica outros elementos como, por exemplo, um pronome, como é o caso de “esse de **agora**”. As ocorrências apresentadas em 3.1.2.4 indicam se tratar de um elemento capaz de atribuir significação que vai além da função adverbial, atuando sobre elementos nominais e exercendo funções de retomada e antecipação de porções textuais. Conforme se demonstrou nas análises deste tópico, apesar de não terem sido encontradas na literatura ocorrências semelhantes, os *corpora* do NURC, citados acima, indicam que construções como essas são comuns na língua em uso, e não podem ser consideradas como marcas da fala local. O fato de essas ocorrências

serem semelhantes aos usos de **agora** em ambientes urbanos escolarizados indica que esse fenômeno pode fazer parte do *continuum* da língua.

Observamos ainda que, mesmo se tratando de elementos que desencadeiam relações temporais no âmbito do enunciado, **agora** desempenha funções múltiplas bastante diferenciadas daquelas propostas pelas gramáticas tradicionais. Nas análises apresentadas anteriormente, mesmo que esse elemento não se enquadre nos pressupostos aventados pelo referencial teórico como sendo um marcador discursivo, certamente opera, no âmbito textual, como um articulador do discurso do qual o falante lança mão para a organização do fluxo textual, pois, de acordo com Schiffrin (1987), o aspecto dêitico do advérbio **agora** influencia no desdobramento de seu uso em diversos planos discursivos.

Os traços definidores dos MDs apresentados por Schiffrin (1987), Fraser (1999) e Risso, Silva e Urbano (1996) indicam que, para ser considerado um marcador discursivo, o elemento em análise não deve estar atrelado sintaticamente ao escopo da oração. Os recortes apresentados, portanto, não se enquadram nessa categoria, contudo, nesses casos, **agora** exerce função articuladora, o que indica sua atuação além do escopo do enunciado, pois desempenham função de amarramento textual. Conforme Ilari (2007), a atuação dos dêiticos temporais com função discursiva no texto oral-dialogado demonstra certa regularidade, que “contradiz a crença de que a língua falada é anárquica, opondo-se a uma língua escrita perfeitamente regrada” (ILARI, 2007, p. 170). Nos exemplos analisados, **agora** atua como organizador do discurso, pontualizando a fala e oferecendo movimentação temporal ao que está sendo dito. Ao lançar mão desses artifícios, o falante garante a compreensão do ouvinte, uma vez que situa seu discurso ora no tempo passado, ora no tempo presente. Além disso, esse elemento pode aparecer como caracterizador de uma forma nominal ou ainda como articulador sequencial.

No contexto das análises, verificamos também que o elemento **agora**, em conjunto com outros os operadores argumentativos (*só que* e *mas*), realiza funções que parecem estar se cristalizando na língua falada, pois construções como **só que agora** apareceram em atuação conjunta como articuladores de texto e introdutores de argumento contrastivo superior. Aparece também em atuação conjunta com a forma verbal **era**, indicando relação que ocorre em trechos narrativos como movimentação entre passado e presente, em que *era* atua como representativo de *antes*. Em relação às questões fóricas, **agora** estabelece referência temporal que se

estende para além do momento da enunciação e atua inclusive como elemento juntivo, pois é capaz de conectar ou até mesmo sintetizar porções textuais anteriores. As funções de comparação e relações de causa e consequência também foram confirmadas em conjunto com a função de introdutor de discurso direto.

O fato de terem sido observadas ocorrências em que o elemento **agora** atua, nesse contexto específico, de formas semelhantes aos usos verificados em contextos urbanos mais escolarizados acena para a possibilidade de que, no rol da língua, existem transformações sofridas pelos itens linguísticos que se dão não somente de forma isolada, mas que são figurativos do português brasileiro em si. Nesse caso, um contexto isolado, em que eram esperados fenômenos distintos do contexto urbano, o elemento *agora* atua de formas bastante semelhantes.

3.2 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DE **AGORA** COMO MARCADOR DISCURSIVO

De acordo com Risso (2002, p. 38), quando atuante como operador da coesão do âmbito textual, **agora** “particulariza-se por sua condição de elemento não integrante da estrutura sentencial”, e mesmo que mantenha a posição contígua à sentença, quase sempre se antecipando a ela, assume independência sintática em relação a seus componentes. “Mais que isso, não a tem em geral como escopo, uma vez que a atuação se exerce relativamente a unidades discursivas quase sempre de âmbito mais abrangente: tópicos e segmentos de tópicos” (RISSO, 2002, p. 38). Tendo isso em vista, analisamos, nesta parte da tese, as ocorrências de **agora** como elemento que não respondeu positivamente aos testes propostos na metodologia de análise como dêiticos temporais, ou seja, não são parafraseáveis por outros marcadores temporais e não são passíveis de resposta diante de *quando*.

3.2.1 **Agora** como MD de contraste

Em suas análises de *now*, Schiffrin (1987, p. 263) indica que “now marks a speaker's progression through discourse time by displaying attention to an upcoming

idea unit, orientation, and/or participation framework”⁵⁵. Para a autora, além de atuar como marca de progressão no discurso, *now* estabelece relações de comparação e ainda introduz informações em uma lista de argumentos.

Recorte 32/ Inf 5

I - daí pra fazer essa casa de aula, nós carregava de telha em telha, nós de telha em telha, né, as crianças pra fazer, a sala de aula. Por que o governo deu né, e o professor puxava com nois. Era de telha em telha, de tábua em tábua, e o eternite mesmo é os homem que puxava, puxemo, foi assim. Essa foi a aula, então eu fui até o segundo ano, graças a Deus, que eu canto na igreja, eu leio qualquer coisa, **agora** o estudo estrangeiro (risos) aquele, como é que diz? (L17-19)

No recorte 32, verifica-se que a informante discorre sobre seu passado e destaca que é capaz de ler “qualquer coisa”, pois frequentou a escola “até o segundo ano”. Contudo, o enunciado introduzido por **agora** estabelece oposição relativa ao que vinha sendo dito. Uma leitura possível seria: “é capaz de ler qualquer coisa” *versus* “não é capaz de ler em língua estrangeira”. Nesse caso, o elemento em destaque não indica relação temporal alguma, pois não é parafraseável pela forma *atualmente*. A economia linguística inerente à fala fez com que a forma verbal ficasse elíptica, portanto, uma tradução mais formal seria: “eu leio qualquer coisa” *versus* “eu não leio em língua estrangeira”. Assim, temos: “**agora** a língua estrangeira eu não leio”. Nesse caso, apesar da presença do verbo, **agora** não parece funcionar no plano da sentença, pois uma construção como “*atualmente* eu não leio em língua estrangeira” não seria uma interpretação possível do que foi dito pela informante, já que não ler em língua estrangeira não é apenas uma condição atual e sim uma condição permanente. Dessa forma, entendemos que **agora** executa a função, não de dêitico temporal, e sim de marcador discursivo de oposição, pois indica, na cadeia discursiva, que o que vem a seguir deve ser compreendido em sentido oposto ao que vinha sendo dito. Nesse caso, a multifuncionalidade desse MD fica explícita, uma vez que trabalha tanto como componente ideacional, quando promove a articulação dos segmentos do discurso com os nexos coesivos, e também como componente pragmático, pois promove a

⁵⁵ “Agora marca a progressão de um interlocutor através do tempo de discurso, chamando a atenção para uma próxima unidade de ideia, orientação e/ou estrutura de participação” (SCHIFFRIN, 1987, p. 263, tradução nossa).

orientação da interação (RISSO; SILVA; URBANO, 1996). O recorte a seguir é também ilustrativo desse fenômeno:

Recorte 33/ Inf 2

D - Nesse tempo, antigamente, que a senhora começou a ter os seus filhos e ta, a senhora conhece outras pessoas que são desse tempo, que estavam aqui nesse período?

I – que moraram nesse período?

D - pessoas que moraram, que ajudaram::: que são, como é que eu vou dizer::: que são nascidos aqui que foram criados aqui?

I – que nunca saíram daqui?

D - é

I – tem::: tem, tem, aqui tem uma porção, tem a N. né, a N. é uma das mais véia, também. A::: qual é a outra? Tem os M. né, Filha – os M. lá em cima

I – são nascido e criado aqui, eu saí muito, eu vim com dezesseis anos, até essa data eu não posso contar, **agora** dali pra cá sim, que eu casei né. Ahh::: qual é mais aqui o::: ((ruído)). (L 57-63)

Nesse recorte, a informante responde ao questionamento da pesquisadora acerca de seu conhecimento sobre as pessoas que habitavam a região no passado, se possuía conhecidos que moravam na região e que ainda fossem moradores. Quando indica “nascido e criado aqui, eu saí muito:::, eu vim com dezesseis anos, até essa data eu não posso contar”, a informante faz a ressalva de que, por um período de tempo, não teve informações sobre os moradores da região, já que havia se mudado. Introduce então a ressalva que explica o fato pelo qual não pode descrever como era a região naquele período, pois saiu da localidade muito jovem e só voltou aos dezessete anos, por isso afirma que “até essa data eu não posso contar”. Já o trecho “**agora** dali pra cá sim, que eu casei” se opõe aos anteriores, no momento em que a informante indica, por meio desse elemento, a interpretação desejada ao que será dito a seguir, oposta ao que vinha sendo dito antes. Nesse sentido, **agora** não só estabelece relação coesiva contrastiva com os enunciados anteriores, como também auxilia na progressão textual, indicando o modo como a assertiva seguinte deve ser interpretada e ainda introduz novo tópico à conversa, que explicaria o motivo pelo qual ela não saberia explicar o que foi perguntado. Essa ressalva, como uma espécie de comentário ou alerta ao ouvinte, é inserida no conteúdo proposicional. A informação nova “**agora** dali pra cá sim, que eu casei” foi inserida na narrativa como explicação, ou seja, a Informante justifica sua volta à localidade a partir de seu casamento. Esse comentário é iniciado pelo MD não

aleatoriamente, mas sim com o objetivo de organizar a fala e chamar a atenção do ouvinte para uma informação nova que, por sua vez, direciona a compreensão do texto por meio de uma quebra de continuidade. A maneira como isso ocorre é tratada por autores como Schiffrin (1987), Risso, Silva e Urbano (1996) e Risso (1999; 2002) em termos de topicalização. Risso (2002) estabelece, para suas análises, a categorização de **agora** como um articulador da estruturação tópica e subdivide as ocorrências desse elemento em dois grandes grupos: a abertura de tópicos (articulação intertópica) e o encaminhamento (articulação intratópica).

3.2.2 Articulação intertópica

Na articulação intertópica, “**agora** demarca concretamente a mudança de centração, que dá origem a um tópico novo” (RISSO, 2001, p. 39). Para a autora, essa abertura sinaliza a associação desse tópico “com o outro precedente, adjacente ou não no fluxo discursivo” (RISSO, 2002, p. 39). A articulação intertópica, conforme orientação de Risso (2002, p. 40), ocorre quando o falante introduz informações novas, exteriores ao tópico em pauta. Schiffrin (1987) denomina tal relação como sendo lista de argumentos, em que o falante introduz, a cada novo tópico, elementos diferentes daqueles que vinham sendo apresentados até então. É o caso do que pode ser observado no recorte a seguir:

Recorte 34/ Inf 5

D - eu quero saber como que era as estradas aqui na época, com que vocês iam pra::: se vocês iam bastante pra Garuva, se vocês iam pra Guaratuba.

I – na:::ao irmã, é caminho, caminho de ir pra roça do arroz, caminho de ir pra roça da rama, caminho pra ir pra roça do::: do milho, porque olhe, milho, arroz, rama... o milho raleado dá pra plantar junto com o aipim né, porque ele abafa, judia muito, e::: o milho dá, mas o arroz não pode plantar junto. Então eu não sei irmã, mas o pai, quando era pra ir colher quando tava maduro, o pai dizia: hoje eu vou abrir o caminho do da roça de milho, amanhã eu vou abrir o caminho da roça do arroz. Só que o milho semeia, e o arroz também né. Só que **agora** mudou né irmã, tem outro tipo de plantação, que tem arroz entremeio e milho de entremeio, **agora** o feijão é o mais ligeiro irmã, a irmã pode por... é três mês o feijão. O feijão é ligeiro (L412-415)

Nesse recorte, a Informante descreve as formas de cultivo e seu conhecimento sobre cada uma delas. O trecho em análise é o seguinte:

Recorte 35/ Inf 5

Só que agora mudou né irmã, tem outro tipo de plantação, que tem arroz entremeio e milho de entremeio, **agora** o feijão é o mais ligeiro irmã, a irmã pode por, é três mês o feijão. O feijão é ligeiro (L412)

No Recorte 37, após apresentar lista de cultivos, a informante inicia novo tópico, em que introduz *feijão* como elemento diferenciado dos demais que vinham sendo descritos até então. Temos aí um exemplo de relação intertópica, uma vez que o elemento *feijão* é introduzido de maneira a demarcar mudança de centração do tópico. Schiffrin (1987, p.72) comenta que **agora** auxilia a progressão do falante na cadeia discursiva temporal: “a discourse which is comprised of a cumulative series of subtopics”⁵⁶. Para a autora, um mesmo tópico pode se desenvolver em unidades subordinadas. Nesse caso, listas descritivas, de acordo com a autora, adicionam e acumulam informações mais específicas a um tópico mais geral; trata-se de uma progressão ideacional. No recorte em análise, o tópico mais geral seria o cultivo de alimentos, em que são agrupadas em uma lista as espécies cuja forma de plantio é detalhada pela informante (milho, arroz e aipim). Ao introduzir o tópico “**agora** o feijão é mais ligeiro”, a informante não só acrescenta um novo elemento à lista, mas estabelece uma espécie de classificação dos dois grupos. Ao avaliar *feijão* como sendo *mais ligeiro*, conseqüentemente avalia as culturas anteriores como sendo *menos ligeiras*, isso porque esse tópico foi introduzido em oposição ao anterior. Os recortes 38 e 39 ilustram também essa condição:

Recorte 36/ Inf 2

P - e quando a senhora era criança, ou seus pais, ou seus avós, ou as pessoas que moravam perto da senhora, que língua eles falavam?

I – é a mesma língua, era tudo uma língua só.

D - tudo a mesma língua,

I – tudo uma língua só. Os falecido meus avô, o pai da minha mãe era lá de São José dos Pinhais, pra lá da, como é que é o nome do lugar? Pra Tijucas do Sul, lá, era de lá né, **agora** minha mãe não, a minha mãe nasceu aqui em Guaratuba, as família dela que era as fundadora de Guaratuba. (L100 -109)

⁵⁶ “Discurso que é composto de uma série cumulativa de subtópicos” (SCHIFFRIN, 1987, p. 72, tradução nossa).

No Recorte 36, o tópico principal da conversa ocorre em torno das origens de sua família “Os falecido meus avô, o pai da minha mãe era lá de São José dos Pinhais, pra lá da, como é que é o nome do lugar? Pra Tijucas do Sul, lá, era de lá né”. Dando continuidade ao assunto, introduz elemento oposto quando assinala “**agora** minha mãe não, a minha mãe nasceu aqui em Guaratuba”. Na evolução do foco de centração, conforme Risso (2002), **agora** atua como conector intertópico, abrindo espaço para um novo referente com força de contraste relativo aos dados expostos anteriormente. De acordo com a autora, uma característica inerente à atuação de **agora** na articulação intertópica “é a sua aplicação na medição discursiva de uma mudança de perspectiva do locutor em relação aos dados referenciados dentro de uma unidade tópica” (RISSO, 2001, p. 48). Existiria, conforme Risso (2002, p. 48), uma tendência para o marcador “introduzir uma mudança de perspectiva do locutor relativamente à informação que é dada por ele próprio em momento anterior ao discurso”.

Recorte 37/ Inf 8

D - a avó também é daqui, também é nascida aqui?

I – não, meu avô da minha mãe, o pai da minha mãe era de Bahia,

D - ah, era da Bahia.

I – é:: mas **agora** os tronco mais velho assim eu não cunhici. (L43-44)

O Recorte 37 é bastante semelhante ao 36, em que a informante revela seu desconhecimento em relação aos seus familiares mais antigos. Nesse caso, “mas **agora** os tronco mais velho eu não cunhici”, tem-se um enunciado introduzido por *mas*, que já realizaria oposição ao trecho anterior, contudo, **agora** reforça essa oposição. Esse caso se diferencia daqueles analisados em 3.1.2, pois, aqui, **agora** não pode ser substituído por *hoje* e não marca tempo presente, conforme se observa na paráfrase “mas *hoje* os tronco mais velho eu não cunhici”. Esse é um caso em que a marca temporal é falseada, já que a interpretação de que ela desconhece “os tronco mais velho” *atualmente* não é possível, isso porque não conhecer, nesse caso, é uma circunstância permanente. Ela nunca conheceu. Portanto, nesse caso, **agora** é notadamente um marcador discursivo que opõe o enunciado aos anteriores, assim, tem-se “meu avô da minha mãe, o pai da minha mãe era de Bahia” em oposição a “troncos mais velhos eu não cunhici”.

Recorte 38/ Inf 4

D - e como que eram as coisas naquele tempo...

E – é::: naquele tempo era muito sofrido, a gente tinha que trabalhar, tudo a vida na roça, ainda trabalha na roça, e aquele tempo as coisa que a gente fazia não tinha valor, ia pra Guaratuba e voltava. Negócio de farinha, de banana. **Agora hoje não**, a pessoa tem qualquer coisa, sai tudo né, tem por aqui , banana, sai tudo. Agora nois já tamo de idade, cansado, meu marido já ta com::; vai fazer oitenta anos em fevereiro, agora a gente já quase pouco trabalha. Nós ainda trabalhamos em roça, mas só que como de primeiro não. Foi muito sofrida a vida aqui sim.(L43-47)

Nesse trecho, há mudança de contração do tópico, pois a informante narra as dificuldades do tempo passado para, a seguir, introduzir informações relativas ao tempo presente, que ela julga serem mais positivas. A coocorrência de **agora** e **hoje** demonstra mais claramente a distinção entre marcador discursivo e dêitico temporal, já que, ao coexistir com **hoje**, **agora** não marca temporalidade, função exercida por **hoje**. Dessa forma, **agora** atua exclusivamente no plano do discurso, fornecendo-lhe sequencialização e introduzindo elemento contrário ao que vinha sendo dito, manifestando mudança de orientação do tópico.

Os Recortes 41 e 42 também são ilustrativos da abertura de um novo tópico que se contrapõe aos anteriores, funcionando como uma espécie de redirecionamento do fluxo textual:

Recorte 39/ Inf 7

D - e quantos filhos a senhora teve?

I – com ele? É::: tive dez,

D - dez filhos?! e tao tudo por ai os filhos?

I – não, tenho só três agora, tudo falecido, aham, só três. Temos dois piá e uma menina,

D - e quantos anos tem os filhos?

I – pois aí eu nem sei,

D - mas são novo

I – são tudo casado

D - tudo casado

I - tudo casado, ai a gente ta aqui, **agora** esse de agora é o segundo casamento né, mas to vivendo bem graças a Deus, ele já, Deus mudou ele assim , o coração dele, ele ta bem, pessoa meiga **agora**, não é mais aquela pessoa ruim, tá tudo bem graças a Deus. (L101-111)

No Recorte 39, a informante relatava detalhes sobre sua vida familiar, seus filhos e seu casamento. Ao descrever o número de filhos e as particularidades de seus nascimentos, faz questão de introduzir novo tópico para relatar que,

atualmente, estava casada com outra pessoa, que não era o seu primeiro marido, pai de seus dez filhos. Na pergunta “e quantos filhos a senhora teve?”, a pesquisadora não trouxe para o tópico nenhum questionamento acerca do marido, pois o fato de a informante ser divorciada e estar no segundo casamento não havia ainda aparecido na conversa, tanto que a informante questiona “com ele?”. Isso demonstra que, apesar de o tópico da pergunta ter como tema questões relacionadas aos filhos, ela faz questão de acrescentar ao tópico o tema casamento. Assim, ao introduzir o tópico “**agora** esse de **agora** é o segundo casamento”, ela redireciona o fluxo do tópico, abrindo espaço para a informação de que ela havia se casado pela segunda vez. Esse caso se diferencia dos analisados anteriormente, pois, aparentemente, a informante faz questão de inserir uma informação que não lhe foi perguntada; talvez por uma espécie de lealdade ao atual marido, não quis deixá-lo de fora da conversa com o tema família. Nesse caso, o enunciado que **agora** introduz não é nenhum tipo de justificativa que se opõe aos tópicos anteriores, mas dessa vez acrescenta uma informação nova, que ela fez questão de revelar.

Nos casos analisados, a mudança de centração do tópico ocorre ainda de modo a retomar porções textuais anteriores. No Recorte 35, **agora o feijão** retoma por anáfora indireta, no caso por hiperonímia, o campo semântico das culturas citadas pela informante, representado por *plantação*. No recorte 36, “**agora** os falecido meu avô” retoma também por anáfora indireta o campo semântico de *família*, representado por “ou seus pais, ou seus avós”, presentes na pergunta. O mesmo caso é observado no Recorte 37, em que “os tronco mais velho eu não cunhici” retoma por hiponímia “avó”, presente na pergunta, e “meu avô pai da minha mãe”, no tópico seguinte. Nesse caso, “tronco mais velho” relaciona-se por anáfora indireta com esses elementos, já que acrescenta informação nova, que ao mesmo tempo se relaciona com porção anterior. No Recorte 38, **agora hoje não** retoma o campo semântico *naquele tempo*, presente na pergunta.

Nesses recortes, observamos que, ao retomarem o tópico da pergunta, as informantes demonstram organização do fluxo textual no sentido de sinalizar para o ouvinte que não haviam perdido de vista o que lhes foi perguntado, ao mesmo tempo em que funciona como uma espécie de planejamento para o que será dito a seguir, pois, ao retomar o tópico da pergunta e lembrar o assunto sobre o qual foram questionadas, preparam o que será dito na sequência. Tratam-se, portanto, de

casos de manutenção de tópico, pois, ao mesmo tempo em que introduzem informações novas (introdução de tópico novo), realizam a retomada da questão (manutenção do assunto do tópico). Dos casos analisados, somente o Recorte 39, no trecho **agora** esse *de agora*, não faz a retomada da pergunta, mas existe ainda a manutenção do tópico *família*, que faz parte, mesmo indiretamente, do tópico da pergunta. A manutenção do tópico pode ser inclusive indicativa de manutenção do turno de fala, já que, ao sinalizarem que não haviam perdido a pergunta de vista, demonstravam para o ouvinte a organização de sua fala e demonstravam que ainda não haviam terminado de falar.

No Recorte 40, o tópico é iniciado por **agora**:

Recorte 40/ Inf 1

D - a senhora nasceu aqui mesmo na região?

I – aqui. Nasci aqui, me criei no sitio. Tudo meus filho e meus neto aqui.

D - é:: e os pais da senhora eram nascidos aqui também?

I – **agora** meu pai, esse eu não me alembro bem, ((ruído)) de certo nasceu, por que quando eu nasci já tava aqui há um par... esse eu não posso contar pra senhora . eu conheci o finado meu pai ele já tava... me ajuntei, casei. Primeiro foi ele que morreu por primeiro, depois minha mãe morreu. Maria Paula, morreu com cento e quinze ano. (L22-26)

Esse trecho é indicativo de um tópico sendo iniciado por um elemento que se opõe ao tópico da pergunta. Ao ser questionada sobre o local de nascimento dos pais, a Informante se antecipa em dizer que desconhece detalhes sobre a vida do pai, que ela “não lembra bem” e “não pode contar”. Há nesse caso uma mudança de direção do fluxo textual, em que, apesar de a Informante manter o tópico da conversa, redireciona-o a um sentido contrário. A pergunta que antecede a questão do nascimento dos pais era “a senhora nasceu aqui mesmo na região?”. Nesse caso, **agora** parece retomar por anáfora indireta a resposta da Informante à primeira pergunta. Assim, “**agora** meu pai, esse eu não me lembro bem” se opõe ao tópico “nasci aqui, me criei no sitio”. O **agora** que inicia o tópico pode ser inclusive indicativo de tomada de turno, mas não de assalto ao turno, pois, depois de compreendida a pergunta, a Informante reconheceu que era sua vez de falar, e iniciou sua fala mudando a direção do tópico.

Nos trabalhos de Schiffrin (1987) e Risso (2002), há a indicação de que **agora** poderia atuar de maneira a iniciar um turno ou realizar a tomada de turno, e, diante

desse caso, tratar-se-ia de um marcador discursivo. Nas ocorrências analisadas no *corpus*, essa função não foi verificada, senão no caso do Recorte 40, em que a noção de tomada de turno parece frágil. Mas não houve indicação de casos em que as Informantes recorreram ao **agora** para tomar o turno de maneira mais marcada. Essa questão pode ser indicativa de que, em um contexto de entrevista, as informantes podem não ter sentido liberdade suficiente para realizar tomada de turno por inibição diante da entrevistadora. Por se tratar de senhoras com pouca ou nenhuma escolarização, não tomaram o turno para si, talvez temendo não estarem agindo corretamente diante de um contexto que não lhes era comum. Contudo, os aspectos de organização da fala são entendidos, por Schiffrin (1987), como pertencentes à categoria das relações intratópicas, conforme será descrito no tópico a seguir. Nesse sentido, é possível afirmar que um mesmo marcador é capaz de estabelecer relações intertópicas e intratópicas ao mesmo tempo.

3.2.3 Articulação intratópica

No caso do encaminhamento, ou articulação intratópica, **agora** estabelece

relação coesiva entre proposições integradas em um mesmo conjunto de referentes que formam um dado tópico. Essa relação local, pontualizada na estrutura interna de uma unidade tópica mínima e específica configura, pois, um processo de articulação intratópica (RISSO, 2002, p. 39).

Ou seja, a articulação intratópica ocorre no interior do próprio tópico em termos de comentários, ressalvas e indicações feitas pelo falante que dão pistas ao ouvinte a respeito da organização do tópico.

De acordo com Risso (2002, p. 40), elementos de articulação intratópicas são “conexões circunscritas ao âmbito de um tópico específico” que promovem na “estruturação interna o sequenciamento de proposições integradas num dado conjunto de referentes e centração”. Alguns aspectos particularizam esse sequenciamento de proposições na estrutura intratópica: possuem a função de levar adiante o desenvolvimento do tópico, e veicular uma relação de mudança de orientação dada pelo falante à informação em curso, ou ainda introduzir dado particular não suficiente para que se considere um novo tópico. Conforme Risso (2002), **agora** possui em seu escopo foco catafórico, que direciona a atenção do ouvinte para aquilo que será dito a seguir, mesmo que a informação tenha sido dada

em tempo anterior à fala. A movimentação de recuo e avanço no discurso é chamada por Marchuschi (1989) de bidirecionalidade, que seria característica inerente a alguns marcadores discursivos, uma vez que são capazes de fornecer pistas que ligam os enunciados ao que foi dito antes, e também podem direcionar um dado discurso para a interpretação desejada pelo falante. O Recorte 41 exemplifica essa noção.

Recorte 41/ Inf 4

D - e naquela época vocês saíam bastante daqui ou era mais difícil,
 I – ah saía só pra procurar recurso pros filho, único que nós saía, e alguma festa do Divino em Guaratuba, sempre a gente ia, mas agora a gente não, sai quando, o pai ajudou a comprar um carro para o meu filho, nós vai mais aqui em Guaratuba. Depois tem esse ônibus que a gente viajava, não tinha isso antes, a gente tinha que ir pra Guaratuba e voltar à remo. Depois conseguimos comprar um motor, aí melhorou. Só que agora tá bem mais melhor, pra nós melhorou. **Agora** sai daqui, só tem aquela ponte do Cubatão que de vez em quando enche. Agora pro natal, meu filho veio buscar nós, nós ficamos desde o meio dia até as três da tarde pra passar pra cá. O rio tava cheio, não conseguia passar. Aí eles vieram aqui, deixaram nós e se mandaram embora. Então fazer o que né, a gente já passou o que passou, é como diz você, agora tem que descansar. Mas você mora no Cubatão ali mesmo ainda ou não. (L103-107)

A conexão entre o enunciado introduzido por **agora** e o tópico da pergunta é feita por meio da retomada da forma verbal *sair*. Nesse caso, **agora** é o elemento que atua no campo pragmático, estabelecendo a movimentação, e a forma verbal *sair* atua no nível semântico. A manutenção do tópico é feita a partir de **agora**, quando esse elemento estabelece ligação com o supertópico anterior, que seria viajar ou não para Guaratuba. A informante narra as dificuldades enfrentadas por ela em tempos anteriores, contrapõe as dificuldades com as facilidades do tempo atual, tópico introduzido e articulado pela expressão *só que agora*. A partir disso, faz nova ressalva, indicando ao ouvinte que, apesar de o acesso às áreas urbanas ter melhorado, ainda são encontradas dificuldades, pois, naquela localidade, só existe uma ponte, que “de vez em quando enche” e impossibilita o deslocamento da população local.

Na análise do tópico como um todo, compreende-se que, em sua narrativa, a informante faz duas ressalvas, a primeira indicando a contraposição das dificuldades de antigamente com as facilidades do tempo atual, e outra, que se contrapõe ao tópico anterior “**Agora** sair daqui, só tem aquela ponte do Cubatão que de vez em

quando enche”, ou seja, apesar de julgar que o tempo presente trouxe facilidades, ainda existem dificuldades semelhantes ao tempo anterior, quando tudo era mais difícil. Dessa forma, **agora** não só altera o fluxo textual indicando ressalva, como introduz comentário da Informante sobre sua própria narrativa. Nessa ocorrência, **agora** sugere mudança de orientação ao que vinha sendo dito, e estabelece uma ressalva no interior do tópico. A frequência com que os falantes recorrem ao **agora** na estruturação de seu discurso, bem como a perturbação linear de um tópico pela interferência de “encaixes que o cindem em partes, é um dado revelador da consciência que o falante tem da estruturação tópica, e, portanto, da organização geral do fluxo de informações” (RISSO, 2001, p. 53).

Schiffrin (1987) argumenta que esse aspecto se relaciona ao componente pragmático indicativo da orientação ou perspectiva que o falante deseja atribuir a seu discurso. Isso ocorre porque o marcador **agora**, a exemplo do dêitico temporal, é egocentrado, pois focaliza aquilo que o falante dirá a seguir e estabelece uma espécie de avaliação que ele faz sobre o próprio discurso e a interpretação que ele gostaria que fosse feita. Essa avaliação ocorre no interior de um tópico e é relativa ao próprio tópico, portanto, é intratópica. Para Schiffrin (1987, p. 245), “the evaluative use of now is suggested by the speaker's orientation shift into an interpretation of own talk, and by the fact that the interpretive gloss is one which the speaker him/herself seems to prefer the hearer to adopt”⁵⁷.

Risso (2002, p. 40) argumenta que outro aspecto característico desse elemento na estruturação tópica “é a sua aplicação à diferenciação de movimentos do discurso de acordo com o modo como o falante manifesta sua relação com a informação que está sendo apresentada”. Para a autora, a organização das informações está relacionada ao componente pragmático do discurso, e é correspondente ao que Schiffrin (1987) chama de orientação, ou melhor, a perspectiva tomada pelo falante em relação ao seu próprio discurso. Conforme assinala, “a mudança de orientação pode acarretar, na configuração formal da fala, uma mudança de modos discursivos, oscilantes de declarativos a interrogativos, de narrativos a avaliativos, entre outras possibilidades” (RISSO, 2001, p. 43).

3.2.3.1 **Agora** mais modalização epistêmica

⁵⁷ “O uso avaliativo de agora é sugerido pela mudança de orientação do falante para uma interpretação da própria fala, e pelo fato de que o glosa interpretativa é aquele que o próprio falante parece preferir que o ouvinte adote” (SCHIFFRIN, 1987, p. 245, tradução nossa).

De acordo com Lyons (1977), as questões de modalização estão relacionadas ao conhecimento e às crenças ou às opiniões ao invés de considerarem os fatos. Os modalizadores epistêmicos seriam, de acordo com Koch (2000), aqueles elementos linguísticos ligados à produção do enunciado e que funcionam como indicadores das atitudes do locutor com relação ao seu discurso. Nos casos analisados neste tópico, são considerados representativos de modalização epistêmica as porções textuais “eu não sei ...se” e “a gente não sabe se”, como poderá ser verificado a seguir.

Nos recortes 42 ao 45, analisamos ocorrências em que **agora** introduz ressalva e avaliação do falante acerca de seu próprio discurso. Tal movimentação se dá em conjunto com formas pré-estabelecidas consideradas modalizadores epistêmicos.

Recorte 42/ Inf 5

I – E o meu vô, meu vô sa menina! Meu vô da parte do pai, da parte da mãe eu não conheci, era Alice Alvez e José Alvez, mas eu não conheci, esses um, um tinha saído da barriga da minha mãe quando ela morreu, e o meu vô, veio de pesca, o vô da mãe, veio de pesca, mandou ela assar um caranguejo, enquanto ela limpava o peixe, **agora eu não sei** menina **se** era ele que tava com problema no estômago, ou o caranguejo tinha comido uma erva brava. Ele comeu e morreu, não conheci meu vô, da parte da mãe, da parte da mãe, J. A., J. M. (L120-124)

Nesse tópico, a informante narra um fato passado em que descreve seu tronco familiar e a seguir narra a morte do avô. Contudo, dando-se conta de que não sabe ou não se lembra dos fatos com detalhes, reavalia sua própria fala na busca de orientar o ouvinte sobre qual perspectiva deve interpretar o que será dito. Isso pode ser observado no Recorte 44:

Recorte 42/ Inf 5

I - **agora eu não sei** menina **se** era ele que tava com problema no estômago, ou o caranguejo tinha comido uma erva brava. (L123)

O trecho iniciado por **agora** funciona como uma espécie de comentário acerca do que vinha sendo dito. Trata-se de um novo tópico indicativo que, deste ponto em diante, já não havia certeza a respeito da veracidade dos fatos. Depois de feita a ressalva, a narrativa segue abordando o tópico inicial: “Ele comeu e morreu, não conheci meu vô, da parte da mãe, da parte da mãe, J. A., J. M.”. Seria como se

a Informante se desculpassem por não fornecer todas as informações, e após isso retoma a narrativa. A mesma informante ainda utiliza-se dessa estratégia em outro trecho:

Recorte 43/ Inf 5

E – não, não. Como quando ia, quando eu ia pegava essa minha prima aqui foi ajudar eu remar, o pai bebia uns golinho né, quando::: o pai ele sabia menina de Deus! Quando tava bêbado, eu ia na frente, a Helena ia na frente e eu no meio, na canoa, e ele dirigia. Por que se não tiver sa menina! Tem um na proa e um na popa. **Agora não sei se é** a proa se é a popa, eu não estudei bem, eu não (L107-108)

Após repassar informações a respeito de seu passado, descrevendo as viagens de barco com o pai, a Informante introduz comentário no qual justifica seu desconhecimento sobre o assunto:

Recorte 43/ Inf 5

Agora não sei se é a proa se é a popa, eu não estudei bem, eu não [...]

Avalia seu próprio discurso, orientando o ouvinte a interpretar sua fala a partir da ressalva de que uma informação dada em sua narrativa pode estar equivocada. Ao mesmo tempo em que avalia o discurso e orienta a interpretação, **agora** auxilia a proteção da face da Informante, isso porque, estabelecida e justificada a ressalva, não há motivo para que o equívoco seja interpretado erroneamente e o falante receba qualquer espécie de julgamento por parte do ouvinte. No Recorte 46, estrutura semelhante também é observada:

Recorte 44/ Inf 2

I – é por que a gente, é::; falar mal a gente não pode, por que a gente conhece assim, tudo , tudo misturado né, **agora::: a gente não sabe** qual é o bom, qual é o ruim, porque pra mim, que diz, coisa, pra mim graças a Deus, é tudo bom, quer dizer que sempre tem um quê, o paranaense tem um quê, o Catarina tem outro, o nortista tem outro, né, é ansim, tudo sotaque dele. (L242-243)

O tópico da conversa que originou esse recorte se dava em termos de comparação entre o modo de falar dos moradores de Santa Catarina e do Paraná⁵⁸.

⁵⁸ À época da realização da entrevista, o roteiro ainda buscava geração de dados passíveis de análise a partir da linha teórica das Crenças e Atitudes Linguísticas.

No trecho “falar mal a gente não pode”, a informante se refere ao sotaque dos moradores de Santa Catarina. Esse trecho é novamente um indicativo de proteção da face, pois a Informante não deseja se comprometer com o que será dito. A seguir, introduz elemento que julga ser a diferença essencial entre os dois tipos de falares, pois, por ser paranaense, julga que os moradores de Santa Catarina falam “tudo misturado”. Todavia, ainda mantendo seu desejo de não comprometimento em avaliar positiva ou negativamente o tópico em questão, introduz o comentário: “**agora:::** a gente não sabe qual é o bom, qual é o ruim”. Esse tópico introduzido por **agora** demonstra a preocupação em não ser interpretada como uma pessoa que não tem apreço pelos catarinenses. Nesse caso, “a gente não sabe” se comporta de maneira bastante distinta do que foi apresentado anteriormente, em que *não saber* indicava não comprometimento com a veracidade dos fatos. No trecho em análise, “**agora:::a gente não sabe**”, o elemento *agora* indica orientação sobre de que maneira seu discurso como um todo deve ser interpretado. Outra questão a se ressaltar seria a pausa que a Informante faz logo depois da introdução de **agora**, indicada na transcrição por (:::). Percebemos que **agora** serviu inclusive para a reorganização da fala, uma pausa para que ela pensasse sobre o que diria de modo a escolher as palavras com cuidado para, enfim, não se comprometer negativamente com o que vinha sendo dito.

Nos três casos analisados, observamos uma estrutura semelhante: “**agora eu não sei** menina **se**”; “**agora eu não sei se** é”; e “**agora a gente não sabe** qual”, o que pode ser indicativo de expressão comum da língua falada. As expressões introduzidas por **agora**, nesses casos, indicam uma estrutura já pronta, à qual as informantes recorrem a fim de estabelecer ressalva ou comentário no interior de um tópico. Não se trata de uma casualidade, mas sim de expressão estabelecida anteriormente e disponível na cadeia discursiva para o uso dos falantes, tanto na situação em pauta, quanto em outros contextos, isso não somente no caso de falantes não cultos, mas podem ser usadas em situações menos formais por falantes cultos, a depender do contexto. O trecho “**agora eu não sei se**” introduz alternância ou possibilidade, pois, ao iniciar sua fala a partir dessa expressão, o falante alerta seu ouvinte de que o que será dito a seguir pode ter dúbia interpretação, ou ainda de que não tem certeza sobre aquilo que está sendo dito, ou seja, pode ser interpretado desta ou de outra forma. Tem-se aí uma expressão com valor condicional, em que as afirmações seguintes podem ou não ser tomadas como verdade.

No Recorte 45, a informante também introduz ressalva sobre o modo como gostaria que seu discurso fosse compreendido:

Recorte 45/ Inf 5

D - inglês

I – inglês não, inglês se eu ver escrito eu não sei, mas português né, que a gente diz eu sei. E outra coisa, pra nós viajar aqui nós ia remando, que o pai ainda não tinha condição de comprar. Nós ia remando, remando cedinho, **agora eu não lembro** quantas hora era, acho que era umas cinco horas. Nós chegava lá já o sol se pondo né. (L22-23)

Essa ocorrência se diferencia das demais, pois não segue a estrutura apresentada anteriormente, e sim “**agora eu não lembro**”. Essa ressalva foi introduzida pela Informante como forma de se abster de qualquer equívoco relativo à precisão de suas informações, realizando, dessa forma, a proteção da face.

3.2.3.2 *Agora e o silêncio significativo*

Os dois trechos selecionados que se apresentam a seguir merecem especial atenção no sentido de que sejam verificadas atribuições ao elemento em análise bastante diferenciadas das que foram mostradas até aqui. Tratam-se de dois casos em que a informante organiza novamente sua fala, estabelecendo uma espécie de ressalva no tópico comentário; apresentam ainda a avaliação e orientação sobre o que será dito a seguir, contudo, **agora** funciona tanto como um opositor da cadeia discursiva, como marcador de asserção negativa.

Recorte 48/ Inf 2

D - e tinha muita gente que morava aqui nesse tempo?

I – tinha, tinha bastante gente, mas a senhora sabe, ninguém se assujeitava né, porque **agora...**, vinha pessoa, coitados vinham de canoa, chegavam aqui não tem quem fizesse um almoço, não tem quem fizesse um café, né. O padre, o::: as diretora, (L317-318)

Novamente, a informante faz uso da ressalva invocada por **agora**, só que dessa vez utiliza-o juntamente com o silêncio para que a lacuna significativa seja preenchida pelo próprio ouvinte diante do contexto. Isso quer dizer que “antes ninguém se assujeitava, **agora** se assujeitam”. A oposição evocada por **agora** liga-se coesivamente em uma escala temporal com *antes*, elíptico no enunciado – não foi dito, mas o contexto dá conta de que o ouvinte complete a significação. Assim, a

oposição entre **agora** e *antes* atua no nível ideacional. Já o silêncio indicador de que a ressalva deve ser feita pelo próprio ouvinte atua no nível pragmático, pois fornece pistas para a maneira como o falante gostaria de ser interpretado. A mesma análise pode ser percebida no Recorte 34⁵⁹, já apresentado anteriormente. Observe-se:

Recorte 34/ Inf 2

eu leio qualquer coisa, **agora** o estudo estrangeiro (risos) aquele, como é que diz?

Nesse excerto, verificamos que a informante lança mão de estratégia para que o próprio ouvinte preencha as lacunas daquilo que não foi dito, que seria: afirma que aprendeu a ler e é capaz de ler qualquer coisa, a não ser o estudo estrangeiro. **Agora** introduz ressalva e, ao mesmo tempo, é o marcador de negação, pois “não ter aprendido o estudo estrangeiro” ficou a cargo do ouvinte, contudo, esse foi direcionado a essa compreensão somente pelo uso do organizador do fluxo textual representado pelo **agora**. Nesses dois casos, na ausência de qualquer outra marca de negação, essa foi exercida exclusivamente por **agora**. Movimento semelhante pode ser verificado no recorte a seguir:

Recorte 47/ Inf 3

I - daí a gente como é triste quando é criança, a gente fazia carreirinho, na espiga inteirinha pra ficar (ruídos), e::; eu um saco ia num instantinho, esse é no meu tempo não é agora. **Agora** as crianças dela... já ela trabalha na roça quando dá tempo, por causa das crianças pequena. (L419-420)

No Recorte 49, o comentário “**Agora** as crianças dela...” assinala que os netos da Informante não realizam as mesmas tarefas indicadas no tópico “a gente fazia carreirinho, na espiga inteirinha pra ficar ((ruído)), e::: eu um saco ia num instantinho”. Portanto, **agora** anafórico do tópico anterior demarca uma comparação entre as crianças do passado (do meu tempo) e as crianças dos dias atuais (crianças dela⁶⁰). Essa ressalva se dá em termos bidirecionais, pois também é catafórica do tópico que segue: “já ela trabalha na roça quando dá tempo, por causa das crianças pequenas”. Assim, o tópico comentário introduzido por **agora** requer o

⁵⁹ Esse recorte já foi analisado, quando foram verificados outros aspectos diferentes dos que se destacam aqui.

⁶⁰ A Informante estava comentando anteriormente o comportamento de seus netos, em que “dela” refere-se à própria filha, que mora em sua casa.

preenchimento de lacunas semânticas que evocam “**agora** as crianças dela não trabalham”, relacionando-se anafórica e cataforicamente com dois tópicos do enunciado. Assim, a ressalva indicada por **agora** faz parte do plano de participação (pragmático), em que o elemento organiza o fluxo textual, bem como do plano ideacional, uma vez que se liga coesivamente a outros tópicos, conforme orientação de Schiffrin (1987).

3.2.3.3 Planejamento

As hesitações indicam, conforme Marcuschi (2003, p. 49), característica básica do texto falado e permite ao falante “introduzir no próprio discurso o processo de formulação prospectiva”. Nesse sentido, diz respeito a como se fala e não sobre o que se fala. De acordo com o autor, “a hesitação é, sobretudo, um fenômeno de processamento” (MARCUSCHI, 2003, p. 49). As pausas podem ser entendidas, dessa forma, como processo de planejamento para o que será dito a seguir. Observe-se o recorte ilustrativo desse fenômeno:

Recorte 48/ Inf 5

I - Não dava pra fazer o meu aposento, era tanto tropeço, tanto tropeço, inventavam que eu tinha cinco homem comigo, eu não sei quem, né, mas saiu...irmã, daí o irmão Paulo Araujo da batista, apareceu aquele anjo na minha vida, não cobrou.. agora pra mim fazer o de::: o de viúva, **agora:::** o de::: o de velhice, aí como eu tinha dinheiro no banco, emprestei, paguei as coisa, sabe o documento. E tem, só que eu não tenho tudo, mas a minha casa tava caindo, eu to fazendo essa aqui. Mas graças a Deus o governo, os homem, o prefeito, tudo os homem da lei, deus n é que mandou eles né irmã, a deus primeiro né irmã? A irmã é católica né? (L19-23)

A ocorrência de **agora** no Recorte 48 ilustra uso desse elemento como forma de planejar o que seria dito a seguir. O alongamento das vogais, marcado por (:::) indica que a Informante demorou-se um instante para concluir seu pensamento: “agora pra mim fazer o de::: o de viúva, **agora:::** o de::: o de velhice”. A hesitação marcada tanto em *de:::* quanto em **agora:::** mostram certa confusão relativa às informações que estavam sendo repassadas. Ao não demonstrar certeza sobre o que dizia, a Informante reorganiza sua fala a partir da pausa estabelecida por esses dois elementos. No tópico “Não dava pra fazer o meu aposento, era tanto tropeço, tanto tropeço, inventavam que eu tinha cinco homem comigo, eu não sei quem, né,

mas saiu”, a informante desejava relatar as dificuldades em se aposentar. Nesse caso, obteve ajuda e depois conseguiu seu aposento. No caso, seriam duas aposentadorias, a de viúva e a de velhice. Por inferência, entende-se que o aposento sobre o qual teve ajuda foi o de viúva. Então, a informante introduz novo tópico, repassando informações sobre uma nova forma de aposentadoria, mas se confunde ao nominá-la, por isso, após a hesitação e reorganização da fala, corrige-se e revela que se trata da aposentadoria relativa à velhice.

Recorte 49/ Inf 5

Eu pajeava a filha do professor, com seis anos, quando a menina chorava sabe o que eu fazia irmã, ela deixava, eu sabia da lata de açúcar da mãe, eu pegava um paninho, enrolava na chupeta e colocava na boca da menina, eles também iam pra roça. Mas irmã, eu acho que ele não existe irmã, porque eu tinha seis anos, e **agora::** não mas tem gente que passa dos cem né. O tio V., ali falou, meu primo mais minha prima que moram. (L399-401)

Recorte 50/ Inf 7

D – 67, nasceu em que ano? Lembra o ano?

I – **agora::** segunda feira agora eu faço 67. (L39-40)

No Recorte 49, “e **agora::** não” é outro caso claro de planejamento, em que o elemento em destaque foi utilizado não como forma de marcar tempo, pois a construção “eu tinha seis anos e agora não” seria bastante óbvia e desnecessária. Percebemos que **agora** não foi utilizado senão como artifício de planejamento da fala posterior. Isso pode ser observado também na primeira ocorrência de **agora** no Recorte 50, pois em “**agora::** segunda-feira agora”, a Informante parecia tentar se lembrar o dia da semana exato em que completaria 67 anos. Esses fenômenos prosódicos atuam como forma de organizar a fala, já que não há planejamento anterior, por isso, os falantes lançam mão de artifícios que possibilitem o entendimento dos significados pretendidos.

3.2.4 Síntese das análises

Verificamos, nos casos analisados, certo esvaziamento semântico, em que a noção como marcador de tempo é perdida, pelo menos em partes. Essa característica, de acordo com Risso (2002), é inerente a elementos dessa categoria.

Conforme argumenta a autora, “a perda da significação ‘lexical’ representa, na verdade, o apagamento da noção de circunstância cronológica do evento a que o advérbio se reporta, referenciando-o a enunciação” (RISSO, 2001, p. 53). O apagamento da localização temporal do fato enunciado na proposição, que pode ser certificado pela sua inadequação acusada em resposta às perguntas que referenciam tempo, como *quando?*, indicam que, nos enunciados analisados, qualquer tentativa de submeter esse marcador a um esquema de circunstanciação temporal pode falsear sua identidade de estruturador textual. Contudo, a autora acena para a possibilidade de que “a expressão de temporalidade que envolve a esfera do marcador deve ser situada em outra perspectiva: a do tempo do discurso” (RISSO, 2001, p. 53), característica definida no âmbito da estruturação do discurso, em que **agora** relaciona tópicos, oferecendo-lhes “sucessividade entre tópicos ou segmentos de tópicos e pela qual uma dessas unidades é entendida como subsequente a outra” (RISSO, 2001, p. 53). Assim, apesar de se tratar de um elemento que não representa marca temporal em si (quando se tratar de marcador discursivo), por manter seu traço de temporalidade, **agora** se apresenta como componente da ação verbal, oferecendo quebra de continuidade ou mesmo pontualização na cadeia discursiva. Trata-se de um artifício do qual os falantes lançam mão, a fim de resignificar sua fala, planejar o que será dito e orientar o ouvinte. Em conjunto modalizadores epistêmicos, **agora** iniciou ressalva que funcionou como estratégia de preservação da face em estrutura que parece estar se cristalizando como em “**agora** eu não sei se”.

As análises de **agora** como marcador discursivo confirmaram até o presente momento as hipóteses levantadas por Schiffrin (1987) e Risso (2002). Dessa forma, neste tópico foi possível visualizar que o elemento **agora** funciona como introdutor de um novo tópico, uma vez que acrescenta ao tópico corrente informações não relacionadas anteriormente. No interior dos tópicos, **agora** trabalha no sentido de redirecionar o fluxo textual, ora retomando o que foi dito anteriormente, ora carregando o enunciado para frente.

Verificamos que a relação opositora, já presente no dêitico temporal, mantém-se no marcador discursivo, contudo, nesse último caso, não opõe elementos somente numa escala temporal, mas inicia oposição entre dois tópicos e, dessa forma, atua como elemento articulador tanto intratópico quanto intertópico. Introduce elemento novo em uma lista de subtópicos e ainda é capaz de iniciar comentários de

tópico, estabelecendo ressalvas e sendo usado como estratégia de preservação da face. É utilizado ainda como organizador da fala e indica a orientação que o falante quer dar ao ouvinte. No interior de um mesmo tópico, apresenta a mudança de perspectiva do falante em relação ao seu próprio discurso. Diante dessas análises, confirma-se o que foi avaliado por Risso (2002, p.41), em que comenta que enquanto estruturador do discurso, **agora** é proativo, aponta sempre para frente, “direcionando para algo novo que está para ser informado”; reflete a instância da enunciação, uma vez que demonstra o envolvimento do falante com a estrutura ideacional e interpessoal, isso porque deixa à mostra “o processo de seleção feito pelo falante para construir, no próprio desenrolar da fala, o seu esquema de organização tópica” (RISSO, 2002, p.41), isso pode ser visualizado nos recortes em que a informante se utiliza de agora para a manutenção do tópico, retomando a pergunta ou o assunto dito anteriormente. **Agora** é egocentrado e mostra a posição do falante em relação ao que está sendo dito. A autora argumenta que os usos diversificados desse elemento não justificam se tratar de esvaziamento da significação, mas a ressonância da dêixis é acusada no plano do discurso. Afirma se tratar de um “instanciador pragmático da enunciação” que atua na organização do fluxo textual e no estabelecimento da coesão (RISSO, 2002, p.41). Nas análises verificaram-se as funções coesivas desempenhadas por esse marcador discursivo, uma vez que atuou na organização do fluxo textual, na cadeia pragmática, isso quando exerce funções de planejamento, por exemplo, de manutenção e sequenciação de tópicos e na retomada de elementos na cadeia discursiva e como artifício de proteção da face.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos a pesquisa tínhamos em vista a investigação científica voltada para as Crenças e Atitudes Linguísticas e, portanto, voltamos o olhar para a comunidade Cubatão, acreditando ser, naquele momento, um espaço profícuo para estudos linguísticos que consideram diferentes falares e analisam de que forma os habitantes de uma localidade avaliam sua própria língua e a língua do outro. Contudo, após iniciada a pesquisa, percebemos que apesar de se tratar de um espaço em que o falar rural se mistura com falares urbanos, sotaques e escolhas de léxico inerentes aos moradores do litoral bem como das cidades do interior de Santa Catarina, e ainda por se tratarem de pessoas com formação étnica variada, os dados coletados acenavam para outro tipo de investigação. A partir daí o foco da pesquisa passou a ser a língua falada e a organização do texto oral dialogado, isso porque se percebeu que as informantes utilizavam o elemento **agora** como organizador de sua fala. Assim, após da verificação das ocorrências de **agora** na fala das informantes, surgiu o interesse em verificar se esse fato seria capaz de caracterizar a fala local ou se se assemelhava aos usos desse elemento em outros contextos, como aqueles mais urbanizados e cultos. Por se tratarem mulheres idosas e pouco escolarizadas, as informantes tem pouco acesso a falares das áreas urbanas. E esse isolamento faz com que sejam limitados seus contatos linguísticos. Assim, acreditamos, à época, que, devida sua maneira de falar específica dos habitantes de zonas rurais, os usos de **agora** se distanciasse dos usos dos contextos urbanos.

Já determinado o *corpus* da pesquisa percebemos, nesse período que **agora** aparecia na fala das informantes exercendo múltiplas funções que destoavam daquelas propostas pelos estudos gramaticais mais tradicionalistas. Foi iniciada então a investigação de trabalhos que tinham **agora** como foco, para que, diante das ocorrências do corpus, fosse verificado se havia diferença significativa entre o que já foi pesquisado pela literatura e o que os dados da pesquisa demonstravam. Para tanto, fez-se necessário recorrer aos estudos da língua falada, bem como à Análise da Conversação e aos estudos sobre os marcadores discursivos.

Diante das análises da tese em comparação com dados verificados nas investigações acerca do elemento **agora**, citadas no início desta discussão, é possível afirmar que as categorias propostas por esses autores foram confirmadas

no *corpus* em análise. Contudo, algumas dessas noções foram até mesmo ampliadas. A partir das leituras que nortearam a análise do *corpus*, foi possível verificar que, mesmo em se tratando de um advérbio relacionado ao plano da sentença, **agora** exerce funções outras além daquelas indicadas pela gramática tradicional, como um modificador do verbo: **agora** possui em seu escopo, além da sua função prototípica, a característica de a) estabelecer movimentação ao discurso, uma vez que sempre evoca um *antes* na cadeia discursiva, portanto, relaciona-se no âmbito do enunciado e trabalha em favor da estruturação do discurso; b) é dêitico e possui característica fórica, pois é capaz de realizar retomadas tanto anafóricas quanto catafóricas, relacionando-se com porções anteriores, sintetizando-as ou ainda catafóricas, antecipando referentes; d) atua como âncora do tempo de referência, situando o enunciado em um presente mais ou menos recente; e) estabelece referência temporal que se estende para além do momento da enunciação; f) exerce funções de comparação entre enunciados em uma escala temporal; g) atua como articulador adversativo ou de contraste estabelecendo oposição entre passado e presente; e h) se comporta como uma espécie de elemento conclusivo, como em “a gente passou o que passou, **agora** tem que descansar”, ou ainda “**agora** eu não quero mais” e nesses casos, atua como articulador de relações causa/consequência.

Essas funções coincidem com o que já foi apresentado pelas investigações já publicadas e são indicativas de que esses usos não são capazes de caracterizar a fala local, mas são parte do processo de gramaticalização de **agora** que vem assumindo funções diferentes daquelas mais prototípicas, inerentes ao adverbial de tempo. Contudo, verificou-se que: i) **agora** atuou, na fala das informantes, como modificador de elementos nominais ou ainda sendo especificado por esses elementos, como é o caso de “**esse de agora**”, “**agora pro natal**” e “**segunda feira agora**”, por exemplo. Essa função não foi ainda discutida pela literatura, e a princípio acreditava-se que essa característica poderia ser uma marca da fala local. Contudo, em pesquisa não aprofundada nos corpora do NURC verificamos ocorrências bastante semelhantes, o que é indicativo que, também essa característica pode ser considerada como uma das funções que vem sendo assumidas e se cristalizando na estrutura da língua falada no país, tanto em contextos urbanos quanto no contexto específico estudado na tese.

Verificamos que a relação opositora, já presente no dêitico temporal, mantém-se no marcador discursivo, contudo, nesse último caso, não opõe elementos somente em uma escala temporal, mas inicia oposição entre dois tópicos e, dessa forma, atua como elemento articulador tanto intratópico quanto intertópico. **Agora** introduz elemento novo em uma lista de subtópicos e ainda é capaz de iniciar comentários de tópico, estabelecendo ressalvas e sendo usado como estratégia de preservação da face. É utilizado ainda como organizador da fala e indica a orientação que o falante quer dar ao ouvinte. No interior de um mesmo tópico, apresenta a mudança de perspectiva do falante em relação ao seu próprio discurso.

a) funciona como marcador de estruturação discursiva, proporcionando uma mudança de tópico ou de orientação discursiva, sinalizando uma progressão do falante no tempo do discurso; b) enquanto estruturador do discurso, **agora** é proativo, pois aponta para o que vem a seguir, indicando para o ouvinte que algo novo será informado; c) inicia ressalvas e comentários que atuam na cadeia pragmática; d) atua como dispositivo de reorganização textual quando acompanhado de alongamentos e pausas; e) é capaz de organizar a manutenção de um tópico, retomando porções anteriores; f) funciona como opositor na cadeia discursiva entre dois enunciados, não somente em uma noção passado presente, mas também entre quaisquer elementos opostos; g) **Agora** é egocentrado e mostra a posição do falante em relação ao que está sendo dito.

Em comparação com os estudos relativos às funções discursivas desempenhadas por **agora**, observamos que, no contexto estudado, as informantes, assim como em contextos mais escolarizados, fazem usos desses elementos para organizar sua fala. Entende-se dessa forma que, mesmo diante de seu isolamento, as informantes dispõem desse artifício linguístico a exemplo de falantes com escolarização superior e habitantes de grandes cidades brasileiras. Tal fenômeno é indicativo de que as funções assumidas por **agora** apresentadas na tese não são características isoladas da comunidade estudada, mas são parte de um fenômeno que vem se cristalizando nos usos de falantes brasileiros nos mais variados contextos. Essa questão comprova o processo de gramaticalização pelo qual o elemento **agora** vem passando, hipótese que já havia sido levantada pelas investigações já publicadas. O esvaziamento das noções temporais não ocorre por completo mesmo quando se trata do marcador discursivo, o que indica a manutenção das características desse elemento. Contudo, percebe-se que a função

adverbializadora não se mantém em todas as ocorrências, apesar de ser a função prototípica a mais recorrente nos recortes analisados.

A partir das leituras realizadas, é possível sinalizar para o fato de que esse elemento vem sofrendo o processo de gramaticalização, pois, ora mantém seu traço temporal e desempenha suas funções prototípicas, ora é utilizado pelo falante como artifício de organização e planejamento. O esvaziamento semântico que esse elemento tem sofrido gradualmente quando desempenha determinadas funções demonstra um fato da língua que não é isolado da parte social (contexto). Essas mudanças nos usos de **agora**, visíveis em um contexto considerado isolado, em que mulheres com pouca ou nenhuma escolarização fazem uso de um artifício também presente em grandes centros urbanos, demonstram que as funções assumidas por esse elemento não ocorrem isoladamente em contextos sociais distintos, mas é um fenômeno linguístico relativo à língua como um todo. Assim, independentemente de se tratarem de contextos urbanos escolarizados, ou uma área rural afastada, com informantes com pouca ou nenhuma escolarização, os usos de **agora** como articulador textual são bastante semelhantes. Percebemos, diante disso, que não se trata de um fenômeno de fala local, mas sim faz parte de um continuum linguístico que vem se cristalizando.

Diante do estudo do *corpus* ora apresentado, percebemos que o estudo de um item linguístico, como foi o caso de **agora**, pode revelar questões inerentes aos usos que os falantes fazem da língua e indicar o processo de mudança pelo qual um elemento linguístico passa ao longo do tempo, como é o caso do adverbial de tempo que vem sofrendo esvaziamento e assumindo múltiplas funções, dentre elas a de marcador discursivo ou ainda modificador de formas nominais. Essas transformações não ocorrem isoladamente, mas atingem usuários da língua como um todo, o que pode ser indicativo de um percurso natural percorrido por itens linguísticos.

Nossa experiência como pesquisadora teve também uma transformação significativa, já que o campo da descrição dos fenômenos linguísticos, apesar de ainda não explorado por nós, mostrou-se riquíssimo vez que tivemos a oportunidade de relacionar os conhecimentos teóricos com a língua em uso. A aproximação com as informantes e a verificação do *corpus* em a luz do referencial teórico fez com que nos distanciássemos da abstração dos conceitos e os vivenciássemos em um contexto de língua em uso.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo da relação do português com línguas de contato. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado].
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1989.
- BORTONI-RICARDO S.M. A análise do português em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística. In: S. Grosse K. Zimmermann. (Org.). **Substandard e mudança no português do Brasil**. Frankfurt – Alemanha: TFM, 1998, v. 1, p. 101-118.
- BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná. 219 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- BUSSE, S.; SELLA, A. F. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do Oeste do Paraná. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 77-93, jun. 2012.
- CÂMARA JR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- _____. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CASTILHO, A. T. **Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- _____. (org.). **Gramática do Português Falado**. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990. v. I.
- _____.; ILARI, R.; NEVES, M. H. M.; BASSO, R. M. O advérbio. In: CASTILHO, A. T. (org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**: classes de palavras e processos de construção [S.l: s.n.], 2008.
- _____. História do Projeto NURC/SP. In: PRETI, D.; URBANO, H. (orgs.), **O Português Culto Falado no Brasil**. 1990. p. 141-202.
- _____.; PRETI, D. (orgs.). **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo**. Materiais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, 1986. (Eloquções Formais, v. I). CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (orgs. 1987).
- _____. (2000). O modalizador realmente no português falado. Alfa (São Paulo), v. 44, p. 147-169.

_____. (1998). **A Língua Falada no Ensino do Português**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. A gramaticalização. **Revista de estudos linguísticos e literários**. Salvador: UFBA, p. 25-64. 1997.

CEREZOLI, J. **Educação e Linguagem**: A construção das identidades em sala de aula. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2009.

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2003.

CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas**: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antonio do Sudoeste. 259 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16202/1/Clarice%20Cristina%20Corbari.pdf>. Acesso em: 28 out. 2018.

CUNHA, C. Gramática da Língua Portuguesa. 12. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1976.

_____.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 454-456.

DIONÍSIO, A. P. A análise da Conversação. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística**. Domínios e fronteiras. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 1.

DUQUE, P. H. **O elemento "agora" sob o enfoque da gramaticalização**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FABRI, K. M. C. **O funcionamento textual-discursivo do já e do agora em diferentes tipos de textos orais e escritos da língua portuguesa**. 232 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. *In*: PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2003. p. 39-46.

FÁVERO, L. L.; AQUINO, Z. G. O. Textualização de produções orais formais – o caso da entrevista. *In*: KOCH, I. V.; BARROS, K. S. M. (orgs.). **Tópicos em Linguística de texto e análise da conversação**. EDUFRN: Natal, 1997. p. 67-72.

FERREIRA, M. **Comunidades rurais de Guaratuba Paraná**: os limites e as possibilidades da opção extrativista. 221 f. Tese (Doutorado em Agronomia – Produção Vegetal) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

FIGUEIREDO, F. C. **Uso do item "agora" na fala e escrita da cidade do Natal**. 51 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

FRASER, B. What are discourse markers? **Journal of Pragmatics**. p.931-952, 1999.

_____. Topic orientation markers. **Journal of Pragmatics**. p. 892-898, 2009.

GALEMBECK, P. T. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. *In*: PRETI, D. (org.) **O discurso oral culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 173-194. (Projetos Paralelos).

_____. O turno conversacional. *In*: PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. 6. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

GRYNER, H. A emergência das construções contrastivas introduzidas por agora. *In*: _____. **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

ILARI, R. A categoria advérbio na gramática do português falado. **Revista Alfa**. São Paulo, v. 51, p. 151-174, 2007.

ILARI, R. Introdução. *In*: CASTILHO, A. T.; NEVES, M. H. M. (orgs.) **Gramática do português culto falado no Brasil: Classes de palavras e processos de construção**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

JUBRAN, C. C. A. S. *et al.* A Perspectiva textual-interativa. *In*: **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2002.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico Discursivo. *In*: CASTILHO, A. T. (org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2006.

KOCH, I. G. V. Especificidade do texto falado. *In*: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**, Construção do texto falado. Campinas: Editora Unicamp, 2006. p. 39-46. v. 1.

_____. Argumentação e linguagem. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.

LIMA, A. P. **Agora: o funcionamento de um item linguístico**. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

LINS, M. P. P. Gramaticalização de agora. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, n. 1, p. 135-154, 2007.

LOPES, C. R. S. Tópicos de história do português pelo viés da gramaticalização. **Labor Histórico**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 2, p. 197-209, jul./dez. 2015.

LYONS, J. **Semântica**. Lisboa: Presença, 1977.

MARCUSCHI, L. A. Atividades de compreensão na interação verbal. *In*: PRETI, D. (org.) **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas, 1998.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, Curitiba, v. 56, p. 217-258, jul./dez. 2001.

_____. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).

MARTELOTTA, M. E. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma abordagem funcional**. 1993. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1993.

_____.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. *In*: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

NASCIMENTO, J. C. D. **Marcadores discursivos na norma oral popular de Fortaleza**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. Uma amostra do tratamento concedido às classes de palavras na tradição gramatical do português. **Confluência**, v. 39, p. 11-28, 2006.

_____. Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo. *In*: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado: os níveis de análise linguística**. Campinas: EDUNICAMP, 2008. p. 261-296. v. 2.

NURC, Projeto Norma Linguística Urbana Culta – RJ. Acesso em: 12/08/2019. <http://www.nurcj.lettras.ufrj.br/>

OLIVEIRA, M. J. **A multifuncionalidade do item agora através dos séculos: uma análise na fala e na escrita**. 219 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

PENHAVEL, E. **Marcadores discursivos e articulação tópica**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PERINI, M. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2005.

PRETI, D. (org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: FFLCH/Humanitas, 2002.

_____.; URBANO, H. (org.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. Entrevistas (Diálogos entre informante e documentador). São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, 1988.

REICHENBACH, H. The tenses of verbs. *In*: _____. (ed.). **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947. p. 287-298.

RIBEIRO, P. S. **A variação no uso dos marcadores explícitos e implícitos de contraste - mas, agora e zero - no português falado no Rio de Janeiro**. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores Discursivos: Traços definidores. *In*: KOCH, I. V. **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996. v. VI.

RISSO, M. S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. *In*: NEVES, M. H. M. **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1999. v. VII.

_____. "Agora... o que eu acho é o seguinte": um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. *In*: CASTILHO, A. T. (org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 2002. p. 31-60. v. III.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RODRIGUES, Â. C. S. Língua falada e língua escrita. *In*: PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 13-32.

RODRIGUES, F. C. D. **Prototipicidade e Estabilidade Funcional de AGORA**. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

_____. **Padrões de uso e Gramaticalização de "agora" e "então"**. 309 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1964.

SCHIFFRIN, D. **Discourse Markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. Discourse markers: language, meaning and context. *In*: _____.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (Eds.). **The handbook of discourse analysis**. Malden, MA: Blackwell, 2003. p. 54-75.

SILVA, E. C. **A Gramaticalização do item "Agora" no português brasileiro**. 156 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, L. A. Projeto NURC: Histórico. **Linha d'Água**. São Paulo, n. 10, p. 83-90, 1996.

SOUZA JÚNIOR, R. C. **A multifuncionalidade do item agora em tiras de quadrinhos**: da gramática ao discurso. 82 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

TARALLO, F. A. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2006.

TRAVAGLIA, L. C. **O verbo e a ordenação referencial de situações em diferentes tipos de textos**. Trabalho apresentado no IV Colóquio Internacional de Linguística Hispânica, 1993.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. *In*: PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. p. 81-101.

URBANO, H. Marcadores Discursivos Basicamente Interacionais. *In*: JUBRAN, C. S. (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 453-482.

VILELA, M.; KOCH, I. V. **Gramática da língua portuguesa**: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. Porto: Almedina, 2001.

VOTRE, S. J. Um paradigma para a lingüística funcional. *In*: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

Anexo 1 – recortes das ocorrências do elemento *agora*.

Identificação da ocorrência

Identificação do informante

Identificação da posição da linha na entrevista

Recorte do texto em que ocorre o elemento *agora*.

A	B	C	D
1	INF1	L48	D - a senhora que cuida dos netinhos? I – é.. que o pai dele trabalha né, D – aham... E vocês obedecem a vó? (dirigindo-se as crianças que brincavam) I – aquele ali é malvadinho, esse aqui ta na escola já do Cubatão, aquele lá o pai vai matricular <i>agora</i> .
2	INF1	L66	I – [...] graças a Deus o casamento foi tudo bem, tive quinze família, entre morto e vivo né, foi tudo bem, tinha... era menor, era tudo bom. O povo era tudo normal. Não era como <i>agora</i> , era tudo normal.
3	INF1	L68	Meu Deus, o povo daquele tempo era melhor do que <i>agora</i> , (inaudível) sobrinho com primo, meu Deus, naquele tempo era melhor, tem que dar parabéns pra aquele tempo,
4	INF2	L138	I – por que é::: com os estudo que ta <i>agora</i> né, a senhora não acha? Por que, por exemplo, uma pessoa que estuda aqui, se ele aprender quando ele vai pra fora ele já...
5	INF2	L130	I - é difícil, é porque aqui a escola... <i>agora</i> que ta entrando as escola, antes era só os professor daqui mesmo, aquele que sabia mais um pouquinho é que ensinava os mais analfabeto né,
6	INF2	L206	I –Norte do Paraná e o Cubatão pra mim, se não tirou, um lugar que planta-se de tudo, como é esse::: esse homem que foi, candidatou-se <i>agora</i> , ele achou bonito aqui, diz que ele gostou, disse: que terra rica! Tudo que por em cima dela dá.
7	INF2	L211	Ele ficou encantado, ele disse que vai comprar uma casa aqui (risos). Pois é o prefeito, esse que entrou <i>agora</i> de candidato ele, ta ali disse com o Vibra, diz que ta ali negociando com o Vibra,
8	INF2	L240	I – não sei, mas pelas coisas que eu vejo assim, parece que é o Catarina né, eles têm mais:::.... mais saliva né, D – mais saliva? I – (risos) é::: assim falam né, eu falo pelo dizer dos outros, porque eu também, <i>agora</i> pouco , faz pouco anos que eu me dou com os Catarina, é porque também não conhecia, então a coisa deles assim, não é pra dizer que Catarina seja gente ruim, gente coisa, não, só um pouquinho da diferença deles é a fala,
9	INF2	L275	I – com dezesseis anos eu vim de lá, cheguei aqui casei, casei com meus própria gente, e aqui estou, fiquei, viúva, criei meus sete filhos, tão tudo casado, <i>agora</i> eu moro sozinha com um que é::: (Filha) – solteiro
10	INF2		D – e tinha muita gente que morava aqui nesse tempo? I – tinha, tinha bastante gente, mas a senhora sabe, ninguém se assujeitava né, porque <i>agora</i> , vinha pessoa, coitados vinham de canoa, chegavam aqui não tem quem fizesse um almoço, não tem quem fizesse um café, né.
	INF2	L348	E – gosto, e o que a gente por na terra vem mulher. A é, como é::: a

			saúde. A saúde toda vida eu que cozinhei pra eles. Ah::: mas estranharam não é Noeli, <i>agora</i> os coitado andam se batendo, não tem nem aonde comer, porque nós, como diz, eles vinham, ficavam na minha casa.
11	INF2	L353	I - Se eles viessem uma hora, viessem duas hora a comidinha tava quente, no fogãozinho a lenha né, e iam lá pra Limeira, vinham, era assim. Quer dizer que a gente tratava bem né, e <i>agora</i> não, os coitado andam se batendo, não tem onde parar.
12	INF3	L23	E – Minha mãe era da família do Cubatão, era dos Cordeiro ela. O seu Mané Cordeiro ali, ele era meu tio, era tio da minha mãe. Ele era guarda da TELEGRA aqui. Até eu tenho aqui uma lembrança do tempo da TELEGRA, uma moeda, do tempo que eles (es)tavam aqui. Então::: aqui era um picadão direto da TELEGRA. Santa Catarina a Morretes , no meu tempo né. Dai eu mudei mais pra cá, e fiquei morando mais pra cá, aqui no Canavieira aqui. Esse rio aqui é o Canavieira, é::: <i>agora</i> de pouco tempo entrou a firma da Copel aqui, e daí ó, a terra é do Estado, mas eles que tão cuidando, meteram a máquina, pegaram um guarda e cortaram tudo a estrada, lá do rio do pasto, cortaram a estrada, picotearam, fizeram furnas, tudo isso aí ó, pra ninguém passar.
13	INF3	L34	I- Nós saía aqui e gastava três horas pra ir daqui até lá no rio sagrado, é perto da BR lá, e hoje você faz oito horas pra lá, isso aqui é um crime, eu falei, e (es)tá tudo tapadinho aí por debaixo do pano. <i>Daí agora</i> de pouco tempo, uns quarenta anos pra cá, eles entraram e começaram a me perseguir aqui, lutando, lutando, lutando e sempre reinando comigo.
14	INF3	L42	I- Aí::: a não, não tinham dinheiro pra pagar, não tinham casa pra dar, onde morar, não tinham parte nenhuma. Então me deixem no meu canto! Eu falei pra ela, o advogado deles. Eu falei ó::: me deixa no meu canto, eu não to mexendo com vocês, vocês que tão mexendo comigo! ficou, ficou, ficou, (es)tá até agora. Só que no fórum, eles, chamou a advogada deles e disse que eles não podiam me tirar daqui, e eu não podia também fazer nada aqui. Como e que eu vou viver num lugar que eu to morando há tantos anos sem poder fazer nada?
15	INF3	L56	I – Dai essa chácara aqui é uma chácara antiga do tempo da TELEGRA. Aqui que eu to falando pra você. O meu sogro que limpava o traço aqui, é que limpava, morava aqui. É do meu sogro essa chácara aqui. Depois ele mudou lá pro outro lado, pro Cubatãozinho, ficou a chácara aqui. Adepois ele criou os filho lá e um dos filho(s) dele veio morar aqui, o meu marido, e::: ele morreu com oitenta e poucos anos já, e eu fiquei aqui, assim e ainda tem essa bronca no meio aí, então::: aí eu disse: não! <i>agora</i> eu não quero mais o que eu pedi! Eu disse pra eles, por que ta tudo plantadinho. E o que eu posso fazer, eu vou fazendo de vagarinho.
16	INF3	L93	D – e a senhora tem saudade do que daquela época? I – ah::: tenho saudade de tudo, era mais Ca::: não tinha o que tem hoje, mas <i>agora</i> pouco ainda falei com meu genro aqui, olha: eu sinto muito do tempo que nós era aqui, da vizinhança, mais velho! Ninguém tinha nada, mas ninguém incomodava-se com ninguém.
17	INF3	L93	D – e agora o que tem ali I – <i>agora</i> não tem nada, tem alguma coisinha <i>agora</i> , batata esse tipo de coisa. Palmeira que plantaram até na beirada lá, esse tipo de coisa.
18	INF3	L150	D – tem mais casas daqui pra lá agora? I – não, não tem mais nada, tem a casa daqui, dessa mulher que mora aqui <i>agora</i> , que morava lá, também ali em cima ali, na virada lá, é aqui perto, da mais, quase mil metros daqui até lá. Ela morava lá.
19	INF3	L155	I - Depois o marido largou ela com os filho ali, e daí foi embora pra Paranaguá. Quando vinha ali era pra brigar com ela. Ele judiava muito dela e ela se aborreceu. E o irmão dele é aquele que mora pra baixo ali

			do portão. Depois um dia ela veio bater aí, meu filho morava ali sozinho, e aí <i>agora</i> ela (es)tá ali com ele, <i>agora</i> . (inaudível) tem a casa pra lá, eles cortam banana, que nós é o mesmo terreno aqui, e tá lá. Só que eles trabalham em cima né?!..
20	INF3	185	I – é::: a região aqui naquele tempo era tudo livre, não tinha nada de perturbação, de ignorância, é como eu to falando pra você. Adepois que a Copel entrou aqui, uma parte que ela ta ganhando do governo pra olhar por isso aqui pro governo, então mudou muita coisa. Pra eles (es)tarem perturbando um e perturbando outro. Aqui tinha dez morador(es) dentro dessa área aqui, fiquei só eu, <i>agora</i> to só eu, ta aí a diferença. Não tinha nada dessas coisa(s) de (es)tarem aí perturbando aí. O que era do governo, era do governo, todo mundo respeitava, todo mundo trabalhava, é::; e adepois essa área aqui, a minha
21	INF4	L34	D – então::: como eu tinha te dito antes, eu vim aqui pra senhora me contar um pouco sobre como era a sua vida antigamente, quando você era criança, como era quando era jovem, como que era a região aqui, como que era sua vida? Queria que a senhora me contasse... I – nem... nem fale, a nossa vida aqui, quando a gente nasceu e se criou... a nossa vida aqui foi muito sofrida, meu Deus. <i>Agora</i> tá bom, porque tem estrada pra sair né, com a idade da gente.
22	INF4	L38	I - Mas quando meus filho(s) eram pequeno(s), eu sofri muito. Pra gente viajar daqui eu pegava os meus filho(s). A canoa era bem pequenininha. pra viajar, a gente pegava um filho, ponhava na nuca, e outro no braço aqui, - por que era poucos anos, tinha um ano, um ano e sete meses eu já tive o outro - então era muito sofrido as viagem(ns) aqui, só que <i>agora</i> mudou muito. Melhorou muito pra nós, depois da nossa idade, melhorou muito.
23	INF4	L44	I - Agora nois já (es)tamo(s) de idade, cansado, meu marido já ta com::: vai fazer oitenta anos em fevereiro, <i>agora</i> a gente já quase pouco trabalha. Nós ainda trabalhamos em roça, mas só que como de primeiro não. Foi muito sofrida a vida aqui sim,
24	INF4	L71	D – e os pais da senhora nasceram aqui também, I – meus pai(s)... é::: meus pai(s) são daqui. Morreram tudo, mas moravam ali, mais pra cima, lá... Depois nós fomo embora pra Guaratuba, teve um fazendeiro ai que era dono do lugar, nós fomos embora, daí nois <i>compremo</i> aí, da minha sobrinha, prima, da minha prima aí. Que eles me chamam de tia, né, <i>agora</i> nós (es)tamo(s) aqui, morando aqui, já vai fazer seis anos que nós (es)tamo(s) aqui.
25	INF4	L92	I – aquela época do nosso casamento foi bom, porque daí, nós trabalhava do mesmo jeito, é como eu falei pra você, pra criar os filho nois tivemo(s) que lutar bastante... bastante::: é que a gente graças a Deus tinha saúde né?! pra trabalhar, só que <i>agora</i> a gente tem problema de diabetes, pressão alta né, então a gente ta mais por aqui
26	INF4	L103	D – e naquela época vocês saiam bastante daqui ou era mais difícil? I – ah saia só pra procurar recurso pros filho(s), único que nós saia, e alguma festa do Divino em Guaratuba, sempre a gente ia, mas <i>agora</i> a gente não sai. Quando o pai ajudou a comprar um carro para o meu filho, nós <i>vai</i> mais aqui em Guaratuba. Depois tem esse ônibus que a gente viajava, não tinha isso antes, a gente tinha que ir pra Guaratuba e voltar à remo.
27	INF4	L106	I - Depois conseguimos comprar um motor, aí melhorou. Só que <i>agora</i> ta bem mais melhor, pra nós melhorou.
28	INF4	L108	I - <i>Agora</i> pro natal, meu filho veio buscar nós, nós ficamos desde o meio dia até as três da tarde pra passar pra cá. O rio tava cheio, não conseguia passar. Aí eles vieram aqui, deixaram nós e se mandaram

			embora.
29	INF4	L111	I - Então fazer o que né, a gente já passou o que passou, é como diz você, <i>agora</i> tem que descansar.
30	INF4	L132	I – a tinha, o meu tempo de menina tinha muita festa. Tinha festa do::: tinha festa do Bom Jesus, tinha festa do ::: festa de São João, só que <i>agora</i> a comunidade aqui ficou tudo crente, então não tem mais. E os pessoal que faziam as festa já são tudo morto, falecido.
31	INF4	L134	Na época, você veja, eu era criança, <i>agora</i> já to com 74, foi indo, foi indo, o povo também foi indo embora, já faleceram.
32	INF5	L12	I – é::: a::: então quando eu entrei no segundo ano, eu saí pra entrar mais um pouquinho. E até que, lá [tem] uma casa de telha, lá do meu tio João, fomos pra lá, é::: dois andar né, eu estudei. Adepois, eu não sei se o governo, o prefeito que fez uma::: (escola) ali, que <i>agora</i> quando termina fazem outra ali. Ali tem uma nova não tem. E foi assim.
33	INF5	L27	I - As vezes posava, o pai::: conforme a maré, a madrugada... o pai remava nós vinha de noite... levar a lavoura vender lá sabe? Porque não tinha “sa menina” ninguém que tinha mercearia, era só pra lá, só pra lá. E vivia guria! Ele comprava uma caixa de sabão - eu sei que dava pro mês, dava até cortar outra vez, que cortava arroz, o milho, fazia farinha, levava::: Dava “sa menina”! É como <i>agora</i> né, trabalha, o que ganha de pensão, o que ganha da roça, tudo vale né, porque assim como sobe, lá sobe lavoura também, né “sa menina”!?
34	INF5	L101	I – aquele vizinho dela era namoro, sabe?!, era de namoro, e <i>agora</i> ela tem um homem que vive com ela,
35	INF5	L168	I - Se eu fosse nova ainda eu ia daqui a Guaratuba de canoa, mas que tivesse um forte pra remar, e a remo pra se lembrar do tempo passado. Mas só que <i>agora</i> a gente não tem força mais.
36	INF5	L172	I - Minha prima mora bem aqui, ela vendeu o terreno dela, lá atrás da escola. É tudo dos Amorim, nós morava(mos) lá né, só que depois espalhou. Aí o sogro dela morreu, que é meu tio, e ela vendeu lá. Aí foi pra Limeira, não acostumou! Foi pra Guaratuba não acostumou! E <i>agora</i> (es)tá aqui, comprou um pedaço da minha filha, que pra lá, lá pra baixo [...]
37	INF5	L232	I – eu tive::: tive em seguida bastante criança, tive dois, três criança, tive três só que um não gerou, D – quantos a senhora tem hoje, I – <i>agora</i> eu tenho cinco, é:::
38	INF5	L306	I – Da escola, como levava de canoinha pra lá, que não tinha, olha irmã! <i>agora</i> , graças a Deus, nosso governo, nosso prefeito, os homens são a lei, abaixo de Deus.
39	INF5	L307	I - era difícil irmã, <i>agora</i> (es)tá tudo bem.
40	INF5	L308	I - <i>agora</i> se eu vou plantar alguma coisinha é porque eu quero, porque o governo já..., o irmão Paulo. Ah::: eu vou contar do meu aposento também
41	INF5	L358	I - como o ... o pai saiu da casa do pai dele, o pai fez uma casa, o macaco, o tucano, vinham comer ripa na porta, tinha algum que o pai tinha pena, por que o macaco põe o filhinho na frente. Mas as vez(es) a mãe fazia comida, pra nós. É longe irmã, o último morador de cima, só que <i>agora</i> não é mais assim, <i>agora</i> eu moro cá pra baixo, antes era lá em cima, o meu ma::: o meu pai deu aqui pra mim e deu lá em cima. Só que o meu marido deu pra um sobrinho dele, que é o irmão Darci.
42	INF5	L412	I - Só que o milho semeia, e o arroz também né. Só que <i>agora</i> mudou né irmã, tem outro tipo de plantaço, que tem arroz entremeio e milho de entremeio, <i>agora</i> o feijão é o mais ligeiro irmã, a irmã pode por, é três mês o feijão. O feijão é ligeiro
43	INF5	L419	I - E daí a gente como é triste quando é criança, a gente fazia carreirinho,

			na espiga inteirinha pra ficar (inaudível), e::: eu um saco ia num instantinho, esse é no meu tempo não é <i>agora</i> . Agora as crianças dela... já ela trabalha na roça quando dá tempo, por causa das crianças pequena, ela né, porque gosta, por que os filhinho dela trabalha, o marido trabalha na roça, os dois trabalham com o seu Rodolfo lá
44	INF5	L514	I - Aquele tempo não era fralda descartável, tirava ali do bebê e já tinha que lavar, lá no rio. <i>Agora</i> é água em casa, é máquina, é tudo. Deus prova irmã!
45	INF5		I - Se a mãe fosse viva, a minha mãe não ia lavar roupa no rio <i>agora</i> . Ela já com o dinheiro da pensão dela, comprava uma máquina, né.
46	INF5	L526	I - É, mas foi muito bom, (inaudível) o pai remava.... quando ele bebia que já tava::: (risos), o pai já tava com goró na cabeça, daí ele dirigia menina, sentado dirigindo, como é que ele sabia que se ele levantasse ele caía, veja só! Mas <i>agora</i> não existe mais, nem mãe, nem pai, nem marido. Existe a família, e Deus irmã, né.
47	INF6	L96	D-uhum.. e a senhora lembra mais ou menos como era a igreja, a escola naquele tempo? I- não tinha igreja nada::: D-não tinha? I - eu que::: e mais uma mulher que nós (inaudível) a igreja assim nós levava a::: assim a::: nós levava assim a::: pro padre dá missa numa casa que tava quase caindo, nós é::: nós convidava o padre pra dá a missa daí nós fazia bolo nós ia:: vai ver a igreja que tem agora, né Rosana que não tinha igreja
48	INF6	L159	D- Dona Maria, antigamente o que a senhora acha que era muito diferente de hoje em dia, como que era a vida antigamente do que é hoje, principalmente aqui no Cubatão, o que tem que é bem diferente, as estradas e tudo o que a senhora falou IF- Não, aqui melhorou muito por que tem ônibus na porta pras criança, tem merenda, hoje em dia a criança tem mochila, tem quanta coisa, tem roupa boa. Antigamente nO era isso, tem alguma criança que não quer ir pra escola né::: nós não tinha isso, não tinha ônibus. nós devia levar lanche pra cá::: pra escola. é::: antigamente não tinha isso. Agora tem comida boa na escola né:::
49	INF6	L336	Quem que trabalhava na terra de vocês? I - ahh::; o meu marido trabalhava.. e eu D- e as filhas tiveram que trabalhar também? I - as filhas sim, só que essa lá foi estudar já (se refere a filha presente). E::: a outra também ajudou e a outra também. Tinha Três né::: aham. Era tão gostoso e colhia café caia dos pé aham. Cana nós plantava. De cana dá garapa gostosa né::: D- é::; verdade I- também ninguém não morria assim antes do que agora tão morrendo os pessoal né::: é tudo axotóxico (agrotóxico) na carne nas coisas assim. Tudo o que na roça você colhe e isso não faz mal, não tem nada de axotóxico né (se refere ao tempo passado), que eles botam tudo, até na carne que ta embrulhada que a gente compra, embalada né. E daí é isso, faz tudo mal. Tudo é isso, tudo comida caseira. Hoje tava um que, eu botei café, tinha linguiça tinha presunto tinha queijo. O homem comeu pão de casa com doce só. O doce de banana que eu fiz, muisse né. Diz que essa é a comida que a gente come. Esses que trabalham na escola que tão pintando
50	INF6	L396	I- plantavam banana aqui. Só que do antigo meu::: quando eu era criança não plantavam banana. Daí plantava as coisas pra comer... um estaial(inaudível) Um aipim. E ninguém dava doença [...]

			I- agora a turma só vão no médico né. Né que a mãe não foi mais do que um ano no médico?
51	INF6	L406	I - e eu quase morri né, a minha pressão subiu. Ela andou toda noite pra Garuva, pra Guaratuba antes. Né Rosana Filha - sim. A gente encontrou um médico muito bom que cuida dela em Guaratuba né?! I- não, mas <i>agora</i> a mãe não foi quase um ano já.
52	INF7	L30	I – e eu nasci aqui, nasci lá na Fazenda estrela, onde é a fazenda estrela, <i>agora</i> mudou o nome né,
53	INF7	L33	D – já era fazenda estrela lá na época? I – na época que eu nasci era fazenda estrela, <i>agora</i> que trocou o nome, diz que trocou, não sei, por que a gente não sabe ler né.
54	INF7	L38	D – 67, nasceu em que ano? Lembra o ano? I – <i>agora</i> ::: segunda feira <i>agora</i> eu faço 67.
55	INF7	L89	I – eu não sei quantos anos ele tinha, ele é dez anos mais <i>véio</i> do que eu. D – então tinha 23 I – é, daí <i>agora</i> a gente tá aqui, D – a senhora tem o marido ainda? I – não, nós somos separado(s).
56	INF7	L104	D – e quantos filhos a senhora teve? I – com ele? É::: tive dez, D – dez filhos?! e estão todos por aí os filhos? I – Não. Tenho só três <i>agora</i> , tudo falecido, aham, só três. Tenho dois piá e uma menina,
57	INF7	L110	I - tudo casado, aí a gente (es)tá aqui, agora esse de <i>agora</i> é o segundo casamento né, mas to vivendo bem graças a Deus, ele já.
58	INF7	L112	Deus mudou ele assim, o coração dele, ele ta bem, pessoa meiga <i>agora</i> , não é mais aquela pessoa ruim, (es)tá tudo bem graças a Deus,
59	INF7	L269	I- tenho muito <i>sodade</i> da Marines, esqueci também, o Neco ali da fazenda, que é da Congregação né, também, da mesma época, tenho <i>sodade</i> . A gente brigava co Neco, batia no Neco, né, hoje eu olho: <i>tadinho</i> , brigar pra que né? (risos) D – é as quando a gente é novo é assim mesmo. I – não, mas eu tinha inveja dele porque eles tinham vaca, tinham renda e eu não tinha. D – e daí batia nele? I – batia nele por causa disso (risos), ai meu pai amado! Até hoje tenho <i>sodade</i> dessas coisa assim né, se fosse <i>agora</i> né, se fosse <i>agora</i> a gente tratava melhor, tudo, se <i>vortasse</i> no início de <i>vorta</i> , né,. Mas graças a Deus a gente (es)tá feliz né, você (es)tá visitando a gente, a gente gosta quando vem visita(r) a gente, sabe?!
60	INF8	L17	I – eu fiz ano <i>agora</i> ::: quanto::: eu sou meio ruim. Néia! (chama a neta). Vou pegar meu <i>documento</i> , pera aí. (pausa). Daí::: nasce::: eu aqui me criei aqui <i>memo</i> , e aquele <i>home</i> que é o pai do menino lá (se referindo ao neto que é aluno da documentadora), nasceu lá também. E é daqui do: do:
61	INF8	L43	D – a avó também é daqui, também é nascida aqui? I – não, meu avô da minha mãe, o pai da minha mãe era de Bahia, D – ah, era da Bahia.

			I – é::: mas <i>agora</i> os tronco mais velho assim eu não <i>cunhici</i> .
62	INF8	L238	I –[...] eu <i>trabaiei</i> muito com meu pai minha mãe na roça, me criei na roça <i>cum</i> meu pai e minha mãe, e depois até::: até uns tempo ainda <i>trabaiei</i> , depois agora meu fio disse que não::: que não é pra <i>trabaia</i> mais, chega! Eu criei tudo meus <i>fio</i> , não precisava <i>trabaia</i> mais.
63	INF8	L262	D – e a senhora tá gostando de morar pra cá?::: I – é::: tem que <i>gostá fazê</i> o que né, (risos). Porque, é::; esses dias <i>agora</i> eu disse pra ele né:: eu::: eu gostava de ter minha casinha né, daí ele: não! Não vai morar sozinha! É ruim